

IMPRESSÃO
ABR. N.º 76

SERÕES

OUTUBRO 1911



F.M. CRV.

MUSEU D'ARTE — Leonardo da Vinci (1452-1519). Escola italiana — Beatriz d'Este

Summario

MAGAZINE

	Pag.
UM VELHO PESCADOR <i>(Frontispicio)</i>	242
OS BRAZÕES JAPONEZES <i>(1 vinheta, 6 illustrações e 42 braços)</i> por W. DE MORAES	243
VOLUPTUOSO MILAGRE <i>(1 vinheta e 4 illustrações)</i> por AQUILINO RIBEIRO	251
ARTE PORTUGUÊSA <i>(Illustrações)</i>	
A salmeja — SILVA PORTO	258
Bailados espanhoes — SILVA PORTO	271
Retrato de M. ^{me} S. L. — CARLOS REIS	292
OS VENDILHÕES AMBULANTES <i>(1 vinheta e 9 illustrações)</i> de ROCHA MARTINS	259
UMA COLLECÇÃO ORIGINAL <i>(1 vinheta e 3 illustrações)</i> por MANUEL DE MACEDO	265
EM TANGER <i>(8 illustrações)</i> por GIL EANES	272
O ALGARVE <i>(13 illustrações)</i> por JOÃO MASCARENHAS DE MELLO	277
O JORNAL DO MAR <i>(1 vinheta e 9 illustrações)</i> por ALFREDO GUIMARÃES	293
RESENHA PORTUGUEZA <i>(5 illustrações)</i> por PORTUGAL DA SILVA	305
THEATROS <i>(2 illustrações)</i> por PORTUGAL DA SILVA	314
PELO MUNDO FORA	318
SERÕES DAS SENHORAS <i>(1 vinheta)</i>	319

Serões



Historia —
— Sciencia
Romance —
— Arte
Actualidades —
— etc. —

Magazine Mensal Illustrado

PROPRIEDADE DA
LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritores
e artistas portuguezes e brasileiros.

Assignatura annual, 2\$200 réis
Semestre, 1\$200 réis
Numero avulso, 200 réis.

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

Atenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier**. Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao **DICCIONARIO**.



Diccionario Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portugêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquisas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionario Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionario verdadeiramente **prático**, isto é, um diccionario em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna sollicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquisas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portugêsa

Locuções latinas e estrangeiras

Historia e geographia

O Texto

apresenta o mais copioso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionario d'esta natureza, abrangendo a **lingua**, as **letras**, as **sciencias**, as **artes**, acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas

estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, appoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos**, **antónymos**, **proverbios** e **locuções proverbias**,

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenas de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia**. Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográphicas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguesa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portugesas, brazileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3\$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prazos que o comprador indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.

N.º 76



OUTUBRO 1911



CARLOS REIS — UM VELHO PESCADOR



Os braços japonezes

QUEM haja permanecido por alguns annos no Japão e relanceado, com espanto, com interesse, com amor, a gentilissima scena exotica, experimenta naturalmente o desejo de respigar detalhes, de fixar minucias. Dado á tarefa, é certo que, quanto mais busca a profundar o motivo que escolheu, tanto mais se convence da impossibilidade de comprehende-lo, de comprehender o Japão e o seu povo, de penetrar emfim o denso mysterio que o rodeia. No entretanto, de quando em quando, uma percepção fugidia das coisas lhe relampejará no espirito; bastante intensa, todavia, para o deliciar em surpresas. O investigador apaixonase assim pelo seu thema, enthusiasma-se pelas ligeiras descobertas que realisa. Julga então, por um doce impulso de altruismo, poder transmittir a sua paixão, o seu enthusiasmo, a estranhos, a compatriotas distantes... o que raramente porém succederá. E assim nasce a ideia de escrever, de communicar pela imprensa a commoção sentida; vindo em breve a monographia, dada á luz em artigo de jornal ou em livro, a qual, na maioria dos casos, fará adormecer de tedio o leitor desprevenido...

Véem estas linhas a proposito do presente ligeiro artigo sobre a heraldica japoneza, sobre os braços japonezes. O assumpto encantou-me, quando lhe dei toda a attenção que pude dar-lhe, revelando-me curiosas evoluções de mentalidade, estranha-

caracteristicas de esthetica, de modo a pôrem em realce differenças de raça, de costumes, que tanto extremam da familia occidental o povo japonez. Conseguirei acaso despertar algum interesse em quem me ler?...

Na Europa, os braços são ou foram os distinctivos dos nobres. Entre japonezes, referindo-me á época que corre, os braços, os *mon*, são os distinctivos de toda a gente; mais rigorosamente: — são os distinctivos de todas as familias, — porque, como os appellidos entre nós e entre elles, o *mon* distingue as familias entre si, não os individuos; o *mon* é pois, de certo modo, um *appellido graphico*.

Quem já alguma vez passou por este imperio, deu fé, por certo, da figurinha graciosa, que destaca, em branco geralmente, sobre a veste superior (*haori*) do japonez e da japoneza; estampada, bordada ou tecida em tres ou cinco partes, isto é, sobre as duas mangas e sobre o alto das costas, e também, por vezes, sobre o peito, nos dois lados. Esta figurinha é o *mon*, o braço de familia, usado por todos os individuos quando em trajo de luxo ou de cerimonia; claramente, os miseraveis, em cujos tristes andrajos o adorno iria má, dispensam-no.

Da simples observação do *mon*, podemos já concluir que o japonez gosta de trazer comsigo e de patentear emblemas distinctivos, n'este caso os de familia. Outros exemplos véem corroborar a asserção; sem

já falor no uso e abuso de uniformes, adoptados em varias centenas de misteres, nota-se que os carpinteiros, os jardineiros, os jornaleiros e outros homens de tal labuta,



UMA' — YAKKO, NOTAVEL GHEISHA DE KOBE
(VISIVEL O MON SOBRE O PEITO)

geralmente dirigidos por um chefe, um *cabeça*, ou ao serviço de uma corporação, usãem em regra, nos seus proverbias kimonos curtos, de algodão azul-ferrete, estampado o nome do chefe, do *cabeça*, ou da corporação que servem; isto em enormes caracteres brancos, sobre o peito e sobre as costas.

O amor dos japonezes pelo distinctivo, pelo symbolo caracteristico, deriva do feudalismo, que é a origem, por excellencia, das multiplices distincções sociaes; tambem o feudalismo creou, como é notorio, a heraldica europeia. Mas aqui, no Japão, deve ir buscar-se a explicação do facto ainda a tempos mais remotos, ás primeiras fundações do imperio japonéz, quando os dirigentes das hostes conquistadoras se apresentaram

como filhos dos deuses e como elles sagrados. Esta super-theocracia estabeleceu desde logo profundas divisões entre as classes servidoras, que eram de funcções hereditarias, e um complicadissimo cerimonial de etiqueta em exercicio; donde surgiu naturalmente a ideia de differençar por signaes, facilmente visiveis, os diversos funcionarios, ou, o que era o mesmo, as diversas familias.

Sabe-se, com effeito, que, logo nos principios da constituição do imperio, os funcionarios encarregados do guarda-roupa imperial suspendiam, em frente das barracas que habitavam, a figura de um pepino; conhece-se igualmente que os portadores de armas marcavam as suas lanças e tambores com a figura de *tomoé*, symbolo oriental, em forma de virgula, de origem



DAMAS EM PASSEIO
(VISIVEL O MON NO HAORI DE UMA DELLAS)

remotissima. O pepino e o *tomoé*, foram pois os primeiros brazões que o Japão instituiu.

Com o desenvolvimento da civilização e com o desdobramento dos encargos, o uso

dos brazões foi progredindo. Ignora-se quando elle foi adoptado como agora o conhecemos, como se ignoram muitas outras velhas coisas, introduzidas no Nippon antes da arte de escrever, registadas apenas pela Vóz da tradição. O primeiro documento que atesta o uso do *mon* no vestuario é um retrato do principe Unoyado, feito no nosso seculo VI.

Com o advento do regimen feudal, o emprego do *mon*, a principio apanagio do soberano e sua côrte, estendeu-se á classe militar; os grandes *daimyô* (senhores feudaes) possuíam geralmente tres *mon*, dois *mon* os *daimyô* de menos importancia, um simples *mon* os *samurai* (homens d'armas).

Em 1871, cessou o feudalismo; e então toda a gente se apropriou do uso do *mon*, perdendo até muito da sua importancia nobiliaria, passando a ser, principalmente, um mero adorno.

O *mon* applicava-se, não só nas vestes, mas sobre os armaduras, sobre os copos das espadas, sobre os estandartes de guerra, sobre as lanternas de papel, sobre as malas de viagem, sobre as baixellas de serviço e

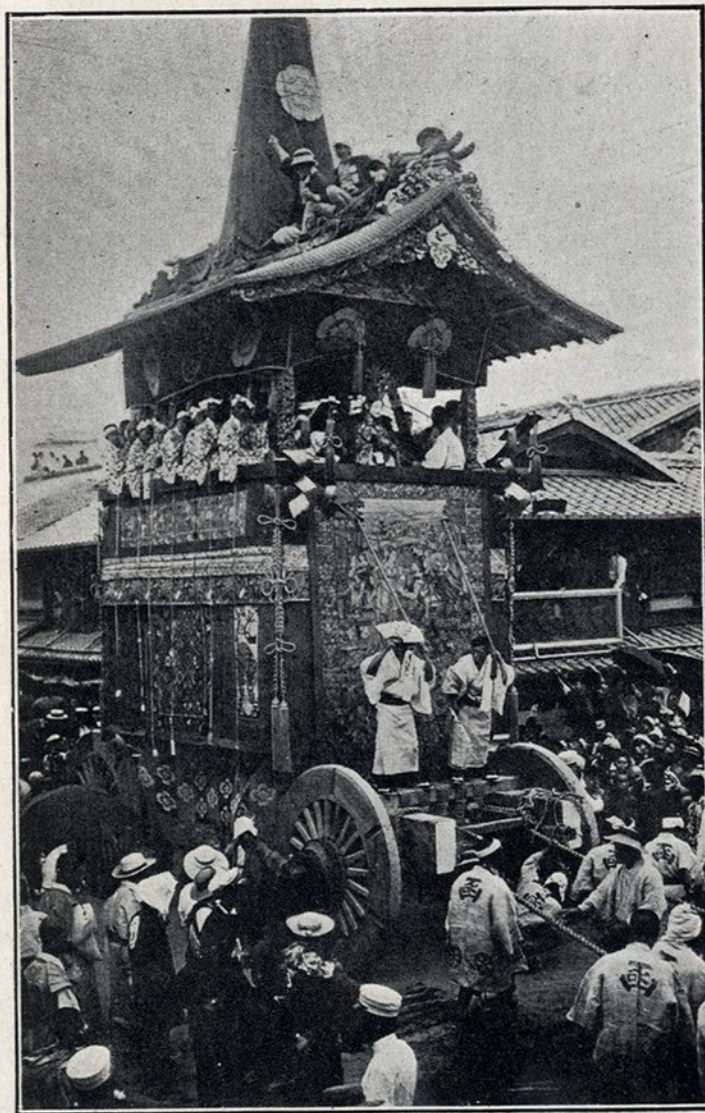
sobre muitos outros objectos. Ainda hoje, alem do emprego sobre o *haori*, e *mon* tem cabimento nas lanternas, nos chapéus de chuva, etc.

Poderia suppor-se que este curioso exotismo japonéz deriva da China, de cuja ve-

lhissima civilização o Japão tanto aprendeu. Não é porém assim; o *mon* é de pura origem japoneza. Na China os graus hierarchicos distinguem-se pelos botões que encimam os chapeos dos mandarins, pelos colletes amarells, pelos *plastrons* bordados sobre as vestes; mas nunca o *mon* adornou a manga da cabaia, como adorna a manga do kimono; figurinha graciosa, particularmente interessante sobre as sedas deliciosas do *fato da musumé*, fato que é a coisa mais gentilmente encantadora, mais estheticamente capti-

vante, de tudo que a humanidade ainda inventou para vestir uma mulher!...

¶ Disse eu já que o *mon* é o distinctivo da familia. Herda-se de paes a filhos; a filha que casa, porém, deixa, em regra, o brazão de familia, para adoptar o do marido, ou o da mãe do marido, porque, dentro de uma



CARRO TRIUMPHAL DE SUMIYOSHI, PERTO DE OSAKA,
ADORNADO COM O BRAZÃO IMPERIAL

mesma familia, os brazões differem muitas vezes entre os sexos, escolhendo as mulheres motivos mais mimosos, mais em harmo-

chinezes, das figuras geometricas e de outros muitos objectos. Veremos noutros *mon* como os motivos simples se combinam, accu-

sando assim antigas allianças de familias, ou como a phantasia japoneza se exerce em formas complicadas, n'uma profusão inimaginavel de estruturas. Por ultimo, não será a menor surpresa a tecnologia heraldica, adoptada.

A impressão resumida que colhemos de tudo isot, d'esta heraldica inconcebivel, contida na chimerica colleção de alguns



FAMILIA JAPONESA (VISIVEL O MON NA MANGA DO HOMEM)

nia com a emotividade delicada do seu ser. Succede tambem que certos ramos da administração official, companhias commerciaes e outras empresas adoptam para si um *mon*, um symbolo distinctivo.

Entramos agora na parte mais interessante da materia, a parte descriptiva, graphica. Vão passar-nos pela vista alguns modelos da serie curiosissima de brazões, que se contam por milhares, usados pelos japonezes em épocas distantes e na época presente. Em alguns *mon*, notaremos os motivos simples, inspirados directamente nas formas das flores, das aves, dos insectos, dos utensilios domesticos, dos caracteres

milhares de figurinhas, é a das differenças radicaes de mentalidade, que cavam um abismo de discordancias entre o japonéz e



TEMPLO SHINTÔISTA DE SUMIYOSHI, PERTO DE OSAKA, ADORNADO COM O BRAZÃO IMPERIAL

a nossa raça. Quem imaginou estes traços, quem concebeu estas curvas, quem deixou evolucionar o pincel n'estes caprichos, não

pensa como nós, embebe-se de principios estheticos de civilizações remotas, que nada téem de commum com as civilizações onde o homem branco foi beber elementos para constituir a sua. Como, dos pequeninos incidentes, se podem tirar grandes conceitos, adquirimos por este modo um argumento a mais, que nos leva a esperar do povo japonês, no alastramento dos seus progressos, todas as surpresas inverosímeis; a nossa experiencia da vida não pode prevêr a futura maneira evolutiva d'este ramo tam exotico da arvore da grande familia humana.

O imperador do Japão adopta para si dois *mon*, o chysanthemo de dezeseis petalas (fig. 1) e a paulownia (fig. 2). O primeiro é o mais solemne, e data, parece, do anno de 1186; é elle que rebrilha, em oiro, sobre o fundo carmezim do estandarte imperial. Ninguem mais, alem da familia imperial, pode usar d'estes dois *mon*, ou mesmo reproduzil-os por qualquer frivolo motivo. No entretanto, como adorno dos varios estabelecimentos do Estado e de alguns templos shintóistas, estes brazões téem cabimento; nas notas do Bañco do Japão e nas moedas de metal, tambem o chysanthemo de dezeseis petalas figura.

Entre os brazões mais notaveis na historia japoneza, destacam-se os das duas poderosissimas familias Taira e Minamoto, tam vistos sobre os estandartes de guerra, du-

rante as tremendas luctas em que se agitou o imperio, no nosso seculo XII. O *mon* dos Taira éra uma borboleta (fig 3); o dos Minamoto, tres flores de genciana sobre cinco folhas de bambú rasteiro (fig. 4).

O *mon* de Nanko, um famoso guerreiro do seculo XIV, considerado como o typo de inquebrantavel coragem e de lealdade ao soberano, era uma flor de chysanthemo fluctuando sobre a agua (fig. 5).

O padre Francisco Xavier desembarcava no Japão, em Kagoshima, no dia 15 de agosto de 1549; tendo em breve a surpresa carinhosa de se saber que o brazão do *dai-myô* d'aquelles sitios era formado por uma cruz (fig. 6). Mas cedo o informaram de que o *mon* representava simplesmente a argola do freio de um cavallo, conforme o uso de então.

Deve suppor-se que cada *mon*, cada brazão, teve em principio a sua historia, esquecida, em geral, das novas gerações. A historia do brazão dos Tokugawa,

celebre dynastia de *shôgun*, generalissimos (1603-1868), é porem, como algumas outras, memorada. Consta que, após uma batalha gloriosa, foi servido a Ieyasu um acepipe, sobre tres folhas de asaro; d'este incidente, tirou o primeiro *shôgun* o seu brazão (fig. 7).

Conta-me agora o meu criado que sua familia, em tempos idos, possuia fartos bens. O seu brazão éra constituido por espadas e



CEGO DE MAÇAGEM VAGUEANDO PELA NOITE (VISIVEL O MON)



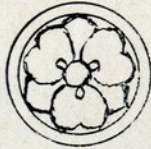
1



8



2



9



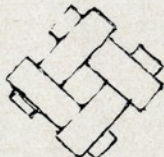
3



10



4



11



5



12



6



13



7



14

uma flor de oxalidea, dentro de um circulo (fig. 91). Perdida a fortuna, o pae supprimiu, por modestia, o circulo do brazão (fig. 8); isto sobre pretexto de que o circulo, como coisa redonda, suggeria a ideia mal cabida de uma moeda de metal.

Tres brazões que apresento (fig. 10, 11 e 12) tiram as suas formas das bordas dos antigos poços, ainda hoje muito vistos nas aldeias; aproveitando o motivo simples e complicando-o em phantasias.

Chegamos aos brazões inspirados em um remoto symbolo chinez, denominado *tomoé* (fig. 17, 18 e 19). Este symbolo servia para indicar o principio positivo ou negativo, nucleo de todos os phenomenos da vida, nucleo de todos os phenomenos materiaes, na metaphysica classica dos chinezes; e nota-se a curiosa coincidencia, ou antes, a meu vêr, o decidido proposito, de ter o *tomoé* a forma de uma virgula, ou, melhor, a forma do embrião de todo o germen fecundado, animal ou vegetal. A curva do *tomoé*, profusamente reproduzida nas coisas que a natureza offerece aos nossos olhos (como por exemplo nos rebentos dos fetos e de outras plantas e nas petalas de certas flores), é, variada até ao infi-



15



16



17



18



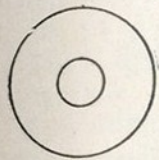
19



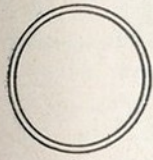
20



21



22



23



24



25



26



27



28

nito, um dos assumptos favoritos da arte ornamental n'este paiz.

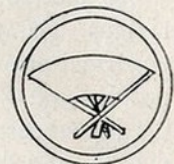
Alguns brazões (fig. 20, 21, 28, 29 e 41) indicam que a sua origem emana das povoações do littoral, dadas á pesca, manejando o barco, familiarizadas com os rios e com o oceano. Outros (fig. 26 e 40), pelo contrario, derivam das povoações dos campos.

O brazão da fig. 31 traz-nos a inesperada informação de que os japonezes vão buscar — e talvez como elles mais ninguem — assumpto para a sua arte ornamental ao córte transversal de uma pera, onde, com effeito, as pevides e as nervuras offerecem uma disposição de interessante symetria; o pepino e outros fructos prestam-se a analogos motivos. O caso, pela novidade, merece talvez da nossa parte — homens occidentaes, tam arredados das harmonias do naturalismo ambiente, — horas de estudo; ponhamo-nos a cortar as peras e os pepinos, e a prescrutar, por desfastio, esses aspectos.

A fig. 35 representa outro famoso symbolo chinez, o *manji*, que já vem da India, onde tem a denominação de *swastica*. De grande importancia mystica no buddhismo, de grande emprego em assumptos decorativos, o *manji* significa «Gloria eterna».



29



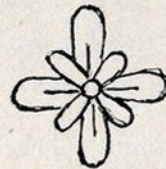
36



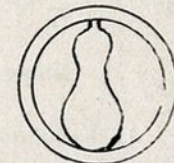
30



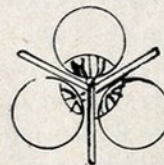
37



31



38



32



39



33



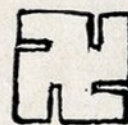
40



34



41



35



42

Ao motivo do braço da fig. 22, chamaríamos nós, doutoramente, em memoria de ensossos principios de geometria, engulidos nos lyceus: — dois circulos concentricos. — Os japonezes dizem graciosamente: — *já no mé*. — olho de serpente.

Terminando a enumeração que poderia não ter fim, apresento o *mon* (fig. 42) adoptado pela empresa de uma curiosa exposição de artigos de exportação, realisada em Kobe ha poucos mezes. O *mon* tem a forma de um triangulo: de um ponto central. partem tres barcos de vela, separados entre si por linhas curvas, que figuram as ondas do oceano: allegoria á importancia do porto de Kobe, que é o primeiro, em movimento maritimo, do Japão.

Nomenclatura dos braços

1. *Kiku no gomon* (o augusto braço do chrysanthemo) — 2. *Kiri no gomon* (o augusto braço da paulownia) — 3. *Uwaha-chô* (borboleta de azas erguidas) — 4. *Sasa-rindô* (bambú rasteiro e genciana). — 5. *Kiku-sui* (chrysanthemo e agua) — 6. *Hana Kutsuwa* (argola de freio de cavallo) — 7. *Maru mi nitsu aoi* (tres folhas de asaro dentro de um circulo) — 8. *Ken-katabani* (espadas e flor de oxalidea) — 9. *Maru ni ken-katabani* (espadas e flor de oxalidea dentro de um circulo) — 10. *Kadodachi oso izutsu* (borda de poço delgada, vista de esquina) — 11. — *Kasane izutsu* (borda de po-

ço com entrelaçamentos). — 12. *Hanagata izutsu* (borda de poço enfeitada) — 13. *Mitsu ishi* (tres pedras). — 14. *Yotsu renseki* (quatro pedras reunidas) — 15. *Inazuma hishi* (raio em losango) — 16. *Mitsu hoshi* (tres estrellas) — 17. *Hidari hitotsu tomoé* (um *tomoé* esquerdo) — 18. *Mighi hitotsu tomoé* (um *tomoé* direito) — 19. — *Mighi mitsu tomoé* (tres *tomoé* direitos) — 20. *Maru ni ho* (uua vela dentro de um circulo) — 21. *Kasumi ni ho* (uma vela em nevoeiro) — 22. *Já no mé* (olho de serpente) — 23. *Ito wa* (cordão em circulo) — 24. *Karigané* (pato bravo) — 25. *Musubi karigané* (patos bravos torcidos) — 26. *Chigai kama* (foices cruzadas) — 27. *Osodaki tsuno* (chavelhos de veado unidos) — 28. *Mukai nami* (vagas defrontando-se) — 29. *Matsuda nami* (vagas como um campo de pinheiros) — 30. *Hishi yotsu mé* (quatro olhos em losango) — 31. *Nashi no kiri kuchi* (córte transversal de um pera) — 32. *Mitsu uchiwa* (tres ventarolas) — 33. *Umé-tsuru* (flor de ameixeira e cegonha) — 34. *Mitsu usaghi* (tres coelhos) — 35. *Hidari manji* (*manji* esquerdo) — 36. *Maru ni oghi* (leque dentro de um circulo) — 37. *Mitsu wari kiku* (tres chrysanthemos partidos) — 38. *Maru ni hyôtan* (uma cabaça dentro de um circulo) — 39. *Fukurasu suzumé* (pardal tu-fado) — 40. *Yuki mochi sasa* (bambú rasteiro, carregado de neve) — 41. *Naka ni hitotsu hikari* (fateixa dentro de um circulo) — 42. Braço da exposição de Kobe em 1911.

Kobe — Julho de 1911.

W. DE MORAES.





Voluptuoso milagre

Per manus antem apostolorum fie-
bant signa et prodigia multa in plebe.

(Actos, cap. V, v, 12.)

A' borda do mar de Genesareth, um bom pedaço antes de Tiberiade, vivia uma velha muita velha, que fôra noutros tempos a serva dum sacerdote. Era ali um sitio descampado onde não havia beira nem ramo d'oliveira. A curva fugidia do lago estendia-se para uma banda, para outra o deserto onde as quadrilhas da Samaria passavam a galope, acoçadas pelos galileus. Fôra disto apenas um ou outro caçador de gazelas e os patriotas fugidos á colera romana transitavam por ali.

A boa mulher vivia numa cabana abandonada por leproso ou propheta ha tanto tempo que tinha já a forma adormecida e eterna das rochas á beira dos caminhos. Mirrada, aérea, quasi não a viam os ladrões da Samaria e é natural que a morte passasse por lá sem a vêr. Aó pé da casa, entre duas penhas, havia uma horta onde as couves emmagreciam. Mas eram uns tristes palmos de terra, sem a guarda religiosa duma palmeira nem a voluptuosa meditação dum poço. O sol e a geadá, alternadamente,

caíam lá e calcavam tudo como patas de cavalos. Nas tardes serenas subia do lago o rumor da faina, farrapos de vozes e toda a imovel melancolia do deserto palpitava.

Pelas visinhanças do Pentecostes e da Pascoa a velha espreitava da soleira da porta as nuvens de pó nas estradas distantes. Nessa epoca as caravanas atravessavam por ali, pesadas e imponentes de mil alforjes de mercadores e de corcundas de camelos. Os pobres das aldeias saíam-lhes ao encontro e punham-se a marchar atraz da vaga farta, prodiga de vitualhas, com o faro na esmola expiatoria que os ricos iam largar a Jerusalem.

A velha de Tiberiade aproveitava a primeira caravana que passasse e lá ia na cauda, entre enxames das moscas, para a Cidade Santa. Oito dias e oito noites, á porta do Templo, a sua mão estendida gastava a beatitude talmudica dos barbaçudos armadores de Sidon e dos elegantes patriocios de Damasco. Cheios do Santo dos Santos elles apanhavam a tunica para não roçar a

vaga immunda dos pedintes e era com nojo que lhes cuspiam o obolo. A turma enovelava-se, mordida-se para pilhar a excedida moeda romana. E era uma feroz batalha que se travava ante os olhos divertidos dos phariseus e dos legionarios, com grande ira dos vendilhões que expunham bugigangas de olaria nas escaleiras do Templo.

Ao fim das festas, quando as tendas de petiscos e de curiosidades levantavam, a ve-

das quadrilhas a sua laboriosa colheita. Com ella e as migalhas colhidas no pateo dos ricos rabinos enganava o passadio e pagava o imposto aos cães dos romanos. Estes batiam-lhe á porta nos fins do outomno, quando as cabras começavam a parir. Capacetes ferozes de bronze escoltavam o pergaminho do censo. Mesmo ali no deserto Cesar não se esquecia della; ella porém só ás lançadas é que contava o tributo aos edis de Cesar.



M. Jardim

lha subia a jornadas cautelosas o caminho da Galileia. Tinha as pernas moidas das refregas e o seu passo era indeciso e turtuoso, palpitantemente furtando ao palpite

Afóra o olho oficial ninguem dava tento nella, tam mofina de si e desprezível das coisas, que só na terra não seria mais sosinha. Corria a fama de que na sua vista

havia as peçonhas perigosas que empecem o curso das horas afortunadas. Por este motivo se resguardavam della como de leproso e a corriam á pedra para longe do povoado.

as alegrias e dores selvagens que embalam a vida. Por uma passagem doce e subtil, como só ha nos sonhos, descera da vida de trabalho ao deusdará da indigencia. A sua



M. Jardim.

A velha como estava habituada ás maldades do mundo não sentia estes enxovalhos. A constancia com que se repetiam déra-lhe á alma esta inercia onde nada de fóra pode fazer mossêga. Mas na soledade repassava como um roزاری todas avarezas que a vida tivéra com ella. Ella fóra um destes corações simples que passam do berço á cova inapercebidamente. Os annos deslissam silenciosamente sobre elles, empoeirando-os apenas como aos livros veneraveis da Lei na estante dos doutores. Depois só lhes resta a grande melancolia de errar no vazio immenso do passado.

A velha de Tiberiades nunca conhecera

historia podia illustrar para um levita a profunda parabola dos abandonos: morria sem ter tentado viver.

As vezes perguntava seu entrancado scismar:

— Porque não fui eu rapariga?

Mas a sua simplicidade não lhe sabia tornar resposta.

Seus olhos porem entráram um dia a debruçar-se sobre o misterio das energias creadoras. As aves, as arvores, as lagartas da horta lutavam até a atingir o apogeu insaciavel de viver. Era para esse ponto uma corrida delirante e sanguinaria. E bebiam até ás fezes a hora voluptuosa de seus destinos.

A vida era assim um ciclo fatal que algemava os seres mas de que elles eram soffregos e que elles aperfeiçoavam. E pareceu-lhe entam que é o homem que faz a vida, que faz os destinos, acima dá ordem já estabelecida. E depois disto pensou suspirosamente:

— Ah! se eu pudesse ser outra vez moça!

*
*
*

Um dia ao anoitecer, caía o sol detraz dos montes, estava ella á porta desfiando seus cuidados. Dos horizontes religiosos de Capharnaúm uma nuvem avançava cheia de negros guerreiros e armas negras. Sobre Tiberiade o fumo das cosinhas adensava-se rescendente dos odóres embalsamados dos cedros e dos tamarindos. O lago e a estepe crusavam um olhar de infinita tristeza. O crepusculo trazia todas as melancolias da terra e soltava-as sobre a halucinação do deserto.

Estava pois a velha acocorada na soleira da porta quando um mendigo se chegou a ella e lhe pediu dormida. Vinha arrimado a um bordão, a sua barba e os seus cabelos ruços eram de nazareno porque escorriam abandonadamente em fio.

Repetiu o santo-homen a cantilena e ella, vendo-o tam mesquinho de suam abatida e uma doce cabeça de jumento, lhe concedeu pousada não obstante estar a almotolia na ultima gota e na arca não haver mais que meia tigela de farinha. Depois de cearem e renderem graças ao Senhor o pobre alpardou-se ao borrarho e adormeceu. De madrugada, ainda a primeira gaivota não sulcára os ares, a velha acordou a umas pancadas que batiam no frontal.

— Santinha de Deus — disse o velho — aboletaste o mendigo e o mendigo quer deixar-te uma lembrança. Pede uma coisa que seja ella qual fôr te será concedida.

A mulher veio logo em fralda, estremunhada, e como a Galileia era a terra dos milagres acreditou de boa fé.

— Pede — tornou elle — que não pedirás em vão.

Ella sorriu um sorriso engelhado de cincoenta annos e respondeu:

— Quero, quero ser rapariga.

Ficou o homem muito despeitado por ella não ter escolhido a salvação ou um pelo da barba de Isaais, mas palavra dada não volta atraz.

— Bem; mas para isso preciso de te cortar em bocadinhos, moer, moer até ficares em borra e pôr-te ao lume a coser.

Cheia de medo a mulher ficou perplexa. Uma grande força opunha-se nella ao gelado misterio da morte. O advento das felicidades estava para lá duma hora de não ser. Porque lhe custava pois transpôr a fonte das existencias?

— E' o pensamento proprio de teus desejos, mulher, a cadeia que te prende — proferiu em voz paternal o velho, que parecia ler a descoberto nos corações. — E' elle o creador e o immortal. Escolhe segunda vez.

Mas visto que a vida lhe fôra revelada ella queria exerce-la. A curiosidade de conduzir as energias creadoras inebriava-a. Ella afeiçoaria a vida na ancia de querer sorvendo até a derradeira gota a hora voluptuosa de seus destinos. Levou tempo mas decidiu-se por fim a mulher. Ah! mas estaria muito tempo feita em postas?

— O tempo que fôr mistér — respondeu o velho de má cara, penetrando a vereda nova de seu pensamento.

A duvida e a evidente má vontade do homem atemorizavam-na. Lembrou-se porém duma palavra de seu amo, o sacerdote, e isso deu-lhe alento. Costumava elle dizer ante o espectáculo degradante da Judeia e quando para engodar a sésta se debruçava sobre o livro das prophcias: o que tem de ser será; apenas se não realisam os sonhos em que não ha formosura. Ella como tinha uma alta ideia do amo e de seus sonhos afoitou-se a obedecer ás determinações do homem.

Pediu elle uma vasilha em que a havia de ferver. Ella era avisada, trouxe-lhe um pote grande, barrigudo, e bem firme das pernas, em que caberia um serrabulho de trinta Goliaths e onde nem com a fervura se perderia a areiasinha dum osso. Mas elle pediu coisa mais geitosa e maneavel.

Apresentou entam a mulher uma amphora, o unico vaso mais que havia de portas a dentro. O homem pôs-se a contempla-la: era esbelta como a torre de David e deli-

cada como uma palmeira nova. No bojo
havia toda a doçura que teem as cisternas

mãos a tocar uma fronte dum diadema; a
curva era lenta, ampla, delirante e sumida



PASTEL

ao sequioso lance d'olhos dos peregrinos. As
asas suspendiam o bocal ao alto, parecendo

como a linha das voluptuosidades. Toda ella
dum talhe tam excelso, gargalo alto, fundo

estreito e asas tam voadeiras que o susto da velha voltou.

Mas o homem despoticamente questionou:

— Bem, em que ficamos?

E ella entregou-se para percorrer de novo aquella estrada, de que só agora apercebia, como do pino d'alla montanha, os soes, os beijos, as mandragoras e o tropel das tormentas embuscadas num tenue gosó.

Principiou o bruxo a faze-la em migalhas. Como era quasi diafana os gritos não chegaram ao caminho nem o cheiro do sangue desviou os corvos do vôo alto. Á maneira que ia partindo ia deitando para a amphora, esguia como um candelabro, de asas na postura dos prophetas quando imploram o infinito. Ao cabo de minutos ella tinha perdido o sentimento e o homem poude acabar a tarefa em paz e hora boa. Depois pô-la ao lume e durante um dia e uma noite a amphora ferveu que a carne da velha era churra como dos gaviões de cem annos. Quando tudo se tornou numa massa virgem e rosada expô-la o velho ao sereno. Sobre a manhã, ao romper do sol dentre os cedros, começou a quebrar a amphora em redór, pedacinho a pedacinho com todas as cautelas. E logo que tirou todos os cacos disse para a columna de barro de veias de fogo:

— Vive!

O barro viveu. Estremecendo, cantando um grito de pasmo a principio, viu-se logo numa mulher muito linda e lembrou-se. Fôra uma triste velha muito velha e os milagres da Galileia haviam passado em sua casa. E, como tinha guardado todo o sagaz instinto de mulher, disse para o velho, enquanto bamboleando-se, se mirava:

— Bem desfigurada me vejo de verdade. Tambem não remoçaria o melhor oleiro deste mundo uma faiança antiga. Não fôras tu muito rico da graça de Deus que não obráras assim um prodigio a trôco dumas colheres de papas.

— E' porque teu coração estava triste.

— Consolaste-me, sou a tua serva.

— Não, nada em ti me seduz. Rende louvores ao Inefavel.

— Eu tenho fé. Tua serva, ou tua concubina, porque me não tomas contigo?

— Tu adoras em mim o poder oculto e não o homem. O homem morreu quando reconheci que a felicidade não está nos bens do deleite.

— Onde está entam?

— Onde se não busca.

— E onde é que se não busca?

— Na sciencia de saber ser infeliz.

Ella calou-se comprehendendo que na palavra do velho todos os destinos se egualavam e que as galas da formosura não lhe trariam mais dita que sua desamparada velhice. Depois seu entendimento previdente tornou:

— Não sei como hei de agradecer te...

— Inutil. As minhas mãos sam rotas a dar e a receber.

— Deixais-me então só, senhor?

O velho franziu um sorriso mau, em que havia quasi o desprezo das illusões humanas:

— Tu o desejuste.

— O que ficava bem á velha não fica bem á moça. Que hei de eu fazer? Meu coração deseja mas não sabe desejar.

— Poseste-te á margem da vida por teu belo gosto. Querias amar, sofrer, sentir toda a amplidão da vida julgando que não tinhas amado nem sofrido e tua alma estalava a amar e a sofrer. Cumprias o teu fadario mas não estavas contente. A dita é o contentamento de nosso destino. E verás, tu vais invejar vivendo a velha que se morria invejando.

E como tivesse um olhar inconfundivelmente ironico para ella, que se julgava perfeita, nova e forte, a rapariga remirou-se minuciosamente dos pés á cabeça, as linhas veladas e os seios inquietos. E ao cabo do exame desatou a chorar em fonte:

Ai! a cintura della, meneando-se parecia um anel suspenso; o pescoço, em vez de suspender a cabeça, levantava-a para o ceo, tam alto como se quizesse arranca-la ou oferece-la de pasto aos abutres. As pernas. ah! as pernas que deviam correr os montes, eram tam delicadas que davam ideia de dois bambús encortados que só não caíam porque nenhum delles queria cair primeiro:

— Zombaste de mim! Com tuas malas-artes deixaste-me mais formas de amphora que estatura de rapariga!

Chorou, chorou por muito tempo lagrimas que eram uma orvalhada de perolas:

— Não me queres levar contigo e fizeste-me um corpo inutil. Que ha de ser de mim! Meus olhos sabem ver o passado mas não penetram no presente.

Tambem suspirava ella que o velho em-

va. Uma caravana surgiu na estrada cheia de pó e patas de dromedarios.

As lagrimas da rapariga não cessavam de correr como as melancolias olorosas das divindades. S. Pedro — que outro não era o velho de boa cabeça de jumento — embebedou-se com ellas. No fundo da sua alma



mandingueiro pareceu enternecer-se. Que fazer desta creatura tam perfeita e subtil que guardava a condição da velha de Tiberiade?

Em volta echoavam os gritos das gaivotas moirejando no lago. Como um velho general coruscante e orgulhoso o sol avança-

atravessou então uma prece ligeira:

— Perdôa, ó Deus que da tua costela de inefavel graça eu arranque a Eva da graça humana.

E estendendo a mão, sorridente, no gesto de quem comete uma tolice linda, creou a dansarina.

(Paris, inverno 1909 — Desenhos, dansarinas por Manuel Jardim.)

AQUILINO RIBEIRO.



SILVA PORTO — A SALMEJA

Os vendilhões ambulantes

(Lisboa de manhã á noite)



LISBOA acorda todas as manhãs ao som d'um pregão garganteado:

— O' leite!...

E' quasi sempre uma varineta lépida que o solta, franganinha delicada, a des-

pertar para vida a cidade e todos os outros vendedores ambulantes.

Ainda o sol vem longe já a gaiata saltou da cama, aferrada á idéa da obrigação. Não deixa por isso de se ataviar, de se mirar no espe-lhinho preso na parede branca do seu quarto, de vestir o cham-bresinho lavado que os seios rijos alteiam, de emolhar com graça as saias, atar á cabeça petulante o lenço garrido e, jungido o busto airoso no collete, pôr-se a correr os bairros n'um tilintar de medidas de folha e n'um rumor leve de tamanquinhas.

Pelas madrugadas cinzentas d'inverno essas figuritas passam mais sumidas, amortecidos um pouco os movimentos, borrifados os cabellos como penugens d'aves orvalhadas mas agora, por estas manhãs de luz, parecem os arautos do labor cantando a vida no seu pregão alegre.

A'quella hora são sacudidas as miserias nos leitos pobres. Levantam-se os trabalhadores ainda derráncados, descem á rua a

caminho das obras, sarapintados de tintas ou em gangas manchadas e pelas hospedarias dos bairros suspeitos, erguem-se também os parias, os sem profissão ou antes os da legião dos mil misteres: vendedores de lapis e reguas, de livrinhos de papel de cheiro, de brin-



O' LEITE DE CÁBRA

quedos patuscos, trapeiros e ferros-velhos, os homens dos bolos, gente vinda de todos os naufragios para todas as aventuras e que acabando a lida á hora em que se fecham

baiucas e cafés vae bater ás portas dos esconsos para dormir e surge para a estafadeira ao pardejar das madrugadas.

Por entre esta serie de destroços é que a leiteirinha passa como uma aldeã entre



TOALHAS, PEUGAS E GUARDANAPOS

tipos citadinos, ella que sendo do campo na cidade vive sem se dobrar a seus uzos, pequena rebelde d'avental garrido e tamanquinhas parecendo algumas mais vindas d'um baile de mascaradas, do que idas para o trabalho cantarolando os seus bons dias ás ruas, ás casas e ás varandas onde os mangericos rescendem e os cravos são alarmes:

— O' leite! . . .

O padeiro vae despontar tambem de cabaz ao hombro ajoujado com o peso, as pernas canejas, marchando sempre masombo sem um pregão, a deixar vêr loiridões de codeas surdindo do farrapo que mal lhe cobre a carga.

A manhã vae romper e são estas sempre as figuras da madrugada lisboeta.

Vultositos encolhidos de creanças passam com uns saquiteis suspensos dos hombros n'aquelle dealbar. São os vendedores de

jornaes. Pela manhã andam tão acabrunhados quanto mais tarde são vivos e alegres. Alguns roem a sua bucha da vespera; outros almoçam nas casas especiaes do chocolate e do pão baratos ali pelo Bairro Alto ou a esquina da Queimada. Depois, se ainda é cedo, anicham-se ás portas das redacções ou pelos portaes emquanto as machinas vão rodando a imprimir as milhares de cousas de que se compõe o jornal. Como a um signal dado, todos elles despertam, começam a faina, já estão magnificos para todo o dia; não ha chuva que os regele nem sol que os creste, não ha frio que os enteirice nem calor que os abata sem venderem aquelles montões de jornaes que apregoam em berros estridentes pelas ruas. As leiteirinhas com os seus arsitos graves são a graça; elles com as suas grenhas desordenadas, os seus olhos gaiatos, os seus gestos patuscos, são a travessura. Não correm voam como as noticias andam rapidas de bocca em bocca e mesmo na gal-



O' PESCADA DO ALTO

gada, batendo os pés descalços nos laggedos, vão apregoando para que os não esqueçam:

— O *Seculo*, *Noticias* e o *Mundo* . . .

Rente com elles, lentamente, passa a mulher da fava rica, chinelando, a panella á cabeça, atirando o seu pregão aos que teem d'almoçar cedo:

— Fava rica . .

Aquillo ás vezes é apenas um guincho; a mulher lá segue no seu gyro, parando ás portas das freguezas para ás oito horas se sumir sem ninguem mais saber para onde se mette: é como se trabalhasse no mysterio a sua cozinha simplista, a sua tarraçada de molho e a viesse vender para ao mysterio regressar.

Os outros vendilhões assentam a essa hora arraias em roda dos mercados; uns para fazerem ali mesmo o negocio, alguns para angariarem os generos do seu commercio.

A inferneira começa por entre o descarreto das carnes vermelhas pingando sangueira, das hortaliças verdes e frescas que se acocorutam nas carroças com os nabos de tons marfinios, as cenouras ruivas emo-



ESCOVAS, CORRENTES E PENTES

lhadas, das fructas nos cestos vindimos perfumadas e lindas na variedade dos seus tons. Emquanto os carrejões passam n'uma carreira gritando aos tropeços que lhes embargam o camincho, os vendilhões ambulantes, cegos e aleijados, magritos como mummies ou anafados como bacoros, gaiatetes ou velhotes cegarregam:

— Meias e peugas. Papel para escrever a dez reis o caderno... Olha as arrufadas e os bolos d'amor... — e pelo tempo dos marmellos é o berro rijo de que foram assados no forno e pela quadra das castanhas o pregão sabido, deante do cesto fumegante:

— O' castanhada bôô...â!

As varinas chegam lestras de gigas vasiaas para as suas mercas e



O' COUVE LOMBARDA



MERCA A MAÇÃ REINETA

veem tambem os vendedores de fructas e hortaliças; ellas com o aprumo de deusas condemnadas ás galés do trabalho por terem os lindos olhos peccadores das suas avós feito desgraças no mundo; elles, quasi sempre uns velhotes, que seguem o seu burrico lanzudo, esfaimado, d'ossos a furar a pelle sob os ceirões da carga.

Mulheronas gordalhudas de chinello no pé arrastam as gigas atulhadas de verduras; outras ainda com restos de belleza, magritas, pallidas mal podem com a sua canastra e vê-se que lançaram mão d'aquillo n'um recurso. São as vendedeiras de profissão, aquellas cujos dentes nasceram no negocio e as do acaso, as levadas ao mister pela fatalidade.

Umas podem com cargas que

xeiras passam lestras com as gigas d'onde pendem extremidades de pescadas ou onde brilham sardinhas côr de prata, fresquissimas e apetitosas; ruivos d'olhos esbugalhados ou carapaus azulacros com o dorso serilhado, toda a casta de pescaria do mar alto, com as lagostas pernudas e de torquezas rijas os linguados espalmados e os camarões saltitantes. Os pregões elevam-se



FRANGOS, FRANGOS

ajouariam homens e chalaceam e riem debaixo d'ellas as testas em rugas grossas, as ancas roliças, seios fortes, d'ares bem plantados; as outras definham-se nos casibeques de chita, os peitos cahem-lhes, a alegria fogelhes e teem o tom tristonho d'animaes derrancados.

A' medida que o sol vae sahindo os vendilhões espalham-se pelos seus bairros já percorridos, onde teem a freguezia: as pei-

n'um côro variado. A varina é tão rija de voz como de pernas e se calcurria Lisboa para fazer o negocio não deixa jámais de o réclamar. Algumas cantarolam por gosto o grito sabido desde a meninice, quando, cabendo ainda debaixo d'um alqueire, já andavam de cesto á cabeça.

São os mais estranhos, os mais bizzaros, os mais nascidos de phantasias curiosas, esses pregões:

O' pescada d'alto... Viva e grande p'ra assar... O' Viva da Costa... Cadellinhas p'ra arroz — e aquillo é atirado n'uma zoadá retinida ou n'um berro, n'um clamor ou n'uma estridencia, rapida ou demoradamente.

Algumas conduzem á cabeça os cabazes de criação, gallinhas de bico aberto e crista murcha, patos misanthropos de bicos bivalvos e pescoços azues, franganitos que por vezes se atrevem a cantar buscando um ensaio d'asas debaixo da rede que os encurrala. Param pelas portas e conversam as varinitas, contam o dinheiro da venda e tambem os namoros que teem, o vendedor de jornaes que lhes pisca o olho e o moço de padeiro com quem dançaram o vira pelo S. João que lá vae.

Ao domingo na tristesa do apasiguamento, passam diante das casas tristonhas dos bairros pobres com o seu alguidar vidrado coagulado de tremoços ou com a latinha dos queijos brancos no braço apregoando-os e sorrindo.

Por este tempo quando o sol vivo escalda as fachadas e a luz destrambelha as pupilas fica-se de janellas fechadas e vem atravez d'ellas, n'uma vaguidão de melopea, como uma triste cantoria ribatejana, este pregão dolente:

— Vá lá cabaz de morangos!

Homens serrenhos cheirando a matto, andam nas sombras com os cabazitos suspensos e os morangos dentro d'elles rubramente se revelam no apagado da folhagem secca.

Mais para a tarde apparecem os mil e um negociantes de gulodices, o homem do torrão d'alicante com o seu barrete vermelho e o seu avental branco sobre a saliencia da pança; vendedeiras de pevides e fava torrada; o typico vendilhão d'alfloa que caminha com a sua caixa a tiracollo, atirando um complicado pregão do seculo dezoito e

seguido sempre pelos olhos cubicosos das creanças. Por onde passa com a sua caixa se deixa por veses um rastro de contentamento e tambem faz chorar mas como um bom comerciante elle é indifferente ás lagrimas dos petises e continua imperurbavel cantando o seu pregão archaico:

— O' brinquinho *arfela jorgelim*, amendoa doce...

Destacado no meio de todos elles, está o cautelleiro o que mais grita durante o dia, o que arranja mais estratagemas para vender bem, desde o burrico ao chapéu alto, desde o Santo Antonio n'uma canna onde as cautellas se espetam até ao carneirinho coberto de *jogo* e os seus pregões são sempre originaes, são como o vosear do tentador accenando com notas de banco, tilintando libras, fasendo piruetas e atirando ao ar saccos de dinheiro:

— Amanhã, amanhã é que anda a roda. Olha o 1723... Foi rejeitado por um marreco... Quem quer libras! Quem quer libras!...

Será aquelle o negociante de felecidade de que fallava Daudet?! Estremece-se bem



QUEM QUER LEITE A PATACO O LITRO

no fundo da alma supersticiosa e elle no seu voseirão ou na sua toada, ironico, superior, neto, do demonio:

— Olhem que se arrependem. . .

Realmente arrependemo-nos sempre de lhes darmos ouvidos como os reitres e as donsellas do Silesia se penitenciavam toda a vida por terem escutado o diabo de fallas mansas e olhos meigos, dizer-lhes:

— Querem a felecidade?! . . .

No fim era como a cautella d'hoje: a mentira.

O pregão estrangeiro, o urro do aguadeiro, quasi se calou. E' já raro vel-o pas-

Desde a tardinha e pela noite dentro, ás portas dos cafés e dos theatros, as vendeiras de flôres menos gracis que as leiteirinhas, menos bellas que as varinas, offerecem os seus pobres ramos. São desclassificadas. Falta-lhes o mimo de saberem offerecer uma flôr sem terem o ar de vender um beijo e escasseia-lhes a garridice que seria precisa a quem lida com rosas, com cravos, com essas bellezas tão delicadas que só delicados dedos deviam tocar.

— Compre-me um raminho. . .

Passa-se adiante; ella lá fica com o

cesto na mão onde vão desfallecendo as flôres que não conseguiu impingir com os sorrisos. Por feitio é gaiata d'uma gaiatice quasi lubrifica e as flôres vindas das suas mãos parecem murchas.

Cahe a noite; voltam os pregões dos vendedores de jornaes, a algazarra dos garotos nas suas carreiras enormes:

— Olha as *Novidades*, a *Capital*, o *Dia* . . .

Depois tudo amortece; apa-

gam-se as luses nos theatros, nos restaurants, cessa o ruido. O escuro é vagamente esfurancado por um clarão movediço que se abaixa e se ergue; uma voz soturna, deixa na noite esta palavra:

Café é é é. . .

São os «*pyrilampos*» os vendedores ambulantes de café. Fogem com a manhã quando a leiteirinha acorda. Elle com o seu liquido negro é da noite, é do vicio, dá de beber na mesma chavena a assassinos foragidos e a policias friorentos; ella vendendo o leite, branco, é bem a vendedeira das alvoradas, a figurita enternecedora e gracil que nos faz acordar com o seu pregão: O' leite! . . .



PEIXE DO ALTO E PEIXE MIUDO

sar de barril ao hombro, desconfiado da garotada atrevida e clamando os seus Aú! Aú! O gallego tem agora outros misteres mais cálados e mais trabalhosos. Mas ha uma classe entre elles que encanta as mulheres ahi por esses bairros lisboetas:

— Rendas! Rendas! . . .

Apparecem lindas cabecitas a espreitar, mão-sitas delicadas accenam-lhes e elle extasiado deante da brancura e da macieza da sua mercadoria, vae desembrulhando, deixando-a passar ao contacto suave dos dedos femeninos. De boina ao lado e saudoso da terra o seu mister não o diverte e as rendas que para as mulheres são delicias para elle são penas.



Uma collecção original



ERÁ velha a balda de colleccionar?

Estou em dizer que sim. Esgravatemos bem os escaninhos da cachimonia e surgir-nos-á que o avô Adão seria o primeiro col-

leccionista — elle ou Eva, e quem puder que resolva o dilêma — colleccionariam pecados, á falta de melhor; a não ser o *Inimigo*, visto que, aproveitando a pechincha, ministrada pelo advento a este futuro vale — de lagrimas dos dois juvenis espécimes, representantes dos reis da Creação, foi tratando de os enrascar, com bonitas palavras, num qualquer dialecto embrionario; ávido por lançar o gadanho — o velhacorio — aos primeiros exemplares da sua collecção de almas; e, pregando-lhes a péça de os privar, de uma vez para sempre, com a tal liçãozinha de pomologia, daquella sua tão commoda e barata vilegiatura nas geiras do aprazível Eden.

Desde então para cá, palpita-me que o espirito de collecção, mais ou menos, não soffreria intermitencia: o instincto da posse, o individualismo, a vaidade de *achatar* o proximo com a propria superioridade, manifesta-se desde a infancia — a pirraça ao companheiro — revê-te nesta belleza, eu tenho e tu não tens, são as origens do espirito de collecção.

Tiveram-nas os Assyrios, os Medas e Chaldeus, reis e magnates, quando menos; tiveram-nas os Egypcios, os Gregos: e os Romanos deram largas á mania, em escala

magna, com a ausencia de escrupulos em que eram vezeiros.

Houve-as em Bysancio, e tão chorudas, que, ao sonhar com aquelles pingues opulencias lambem os beiços os mais gulozos e audazes colleccionistas desta nossa éra, algo serodia.

Não deixaria de havê-las nas épocas mais ou menos obscuras da Edade-media, e senão, que o digam os nossos museus da actualidade.

Recrudescceu a tenêta durante a Renascença — pontifices, cardeaes, podestás, e *condottieri* deram o exemplo, e o colleccionismo alcançou então proporções assombrosas. E colleccionavam bem, não haja duvida, souberam distinguir, não se prendiam com bugiarias. E' verdade que havia tanto por onde escolher! Era só estender a mão.

Quebrou, talvez, um tanto ou quanto, o entusiasmo, durante as épocas immediatas, espertando, comtudo, a breve espaço, com a novidade das loiças, porcellanas, bronzes e outros artefactos asiaticos; adquirindo incremento, ahi pelos fins do seculo XVIII, com a corrente de embelêco pela classica antiguidade.

O movimento medievalista, que brotou com o romantismo, nos meados do seculo XIX, foi, todavia, o grande propulsor do colleccionismo, e este, desde essa época, adquiriu expansão portentosa, estendendo-se ás diversas classes sociaes, abrangendo especies por vezes extravagantes, e até estapafurdias, e dando azo a peripecias, ratónas, além do imaginavel.

Sim, porque, nisto de collecções, ha que distinguir.

A par do colleccionista sincero, enthu-siasta, experiente, dispondo de conhecimentos solidos, e cujo fito é salvar do esquecimento as reliquias do passado, medra o incauto, pronto, sempre, a cair na rede, jogando com o medianeiro chatim o eterno jôgo do sapo e da dóninha; sem defêsa contra a falsificação, essa praga sempre crescente, que tanto mais se multiplica, á proporção que se vae difundindo o *snobismo* colleccionista — pois tudo se falsifica — existem verdadeiros centros de contrafacção de objectos de Arte, e se ainda não chegaram ao apuro dos seus congêneres de outras especies, e supposto não se animem por emquanto a arvorar taboleta, como aquella, tão celebre, que ia causando um ramo de estupôr a um nosso compatriota, mordido pela tarantula das viagens; em que se lia, em letras gordas e no idioma do país, que o nosso ingenuo ia atravessando «Fabrica de vinho do Porto», nem por isso se poupam a prodigios de audacia e de cynismo, e o mais curioso é que têm cúmplices entre os proprios colleccionistas; e o que pagou por bom preço, verbi-gratia, um tento de jogo, de ha dois dias, enterrado e archaicamente corroído e oxidado, por uma moeda romana de alta raridade, engole a pilula, que remedio — mas se é ladino, não se dá por achado, e na primeira occasião impinge-a a um seu prezado collega, amigo do coração. Porque isto de colleccionistas, as mais das vezes, são uns *anjos* uns para os outros, e qualquer delles, tudo fará a um collega menos deixá-lo sósinho na propria collecção.

Sejamos justos, porém, esse producto curioso da humana especie tem seus contras, não ha duvida: é matreiro, avaro, egoista; prodigo e mani-rôto, comtudo, num dado momento e quando a febre de adquirir o colloca em frente de um qualquer achado, exemplar unico, ou tão raro, que o collega de sorte poderá lamber-se com outro equal.

Accumula no seu organismo os predica-dos da pêga, da toupeira, da rapoza e da formiga; faz coisas do arco da velha para se apoderar do diche, da preciosidade cubiçada, e não obstante, presta serviços, visto

que ao labôr paciente, á dedicação desses mineiros da Arte, á propria avidéz e ao desejo de não ver tresmalhar os seus the-souros devem os nossos museus essa opu-lentissima aglomeração de reliquias das eras transactas, documentos preciosos para a Historia do Trabalho; elucidação impaga-vel de mais de uma pagina obscura da *Historia da Humanidade*.

E dahi, não sejamos ingratos. Cumpre não esquecer que, ao esforço collectivo, ao genio investigador desses humanos furões sômos devedores, em grande parte, dessa punjantissima literatura consagrada aos assuntos que entram no dominio da Arte, e cuja bibliografia colossal nos assombra, pois representa hoje uma sciencia, e sciencia tão vasta, que a vida de qualquer macrobio mal chegaria para a assimilar.

E custa-lhes as passas do Algarve, a alguns — ha tal que tem apanhado a sua surra. De um, sabêmos nós, e era portu-guês, e portador de um titulo nobiliario, que percorria as regiões do país mais ser-tanejas, sentado á saloia, na sua azemola, de cobreção alentejano, chapéu braguês, alforjes e tudo mais em afinação, arros-tando com intemperies, á pesca de caquei-rada que pudesse apanhar; tendo por lêma «um ovo por um real.»

Arredando de lado o *snob* da collecção, o que collecciona por *chic* e para ir com a moda, mais abundante nas classes a que coube fatia gorda lá das minas do Potosi, ha classes predestinadas, por assim dizer, no mundo colleccionista — abstraído dos archeologos, é claro, que occupam entre a falange posição culminante — nella avultam medicos, arquitétos, e gravadores — vão lá saber porque —. Ha o collectôr ecclético, o topa a tudo, e, este, dantes, éra até o mais vulgar; hoje, comtudo, é mais geral restringirem-se a uma especie unica, e entre aquelles que especializam, ha entidades que se dedicam a colligir os objectos mais extravagantes e esquipaticos: existem collecções de botões; de caixas de rapé; de leques; de relógios; de sinetes; de brinquedos para crianças; de esporas; de es-tribos; de colheres; de candieiros; de cachimbos; de fivêlas; de chaves e fechadur-as; de bengalas; de bules — e uma desta ultima especie, por legado, acaba de enri-

quecer o nosso Museu de Bellas Artes — numa palavra, das coisas mais insolitas, e até grotescas, que o leitor possa imaginar.

E não se suppónha que a tarantula do colleccionismo haja ferrado a sua zagunchada exclusivamente em calcanhares europeus. O americano, o *yankee*, lá porque chegou tarde, não entrou no certame com pés de lan — olha quem! E' temível, o papão, o pesadêlo dos seus collegas da Europa; onde apparece é de rapa-torrão, apanha tudo, é um entornar de dollars, que deixa os outros a chuchar no dedo.

O proprio asiatico é colleccionista acérrimo, quer o chinês quer o japonês, seu primo e amigo... de Peniche — se é que haverá uma Peniche nipponica — confesso-me um tanto falho em corografia antipoda — que demónio; uma pessoa, lá porque arranha a letra redonda, não pode saber de tudo, já se vê.

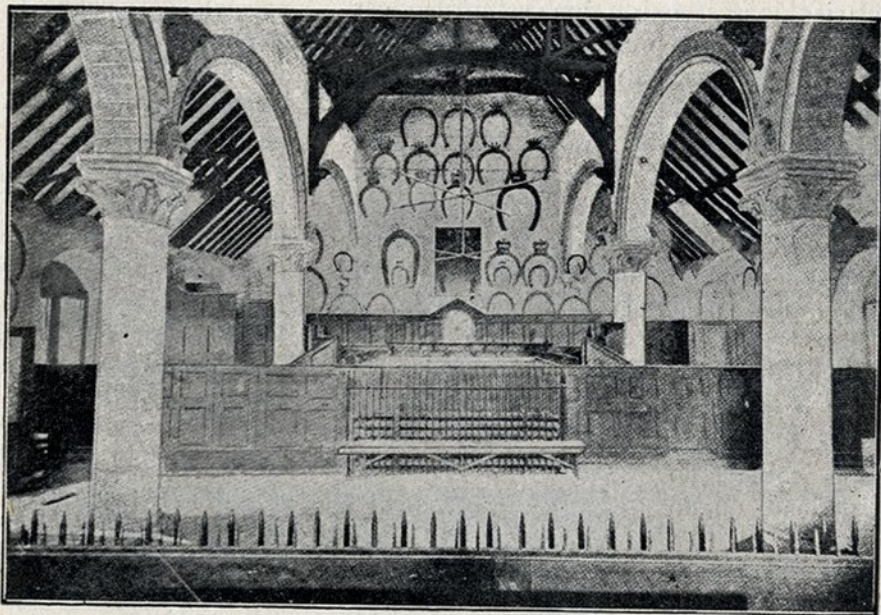
O chim, que menino! Em argucia, ronha e moral de gutaperca prega chimbalaus ao seu collega dos *paises dos barbaros* — e se não, vejam o tão celebre marquês Tzeng, com os olhitos de missanga, e aquella impassibilidade amaréla de gato de gêsso — não contente em ter metido os dedos pelos olhos ás mais graúdas ratas pelladas da diplomacia europeia, nem sequer poupou os colleccionistas e tratou de lhes bifar do lance, em Paris, mais de uma peça das mais raras e mais ricas — e algumas de cá fóram — das porcellanas do seu país. — E assobiem-lhe ás botas de solas de papel!

Um tanto mais atrazadito, o africano; ainda assim. lá temos o rei do Dahomé, que á falta de melhor, se entretém a colleccionar cranios, e creio que com sua tibia á mistura.

Os canacas da Oceania, mais praticos, seguindo á risca o axioma *utile-dulci*, colleccionam missionarios, assados e bem pasadinhos, já se vê, e o museu é o proprio estomago.

Entre os exemplos de collecções parciaes, mais curiosas, citaremos a do fallecido gravador Jacquemart, um erudito em materias de Arte, e um artista de merito superior.

Para que lhe havia de dar, áquelle talentozissimo caturra? Imaginem. Pós-se a colleccionar calçado, e arrebanhou uma colleção extraordinaria, da mais alta raridade, em que figura mais de um exemplar



SALA NOBRE DO SOLAR DE OAKHUM

ido de Portugal, que, aqui para nós, tem sido uma mina para colleccionistas, por esse Mundo de Christo — valendo um milhão de francos, que os museus mais notaveis disputaram entre si, mas que a viuva, obedecendo ás ultimas vontades do defunto, cedeu ao seu país por metade da quantia, com a condição de ser nomeado conservador da colleção o proprio filho. Archivo precioso, impagavel para o estudo da indumentaria... e dos calos.

E já que falámos em botas e çapatos, que naturalmente sugerem pés, por afinidade zoologica — de pés a patas nem porisso haverá um salto... para que digamos: lembrêmo-nos de que já é tempo de

entrarmos na materia, occupando-nos do assunto de que reza o titulo desta noticia.

E, ora pois, vá de conto, como dizia o bom Filinto, de caturrissimã memoria.

«Uma collecção original — E é, não ha duvida; e ainda por cima, colligida inconsciamente, por muitas mãos e por motivos alheios ao espirito colleccionador.

Uma collecção de ferraduras — nem mais nem menos. E ella ahi vae:

A umas cem milhas de Londres, na cidadéca de Oakhum, centro de varias industrias locais, existe um velhissimo castélo, solar, couto ou honra, como diriamos nesta nossa bôa patria do *Port-Wine*, — reliquia quasi tão antiga como a Sé de Braga, pois data da invasão da Inglaterra por Guilherme o Conquistador; repositório de uma notavel collecção de ferraduras, de todos os tamanhos e feitios, e a maioria reivindicando pergaminhos, que deixam de cara a uma banda mais de um fidalgo de pôlpa. Nem todas para serventia, advirta-se, mais de uma ha, que, pelo tamanho, calçaria o pesunho de qualquer caválo de marca, ante-deluviano, collega do mastodonte ou do mamuth, ou da equina almanjarra que o antecederia na escala dos inquilinos do Paraizo. E o motivo é simples, eram symbolicas, á falta de melhor termo; representavam um tributo.

Uma tradição local — patarata deturpada, aliás, diluida por muitas gerações de comadres, e illustrativa do sempiterno rifão «quem conta um conto acrescenta um ponto» — reza que se deve á rainha Isabel, de virginal memoria, a instituição deste notavel museu de commodidade hippica. Pretende a baléla que, indo a faustoza sobe-

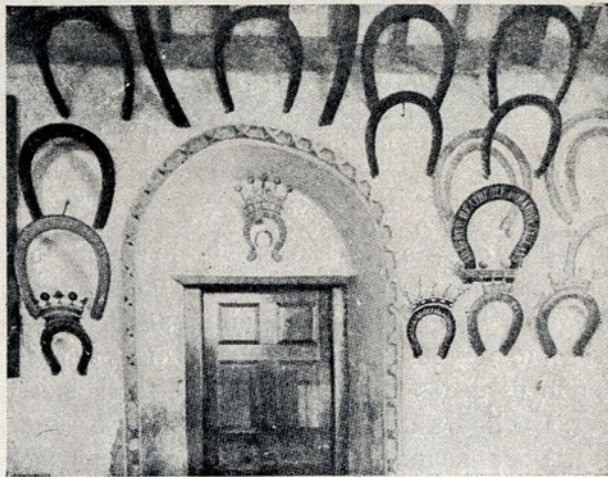
rana de jornada, a honrar com a sua regia presença o solar do seu lord thesoureiro, por motivos de anemia do porte-monnaie — ora vejam — perdera uma ferradura a sua hacanéa, e que, em commemoração do incidente, Isabel decretára que, toda e qualquer regia personagem ou nobre de alta categoria, que de caminho se visse na necessidade de poisar no dito castélo, ficaria dali em diante obrigado a contribuir com uma ferradura, na qualidade de tributo ao castelão. Dado o caso de que o visitante se negasse a submeter-se a semelhante formula de homenagem, o bailío da mansão, por força ou de vontade, arrancaria uma ferradura á sua azemola de jornada.

Ora, a historia e a tradição lendaria, ás vezes, são como as cunhadas, jogam as cristas por dá cá aquella palha, e os documentos atestam que a costumeira data de éra muito mais remota, visto achar-se confirmado, que o uso de ferraduras foi introduzido em Inglaterra pelos Normandos, e que o proprio Conquistador trazia no seu séquito um Inspector-das-Ferraduras, um tal Henrique de *Ferrars*, cujo apelido, sem duvida, derivaria das funcções que exercia. Os *Ferrars*, senhores de Oakhum, disfru-

tavam, aliás, a regalia, desde tempos imémoros, de exigir uma ferradura de cada caválo montado por uma personagem de jerarquía, que transpusesse a ponte levadiça do seu castélo; tributo este que podia ser resgatado a trôco de uma quantia em bom dinheirinho.

Ora, como, naquelles tempos, algo pelin-

tras, as moedas do Reino não andavam á mão de semear, nada mais provavel do que as nobres personagens preferirem ceder as ferraduras das proprias cavalgaduras a trôco de se remirem de tão oneroza imposição.



ALGUNS DOS ESPECIMENS MAIS NOTAVEIS

E o facto não deixa duvidas, pois que assim o atesta aquella abundantissima colleita de *souvenirs* dos distinctos viandantes, systematicamente conservados, através das vicissitudes dos séculos, e exhibidos nas paredes do atrio e da *Hall*, vasto salão nobre do solar de Oakhum, para onde iam sendo transferidas, a pouco e pouco dos massiços portões do castélo, nos quaes eram pregadas no acto da contribuição.

Ainsigne e pudibunda Isabel contribuiria, tambem, é admissivel o facto, e dahi se originaria a lenda.

As proporções gigantescas de alguns dos espécimes colgados pelas paredes explica-se pela circumstancia seguinte: uma inscrição legivel por cima de uma porta informa-nos de que, sempre que as contribuições eram em especie monetaria, a ferradura assumia dimensões proporcionaes á importancia do donativo, e que lhe insculpiam os nomes, titulos e timbres heraldicos do contribuinte.

A collecção tem, aliás, o merecimento de se achar completa, incluindo dadas das pessoas reaes, até o reinado do bom rei Eduardo, fallecido recentemente; nunca soffreu depredações, excepto em um caso unico, e ainda assim mesmo, o exemplar descaminhado foi restituído mais tarde; a saber, um colegial, endiabrado, despregou uma ferradura, mas, talvez, como talisman propiciatorio, fundando-se nessa crendice popular, tão difundida por diversos países, que attribue ás ferraduras virtudes por ahi além; não se desfez della, e um bello dia, movido pelos remorsos de consciencia, accusou-se do latrocinio e procedeu á restitução. Era um individuo considerado, um clerigo occupando posição eminente na sua diocése.

A suppôrmos que a crendice que attribue influencia benefica ás ferraduras mereça credito, os castelãos de Oakham devem ter sido uma familia de felizardos; uma das condições do talisman de estrebaria, é o

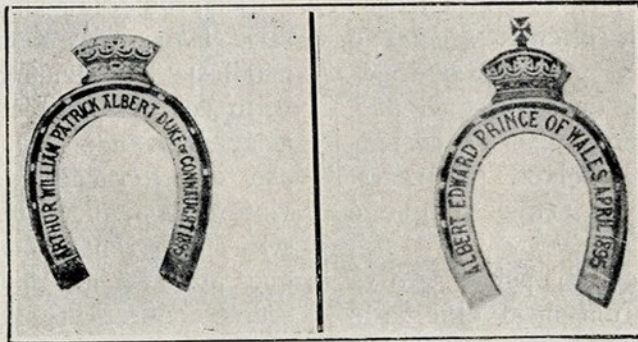
achar-se pendurado, sempre com a curva para baixo, que assim o preceituam engrimanços; ora os exemplares de Oakhum acham-se todos pendurados com a curva para cima, o que é mais pratico, e effectivamente, a estirpe dos *Ferrars* de Oakhum

não consta que tenha sido das mais perseguidas pelas arrelias da sorte.

E ainda ha quem se ria de enguiços!

Ainda a proposito de collecções, ora digam, nunca lhes moveu especção a seguinte incoherencia? Sendo tão meticulosos,

tão methodicos e assiduos os colleccionistas em enthesourar reliquias do passado, aceitam, unanimes, no entanto, uma restricção convencional: a qualquer bugiganga, prima mais ou menos proxima, ou afastada, da Arte, impõem, como limite de antiguidade, um seculo, ou pouco menos, — muito mais que ao vinho velho — e assim é que o malfadado seculo XIX, coitadito, virá a representar, no que toca as *Artes menores*, como hoje se diz, uma lacuna na Historia das Artes sumptuarias, ou, mais exactamente, na Historia do Trabalho — sabêmos de cór e salteado como era o elmo de Boabdil; a liteira em que embalava a sua gôta o grande imperador Carlos V, de beata memoria; os cangirões mastodonticos, os *wieder-kommts*, em cujos abismos sanhudos burgraves apanhavam a sua touca — e *tutti quanti*; mas quem revelará á legitima curiosidade de nossos filhos e netos o feitio exacto do celebre chapéu *tromblon* de Napoleão III, por exemplo. Revidar-me-ão que as Sociedades de *Arte Decorativa*, por esses países mais avançados, têm constituido museus das especies respectivas; não ha duvida, e comtudo, são um tanto exclusivos semelhantes repositorios; apenas vão archivando espécimes selectos, os mais delles representando unicamente os progressos da Arte e da Arte applicada, desde esse periodo da sua regeneração, que incidiu com



ESPÉCIMES OFFERECIDOS PELOS PRINCIPES DE GALLES MAIS RECENTES

meados do seculo XIX; e os restantes, referentes sempre á Arte antiga, contida nos limites do prazo que acima indicámos: quanta coisa, pois, não ficará por registar, dos periodos votados ao ostracismo?

Bem sabemos que o seculo XIX, decorrido o primeiro quartel, offerece um espectáculo pouco risonho, no tocante ás Artes menores; mas, em summa, talento, sempre o houve, e muita coisa se produziu que merecia ser registada; e, quer sim quer não, o mau, o mediocre, não deixam de pertencer á Historia, e de involver, por vezes, uma lição — mostram ao artifice o que é que deve evitar.

Sim, porque este ensino pela negativa representa, em Arte, um meio efficaz: o induzir o praticante a corrigir uma forma erronea, não será uma judiciosissima consulta ás suas faculdades esthéticas?

Dizia-me um actor velho, e que não era nenhum tolo: «devo mais o que sei á pa-

teada, e a um ou outro estenderete, do que aos encomios e aranzeis laudatorios, que para o mais que serviram foi para me soprar veleidades de pavão, e impedir-me de fazer, de vez em quando, o meu examezinho de consciencia».

E tinha carradas de razão, aqui para nós.

Lembrou alguém, ha tempos, que não seria mau irmos pensando em remediar a manifesta imprevidencia, no que diz respeito aos nossos objectos sumptuarios, e irmos archivando documentos para elucidção das gerações porvindoiras — deu no vinte, quem quer que fôsse, e é certo que seria justo repartirmos um pouco o desvelo que nos têm merecido os museus do Passado, e torná-lo extensivo á creação de museus para o Futuro.

E assim pouparíamos a artistas e historiografos mais de um quebra-cabeça, lá nessas éras que o pae Saturno tem por'ora fechadas no seu armario.

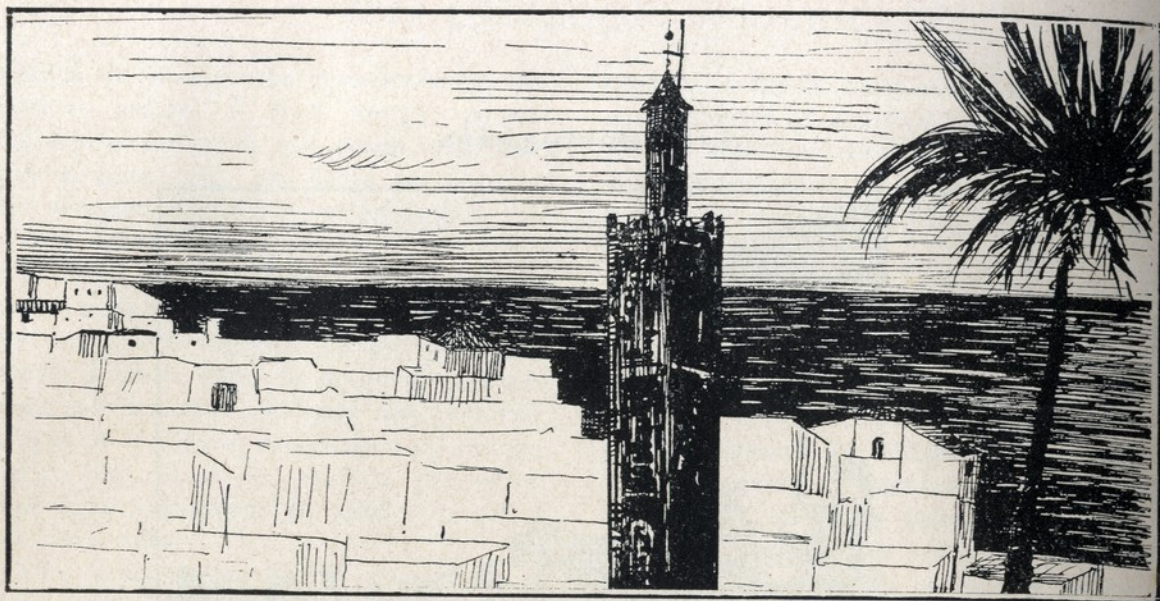
MANUEL DE MACEDO.



Arte portuguesa



SILVA PORTO — BAILADOS ESPANHOES



A TORRE DE EL-JAMOO-EL-KEBIR

EM TANGER

Boda Moura



A manhã seguinte o garoto acordava, mas para readormecêr em sonhos.

Furtêmos-lhe uma pagina do seu diario:

«Boda moura. Disfarcei-me em trajos de mulher, pois a porta da casa onde iam os penetrar era vedada ao sexo masculino, e fui.

Nunca na minha vida vi cousa mais deslumbrante.

Casa-se a filha do pachá. Tem quatorze annos, é linda. O noivo, rapaz novo, enviuvou da primeira mulher, mas vive ha nove annos com uma segunda, e é esta que prepara tudo para a recepção da noivasinha

que, no entretanto, quatro dias antes de sêr levada da casa dos paes, diz adeus á sua vida de solteira com festêjos.

Pelas quatro da tarde, seguidos pelo Mombre, que nos deve indicar o caminho, sahimos de casa; a do pachá fica perto.

Trêz ou quatro *calles* estreitas e pedregosas, com as sabidas invasões de burros, *calles* estas de Tanger que cheiram a um azeite especial ou o sandalo, e estamos em casa do pachá.

Por entre columnas recobertas de azulêjos e sob arcos rendilhados atravessamos o *pateo*, onde um repuxo murmura frescura; o chão de marmore desaparece quasi totalmente sob tapêtes matisados de côres lindissimas; passamos pelas mouras que vêm

de fóra vêr e que não pertencem ás convidadas: phantasmas claros que os *haiks* disfarçam, encostados ás columnas e ao lambri de azulêjos que corre ao longo das paredes brancas; pelas convidadas cobertas de sêdas, gazes e pedrarias scintillando nas almofadas e sob o céu azul, escutando os segredos da agua *crystallina*; por servas nêgras com os minusculos moirinhos de *kaftairs* dourados. Deixamol'as, subimos á galeria. Está deserta. Entramos na primeira porta: columnas, arco rendilhado, as mesmas parêdes brancas e os mêsmos azulêjos, tapêtes quentes de purpura, vêrde e ricos amarellos, almofadas muitas de brocados sumptuosos.

E sentamo-nos á moura, de pernas cruzadas, pelas almofadas de brocatél.

Nota dominante: mysterio, silencio.

Enganámos-nos, não estamos sós, na penumbra, lá no fundo distingue-se a custo (porque a luz é pouca) uma grande cama, sobre a qual tremúlam côres, sêdas, cabeças que são manchas luminosas, cintas

de ouro e prata. Tudo diffuso, fundido em silencio e mysterio. Provavelmente por termos sido vistos, cae um véu que nunca mais se levanta e mais encobre esse canto onde, curiosos, os nossos olhares pousávam; por vêzes, dêdos que seguram, olhos nêgros que espreitam.

Silencio. Meia luz.

A pouco e pouco a sala foi-se enchendo. Cobrem-se as almofadas com mouras de brocado e joias, gazes vaporosas, sópros de côr. E as nossas pallidas roupinhas encolhendo-se humildes entre a pompa reluzente.

Chêgam mouras pequeninas, identicas ás mães, ondulando de côres suaves e irradiando luz das joias e dos brocados. Con-

duze-as moura crescida para as almofadas; as babuchas tiram-se; ligeiras cruzam as pernas, e quedam-se em silencio.

Vêm as escravas nêgras com as creanças ao collo: mimosos moirinhos luzindo de opulencia, de grandes olhos e cabêllo pintado, geralmente ruivo; e nos braços d'ellas, braços nús do nêgro mais nêgro, cheios de pulseiras de prata, riem, e ellas riem com elles, e são a nota alegre n'aquella atmospheria de mysterio que pésa.

Entram prêtas pequeninas; testa muito saliente, bochêchas azues; mostram os dentes branquissimos, têm um olhar muito vivo, são deliciosas, encantadôras; largam as



AS TRES PORTAS

babuchas á porta, ligeiras, n'um ai cruzam as pernas e sorriem aos lindos moirinhos. Pompa e côr, côr que se não descreve, coada pela meia-luz.

De nós ninguem faz caso, nem um só olhar merecemos, nem ao menos nos offerecem uma chavena d'esse chá fumegante que vão tomar, servido nas grandes bandejas que parecem de ouro lavrado: Toléram-nos apenas, e sabe Deus com que má vontade, pelas ricas almofadas de brocatél. Lembra-me que, ao entrar, o meu pé roçou ao de leve por umas minusculas babuchas, que á porta esperávam o dono pequenino; dentro da sala a mãe do moirinho vê o que se passa e, pousando em mim um olhar impregnado de odio e desprezo, chama o peque-

no, que avista prestes a vir ao meu lado, para que fuja ao contacto funesto.

N'este momento apparece uma Europeia inglêza, seguida por serva nêgra que segura uma creança de burnú branco, cuja orla as mouras vinham beijar: era um santo, filho de santo, neto de santo e d'essa



ABRE-TE SESAMO!

inglêza que casára com um musulmano; e apesar de têr ficado Europeia como antes, vestida como a mais simples inglêza da velha Europa, as mouras acolhiam-n'a com todas as atenções devidas á mulher do santo (é-se santo por hereditariedade); pouco depois, era-lhe offerecida uma chavena de chá, que ella aceitava sorrindo, sentando-se, como ellas, entre as altivas filhas da Mourama, que a rodeiavam de respeito.

No entretanto a galeria enchia-se: de mais mouras, mais escravas e mais creanças, que se espalhavam pelas differentes salas (dando todas para a galeria e não communicando entre si) onde lhes era igualmente servido nas chicaras finissimas da China e do Japão, esse chá que fumegava sobre as grandes bandejas de ouro lavrado.

Passamos de sala em sala; por fim, como o espectáculo do pateo nos prendesse mais, encostamo-nos á grade da galeria, muito entretidos com o que viamos em baixo (é preciso não se esquecer o typo da casa

arabe: o pateo sob o céu, para o qual se abrem os quartos da casa, incommunicaveis entre si, e a galeria identica ao pateo, emquanto á disposição dos quartos de cima):

Os phantasmas brancos giravam por entre as columnas, as mouras desiumbrantes tomavam chá pelas almofadas sobre os tapetes irisados, as nêgras acorriam com grandes castiças de prata, que collocavam sobre o chão n'um espaço livre, accendiam as velas de cêra, ateavam as brazas de uma bacia de mêtal amarello que luzia como ouro; emquanto em volta do lume um grupo de mouras pobres tocavam e cantavam, ao som de pandeiros e de curiosos instrumentos com fundo de pelle, que aqueciam ao calôr das brazas, batendo rythmadamente; eram umas seis; uma dirigia, a principal de entre ellas, a santa de Tetuan, vinda de proposito com a sua luxuosa guitarra de madeira pre-



A PORTA DA KASBAH

ciosa e ricos embutidos de marfim. Prolongado, o canto oriental seguia plangente, repetindo-se indefinidamente, como os nossos fados.

Era tarde.

Fôram-se accendendo as luzes.

Por detraz de nós passam nêgras apres-

sadas, ondúlam gazes, ouve-se o ligeiro roçar das sêdas, brisas leves que se agitam em susurros.

De repente, sinto-me empurrado, e a voz impaciente da minha amiguinha Lolita grita-me;

— Mira!

Irrompia-se de todos os lados para a galeria.

As escravas lançavam-se n'uma subita actividade febril, ageis, auctoritarias, furando, levantando a voz para abrirem passagem, a multiplicarem luzes, avançando sempre n'uma azáfama doida, a espargirem perfume, erguendo alto nos braços de ébano as esferas de cobre, a distribuirem tochas a tórto e a direito, circulando pressurosas e impacientes em incançavel lidar, como se algum grande acontecimento se estivesse preparando e o tempo faltasse para a sua consummação, cuja responsabilidade devia cahir sobre essa sua vivêza atordoadôra.



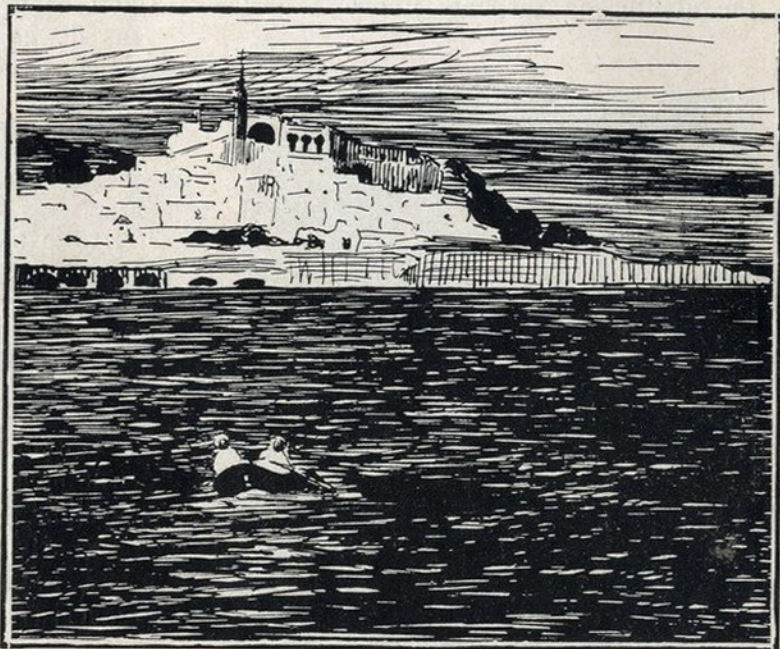
RIFFENHO

E o extranho matisado das sylphides claras que em torno de nós esvoaçavam cada vez mais numerosas, em nuvens de gazes diaphanas, com um vivo faiscar de diamantes, rubís, saphiras, esmeraldas, prata, ouro, complicados brocados, juntando-se ao brilho das caras das, nêgras, ao canto dolente da santa de Tetuan, ao aroma embriagante da flôr

de laranja, estonteia-va-nos vagamente... Mas Lolita volvia-me com insistencia:

— Mira, mira!

E vejo... que tudo resplandece, e que



TANGER

aquillo é um conto das mil e uma noutes!

Luz! Luz por todos os lados e de toda a parte irradiando! Que anda, que sóbe, que desce; que fulgúra de alto e refulge rasteira; que se refrange, se espalha, se reflecte em volta, loucamente, em tudo! Que scintilla phosphorescente, que faisca flamejante, que irrompe abrupta, ou dôcemente emerge de tudo: das pedrarias, dos brocados, dos metaes, das cabêças, dos cintos, dos pés das figuras fugidias, dos azulêjos, delirio de luz! Dardejando poderosa, dominando seductôra, invadindo magnificante, um mar de luz! Clarão phantastico que cresce sempre: move-se, retorçe-se sobre nós, enrosca-se pela galeria dentro, comprime-se, dilata-se, ondeia: serpente monstro creadá de raios innumeros: divina, louca de esplendôr feroz!

Pôr cima das nossas cabêças, mãos nêgras espargindo perfumes.

Insistente, rhytmado, o canto arabe, acompanhado do batuque oriental. Visão estonteiadôra que nos adormece em reinos de mysterio e sonho como em palacio encantado!

.....

Onde estamos?
 Voltaremos a acordar?

.....
 Ondulante, da serpente luminosa desta-



ALTIVA FILHA DA MOIRAMA

cou-se um cortêjo: abrem-se alas perto da escadaria; uma nêgra colossal, vestida de branco, curvada sob o pêso de uma grande corcunda coberta por um véu branco, á frente das mouras resplandecentes, das es-

cravas nêgras com as creanças, dos centenaes de tochas accêsa, porque todos, da moura mais velha ao mais pequenino moirinho, seguravam uma vela accêsa, das nuvens de gazes, das espumas de côr, d'esse fremente scintillar de rubis, diamantes, esmeraldas, saphiras, brocados, metaes, seguida pela serpente monstro, n'uma effervescencia de côr e esplendôres, desce ao pateo.

E o pateo, com as columnas e as portas rendilhadas e os phantasmas brancos e as mouras que tocam e cantam ao pé do repuxo e os tapêtes côr de purpura e as parêdes cobertas de azulêjos, é invadido de luz.

.....
 Os azulêjos fuzilam raios.

As mouras rompem todas em gritos de regosijo.

O perfume satura o ar.

.....
 Estava consummada a cerimonia do dia: a noiva, transportada ás costas da prêta, devia abandonar o quarto onde até ahí dormira (essa mêsma sala onde primeiro haviamos penetrado, com a cama misteriosa ao fundo.)

Na sombra, mudos, immoveis, encostados á grade da galeria deserta, nós, humildes embriagados sonhando esse sonho das mil e uma noutes.»

GIL EANES.

F I M





LAGOS — ROCHEDOS DE EROÇÃO

O Algarve



QUI mesmo ao pé da porta ha um paiz maravilhoso, que a imaginação dos poetas reveste de lendas de mouras encantadas, paiz onde o céu é colorido de luzentes phantasias, a terra um oasis de verdura, as cidades brancas de neve e banhadas pelo mar em franjas de setim.

Esse paiz de fadas, essa terra maravilhosa, é o Algarve.

Vale a pena ir lá, contemplar a sua encantadora paisagem, os seus rubros poen-

tes, as suas velhas mesquitas transformadas em templos christãos, as suas lindas mulheres enxertadas sobre odaliscas dos harems dos chefes mouros d'outr'ora.

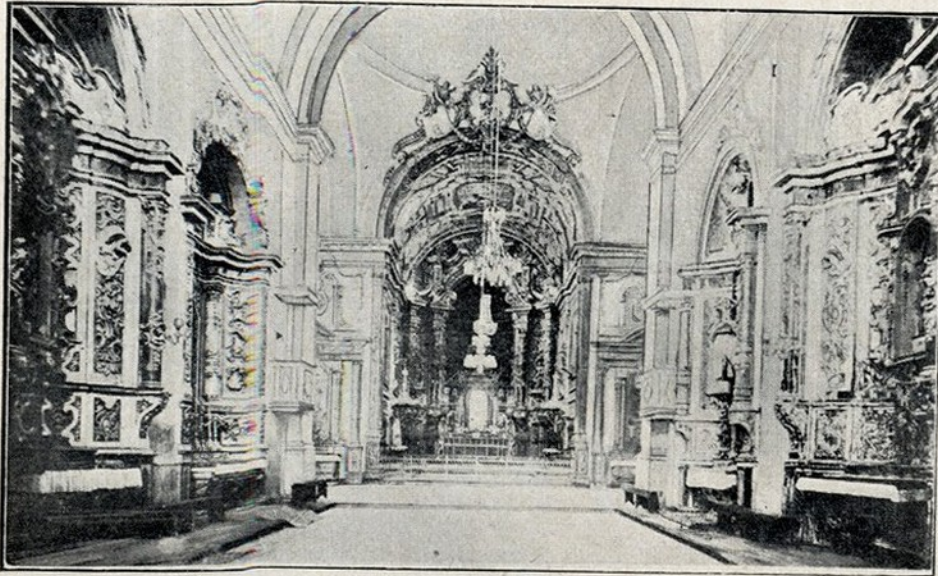
Fica tão perto o Algarve! Aconselho-vos o passeio.

E' delicioso viajar. Mesmo d'uma paisagem monotona, d'uma cidade triste e nostalgica pode extorquir-se coloridos e risos. A difficuldade está em sabel-os sentir, e é por isso que muita gente, a maioria, se enfada longe da sua terra.

Ha, com effeito, até para organizações eleitas, momentos de horrivel melancolia em

terra extranha, mórmente quando vem a hora do crepúsculo, em que o dia morre a despedir-se saudosamente, e que em torno de nós

agradáveis impressões d'esse paiz onde o turista de curtas vistas sómente encontrará muito calor, maus hotéis e toda a falta de commodidades a que está habituado o seu corpo, mais cuidado do que o seu espirito.



TAVIRA — INTERIOR DA CAPELLA DO CARMO

Transposto o Tejo n'uma formosa tarde estival, entramos na estação do Barreiro, onde o comboio silva impaciente; e, arremadas as malas, vamos jantar.

A paisagem que se desenrola aos olhos é viçosa e alegre; os terrenos ubéres, cobertos de

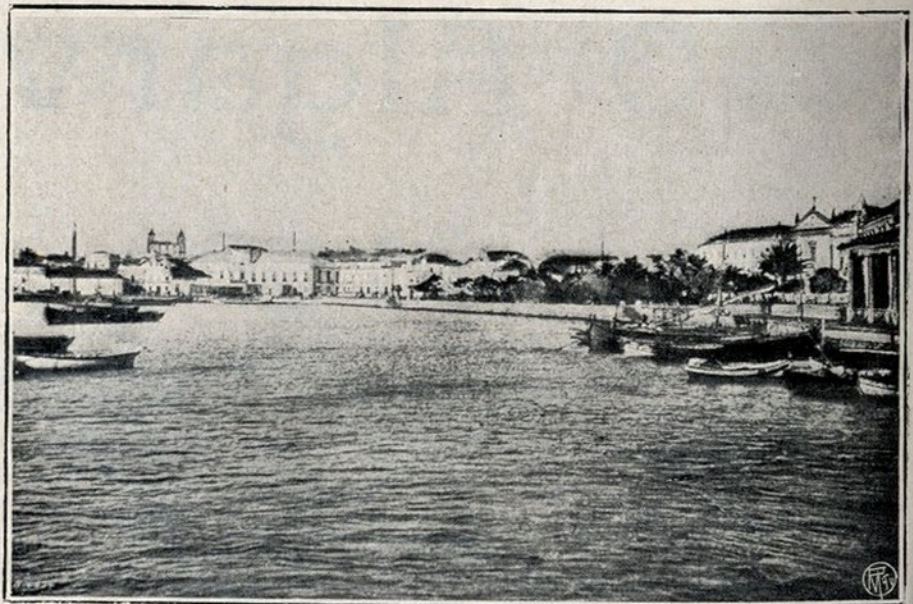
sómente vêmos rostos desconhecidos.

Essa hora, que os francezes denominam *l'heure grise*, todos os viajantes a temem. São comtudo breves momentos de desalento, e logo os encantos surgem a destruir a nuvem.

Comtudo, o viajar não é para todos, e assim notámos ha annos, em Italia, que muitos portuguezes, de uma peregrinação que alli fóra, bocejavam ao fim de cinco ou seis dias de estada n'essa Roma de inesgotáveis regalos intellectuaes e artisticos para quem souber interrogá-la e extrair d'ella conhecimentos.

Acompanhae-nos, pois, leitor, n'esta viagem ao Algarve, e façamos nós por extrair

vinhedos e milheirões, formam uma bella tapeçaria de verdura. Mas em breve o esmeraldino tapete cede o logar a essa inculta



FARO — RIA E VISTA PARCIAL

charneca do Alemtejo, toda revestida de um matto curto e desgracioso.

Ao terminarmos o jantar, o sol, coberto

por uma nuvem transparente d'um azul de saphyra, vae occultar-se na linha do horizonte.

Pode olhar-se sem vertigem; parece um grande balão incendiado a tombar sobre a steppa alemtejana com a lentidão do pára-quêda. Depois, a faixa purpurina, que lhe succede, vai desmaiando suavemente até fundir-se na tinta do céu, onde começam a despontar as estrellas como pontuações de oiro n'um pallio de azul-cobalto.

Estamos em plena charneca desoladora e triste, mar secco de outras éras.

uivos das féras, o piar sinistro dos abutres, e o rugir dos trovões, estremezem agora sob o silvo estridulo das locomotivas, e entram na orbita da civilisação.

A nudez da paisagem triste affasta o olhar de que o cerca, e o pensamento entrega-se ao devaneio.

Que linda noite! No azul limpido do céu a lua brilha immaculada, mysteriosa flôr japoneza com os seus olhos obliquos como doce filha de Confucio, tão pallida e tão mysteriosa, que a imaginação volve-se toda para esse Oriente de romance, a sonhar se-



SILVES — VISTA DO LADO OCCIDENTAL

Um ou outro pinheiro avista-se aqui e além, para logo dar lugar á nudez da steppa.

E assim entramos na Serra de Monchique, espinha colossal que divide a Europa da Africa, pois o que para além fica, o Gharb, em nada se assemelha a terra europeia.

Junto ao caminho que trilhamos, montanhas descarnadas, semelhantes a esqueletos monstruosos de gigantes, mostram a ossatura colossal, deslavada pelas torrentes invernâes.

E todas estas elevadas montanhas, que durante tantos seculos ouviram apenas os

tins maviosos salpicados de pequeninas flôres exóticas como este céu estrellado, chrysanthemos de fôrmas raras em jardins phantasticos de mandarins, onde deslisam suavemente, como brisas perfumadas, pequeninas japonezas de *biscuit*, de perfis tão finos e meigos como o d'essa Sada-Yako, entrevista ha annos n'um palco de theatro portuguez.

E n'esta felicidade, mixto de pantheismo e de sonho, adormecemos por algum tempo. Ao despertar encontramos-nos no Algarve, no reino do Algarve.

Vem despontando com todo o pudor a madrugada; n'essa alvura, os cimos das

montanhas distantes começam a desenhar uma linha de ouro, sinuosa e brilhante como as faíscas luminosas entre as nuvens em

Formiga o lapis de impaciente, a querer anotar impressões que a paisagem suggere. Frequentemente os olhos desviam-se irrita-

dos com o espectáculo de pretensos *chalets* vermelhos ou azues, de suppostos *cottages* inglezados, com que o burguez endinheirado d'estas regiões parece querer destruir o verdadeiro e justo sabor local, importando do Norte frio e agreste as construcções malimitadas das suas habitações.

Em terra de

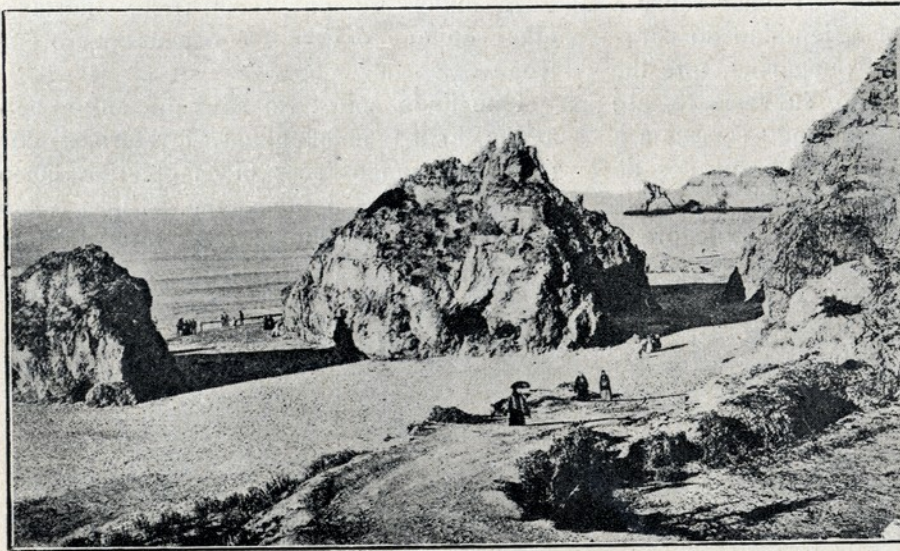
sol tão ardente e torrencial, só a alvura das paredes, terraços e soteias é propria a suavisar a temperatura das casas pela reflexão dos raios solares.

noites de trovoada. Dissolvem-se as estrelas no brilho da manhã, começam a córar-se os rochedos e a luxuosa vegetação dos valles, e toda a natureza se mostra opulenta e risonha.

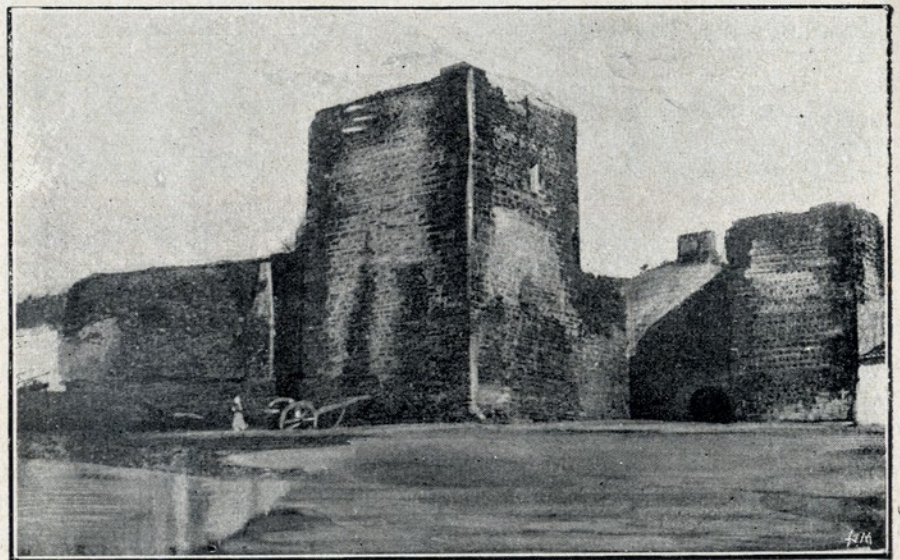
Montes, quintas, aldeias e cidades, habitações isoladas ou em colmeia, surgem de momento a momento n'este territorio tão povoado, onde é impossivel encontrar-se um hectare de solo sem cultura.

Por vezes avista-se o mar, brilhante como um peixe escamoso e colossal.

O torrão perto de Faro é avermelhado, ferruginoso, presente-se rico de humus e fertil; as hortas numerosas testemunham a abundancia de agua n'este abençoado paiz.



PORTIMÃO — PRAIA DA ROCHA



SILVES — RUINAS DO CASTELLO

Foi a natureza prodiga em calcareo n'este paiz de fogo, mas o indigena, pintalgando de cores berrantes a sua habitação,

despreza esse thesouro com que a natureza proveio á sua necessidade, e commette um crime de lesa arte e de lesa hygiene.

O modernismo, despresando as tradições medievas do velho Algarve mouresco e guerreiro, pretende enxertar n'elle um Algarve todo pedante, cheio de motivos insipidos e alambicados, de imitações ridiculas, sem côr local, imitativas do norte do paiz.

Mas a natureza revolta-se; os eloendros que ensanguentam a paisagem, as amendoeiras que a coroam de noivado, as figueiras, as palmeiras, as alfarrobeiras, as bananeiras e todas as plantas proximas da

de romance, mysteriosa como moira encantada; sem pensar que o character dos seus habitantes, romanesco, sonhador, exaltado, meio louco, brada contra a fleugma e placidez dos d'esse Norte, methodicos, regrados, de imaginação fria e pausada, medida a taximetro.

Mas volvamos a contemplar o lindo scenario que se desenrola a nossos olhos.

Ha em todo o percurso deliciosos motivos de paisagem para télas de pintor; salgueiros de Babylonia debruçam-se, ramalhudos, sobre cursos d'agua crystallina, onde mulheres do povo, de mangas arregaçadas, la-



PORTIMÃO — PRAIA DAS MESAS

proximidade dos tropicos, estão alli a attestar que o Algarve pouco ou mesmo nada tem de commum com as provincias do Norte.

As ruinas dos castellos mourescos, as egrejas, velhas mesquitas d'infieis, alguns solares arruinados, os restos das muralhas das cidades fortificadas, e essa natureza esplendorosa, dizem-nos que ainda ha alguma cousa de verdade sob a *maquillage* d'este Algarve de hoje, que pretende arremedar a Europa civilisada, sem pensar que aquella Serra de Monchique o está separando d'ella e incorporando n'essa Africa

vam, mostrando braços trigueiros e robustos. Tufos de eloendros põem largas manchas rosadas no terreno, e o verde intenso das figueiras e das alfarrobeiras fazem-nos lamentar que não possuamos o pincel de Hobbema ou o de Ruysdaël.

Ao lado estende-se o Oceano magnifico, ségredando mysterios e irradiando uma luz tão viva que os olhos cerram-se deslumbrados e tontos. Pequenas vélas brancas correm na azafama da farta colheita do peixe, que vem abastecer o povo, como filão de oiro d'essa grande mina liquifeita e mysteriosa.

O panorama é soberbo, a belleza fascinadora; nem o mais leve sussurro d'esse mar que Ossian cantou, nem uma vaga a perturbar a superficie chã do espelho luzente das aguas.

A' beira da terra, mesmo a debruçarem-se sobre o mar, vêem-se aldeias, campanarios, fortalezas arruinadas; e tudo o sol doira e matiza de fortes nuanças, como oleographias de tons vibrantes e cuidados.

E' difficil encontrar paisagem mais nobre e generosa do que esta terra e este mar, tão prodigos e remuneradores para com o cultivador que os explora, para com artista sedento do bello e para com o investigador avido de traços historicos. Cada bahia, cada angra, cada rochedo d'esta linha epileptica do littoral, são motivos gratos de estudo.

A' esquerda, ao norte, a cordilheira altiva das montanhas ergue-se até ás nuvens; n'essas montanhas vêm esbarrar as rajadas frias e asperas dos ventos da Europa, deixando o Algarve sómente exposto aos da Africa, quasi ao mesmo clima, mas sem as tempestades do *sirocco*, que na Africa são tão frequentes.

Sob esta magia do sol que incide sobre as varias tonalidades do verde, sobre a alvura dos muros caiados á mourisca, sobre o ouro das praias e sobre a toalha branca do mar, o espirito desanuvia-se, sorri e sente-se feliz. Comparando essas charnecas do Alemtejo e as melancolicas paisagens da Beira e do Douro cobertas de olivedos e pinhaes, com estes campos prenhes de seiva e colorido, o contraste é todo em abono do Algarve.

Apeamo-nos em Villa Real de Santo Antonio, ultima estação da via ferrea.

E' construcção primitiva do marquez de Pombal, sob a mesma planta da baixa de Lisboa; e com um grande prazer vemos as nossas conhecidas ruas do Ouro, Augusta, da Prata e o Rocio com o seu obelisco terminado por uma esphera a substituir o sr. D. Pedro IV. O Aterro, em vez de perpendicular ás referidas ruas, é paralelo; e do outro lado do magnifico rio Guadiana, substitue Cacilhas a nobre e garrida cidade de Ayamonte, reclinada n'uma alta collina.

E' linda a villa, formoso o typo das mulheres raianas. D'uma janella que se abre, surge uma cabeça modêlo, rosto de alvo

marfim, bastos cabellos negros, onde uma rosa vibra o seu colorido de sangue, e dois olhos acarvoados despedem uma chamma; outra rosa pica-lhe o seio sobre uma bluse alvadía.

E esta mulher, cujo olhar de reflexos apaixonados vai perder-se além, atravez do rio, n'essa Andaluzia de amores, onde talvez tem o coração, é um lindo romance que merecia demorado exame e leitura.

Sómente, leitor, não podemos ficar a olhal-a, porque não cumpriríamos a tarefa da nossa viagem. Além d'isso são muitas as mulheres de Villa Real com este typo, e seriam longos em demasia taes exames.

Ao longe, para leste, avista-se a villa de Castro Marim com o seu antigo e amplo castello, de que foram senhores donatarios os condes d'esse titulo.

Vamos a caminho de Tavira, retrocedendo na nossa primeira viagem; costeamos o littoral. a paisagem vai-se desenrolando em successivas télas encantadoras de colorido, e, ao aproximarmos-nos da cidade, verificamos quão verdadeira é a descripção que dos seus arredores fazia um frade do seculo xvi: «que não ha ramallete de diversas flores, nem panno de armar, por fresco que seja, que se lhe possa bem comparar.»

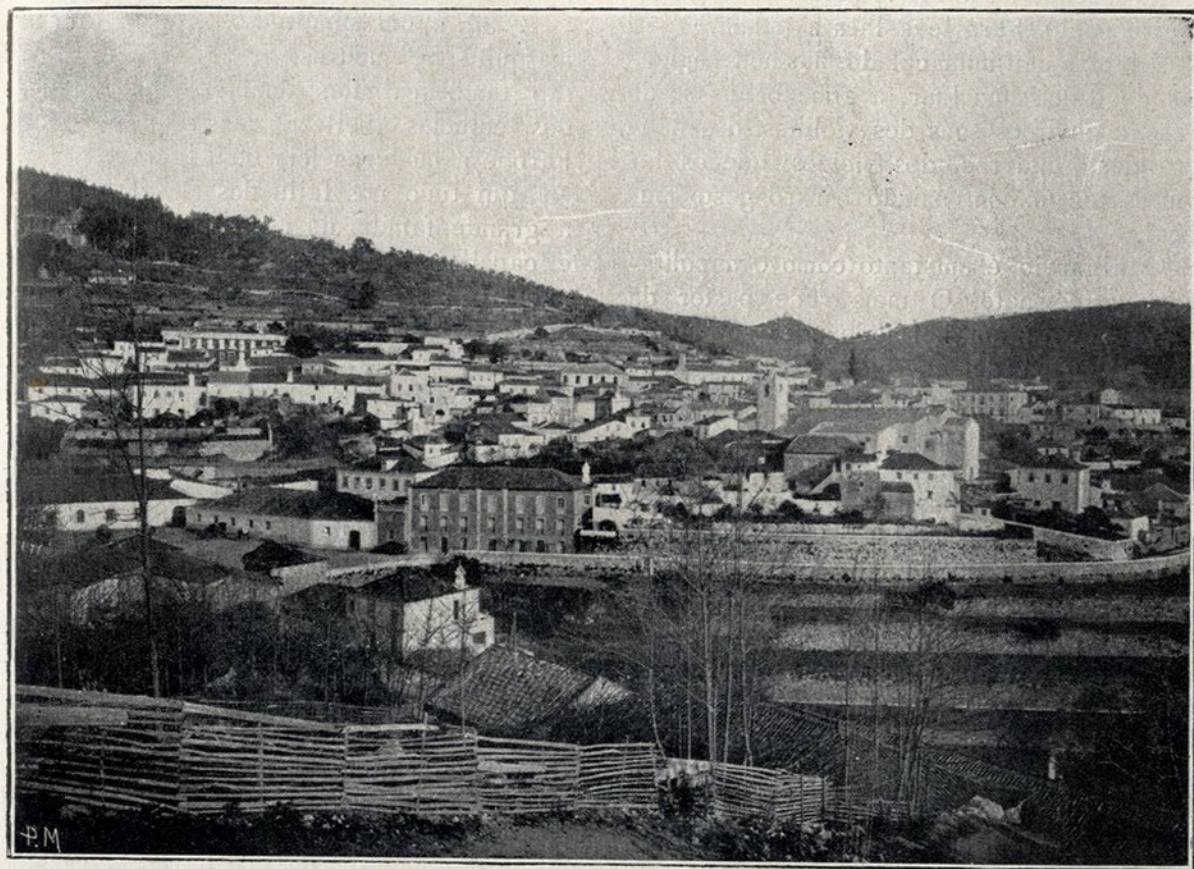
Tavira foi praça muito notavel durante a segunda dynastia do reino, devido á sua posição fronteiriça aos logares d'Africa, que n'essa época os nossos reis guerreavam.

N'esta cidade se estabeleceram então os Mellos, Commendadores de Cazevel, do ramo dos senhores de Olivença hoje duques do Cadaval; os Pessanhas, ramo bastardo dos almirantes-móres do reino, genovezes de origem, e cujo odio com os Mellos levou as duas familias a um encarnizado combate no seculo xvi; os Cunhas, ramo segundo da casa dos senhores de Pombeiro; os Viegas; os Corrêas; os celebres Corte-reaes, que pelo seu fausto e valentia têm nome em evidencia na historia do reino; os Francas, genovezes, vindos com o almirante Manuel Pessanha, no reinado de D. Diniz; os Ichoas, navarrezes; os Carvalhaes, parentes do Condestavel D. Nuno, etc.

Na igreja de Santa Maria Maior, velha mesquita, está sepultado D. Paio Peres Corréa, conquistador de Tavira e de quasi todo

o Algarve. Também é notável allí a sepultura de seis cavalleiros e um mercador, assassinados traiçoeiramente pelos mouros, de cujo crime resultou, como vingança, D. Paio Peres conquistar Tavira.

dos. E' positivamente uma povoação marroquina, a do mais marroquino caracter que possui o Algarve. A alvura irrepreensível das casas, terminadas por terraços ou soiteias, de onde á tarde se contempla o poly-



MONCHIQUE

No alto da cidade está o antigo palacio chamado — *das galerias*, que foi dos lchoas, depois dos Leaes da Gama, e mais tarde dos Mascarenhas, de Faro.

São muito dignos de reparo os conventos de S. Francisco, com a sua magnifica egreja, o de S. Bernardo, o da Graça, a velha egreja de S. Thiago, e a do Carmo.

De Tavira caminhamos para Faro, a joia do Algarve. A entrada é admiravel de pittoresco; á esquerda, esse mar de aluminio, sereno e brilhante como um espelho, e á direita montanhas distantes, de onde vêm até nós os figueiraes alinhados, os hortejos, as palmeiras que se perfilam no azul do céu e nos evocam regiões do Oriente.

Mas antes de Faro, um grande bloco de neve, Olhão, surge a nossos olhos extasia-

chromismo do céu n'esses poentes sem equal, contrasta com a immundice que escorre continuamente nas regueiras das ruas.

E comtudo, a longevidade attingida pelos habitantes d'Olhão é assombrosa, devida talvez aos aromas iodados que se exhalam da beira-mar, e que purificam a viciada atmospheria. E esse aroma é tão intenso, tão caracteristico, que, respirado durante uns dias, marca um modus no nosso sentir, mixto de romantismo e de intensa sensualidade, que jámais nos esquecerá.

Ao fundo do Passeio, formosa avenida de Olhão, uma grande imagem do Crucificado está a descoberto n'uma capella sempre illuminada por lampada de azeite. E é com-movente vêr a todo o momento os transeuntes ajoelhar e orar deante da imagem.

Em terra alguma do Algarve se ama tão livremente como em Olhão. E' vulgar, de noite, encontrar os rapazes sentados em cadeiras, no meio das ruas, conversando para as janellas, com as suas namoradas, e ninguém n'elles attenta.

As serenatas são alli muito vulgares, mas, n'esse ponto, Faro leva-lhes a palma.

Sob esse céu immaculado, nas noites quentes de dulcissimo luar, a alma banha-se de goso a ouvir os sons dos violinos, das flautas, das guitarras, dos violões, que os farenses tocam com paixão e raro gosto musical.

O algarvio é um tanto como o napolitano, musico nato. O mais rude pastor da serra péga n'um harmonium e, ao fim de algum tempo de exercicio, extráe d'elle canções dolentes, d'um romantismo amoroso e bucolico.

E aos domingos, em todas as aideias, n'um ápice se arrumam a um canto os bancos e cadeiras das casas, e as moças, enlaçadas pelos rapazes, pulam ao som das gaitas de feira, ou do harmonium, seu instrumento favorito.

São de mais alto romantismo as serenatas dos farenses; essas levam fito a certas janellas de denso gradeado, arremedo das gelosias e adufas mouriscas, atravez de cujas rótulas surgem rostos morenos de olhos ardentes, que vêm ouvir as serenatas dos moços enamorados.

Não são sómente as miragens orientaes da paisagem, que no Algarve surpreendem o viajante, mas tambem o traje, os costumes, a população.

Uma grande colonia judaica assentou arriaes em Faro, desde tempos remotos, e a cada passo notamos o furor commercial dos judeus, a belleza das suas mulheres, o mysterio da synagoga, de onde sae a toada plangente dos seus ritos.

Com surpresa deparamos tambem com o traje levantino de varias mulheres farenses, o celebre *bioco* encobrendo-lhes o rosto, como é uso em todos os paizes musulmanos.

E todo este encanto dos olhos só porque transpuzémos a Serra de Monchique!

Por vezes a identificação do nosso estado d'alma com o que em nós dominaria se estivessemos em Marrocos ou em Argel, é tal, que nenhum espanto sentiríamos ao vêr en-

trar pela cidade uma caravana de longos e pensativos dromedarios, conduzindo mercadorias para os commerciantes judeus.

Faro foi tomada aos mouros por D. Afonso III, sendo alcaide d'ella *Aloandro*, e almoxarife *Aben Barrau*, que a tinham pelo Miramolim de Marrocos.

A Sé é um sumptuoso edificio, outr'ora mesquita de mouros. S. Pedro e o Carmo são tambem bellos templos. Pela riqueza dos edificios, belleza das ruas e praças, Faro é a moderna-joia do Algarve.

Aqui tudo nos falla dos Mascarenhas; é a grande familia da região. As suas hortas e capellas, as vistosas campas da Sé, as ruinas das suas habitações, a tradicção que no povo ficou da sua riqueza, da sua vida principesca, dos seus feitos na terra e no mar, das valentias collossaes do Manuelinho de Faro, o celebre capitão-mór, cujas forças gigantescas tiveram nomeada em todo o Portugal e Hespanha, não havendo farenses que não conte uma façanha, por vezes fabulosa, do seu tradicional grande homem, tornam esta familia a mais celebre da cidade.

Outra das nobres familias que aqui residiram, se bem que o seu primitivo solar pareça ter sido em Loulé, foi a dos Barretos, alcaides móres da cidade, mais tarde condes de Val de Reis. Tambem floresceram as familias dos Sousas Pousados; Dorias, genovezes; Arraes de Mendonça; Britos; Figueiredos, alliados aos Mascarenhas; Sarreas; Palermos, sicilianos; Caminhas, etc.

Subir a uma soteia de Faro, n'uma tarde serena de outomno, á hora em que o disco vermelho do sol vai afundar-se no horisonte em chammás, é um dos maiores gosos para uma alma de poeta e de artista.

O scenario é maravilhoso. A nossos pés estende-se a alvura da casaria, e o setim do mar sulcado de vélas brancas, como cysnes fluctuando, vai perder-se no infinito; no terreno alambreado desenham-se as filas interminaveis de figueiras, as amendoeiras, as alfarrobeiras, erguendo-se acima de tudo as cupulas frondosas das palmeiras, e ao longe, a perfilarem-se no horisonte, em linha nervosa e irrequieta, os cumes das montanhas de Monchique.

Para as bandas do poente, o brazeiro do céu esmorece pouco a pouco e produz um espectáculo phantastico; abrem-se as nu-

vens n'um diluvio de côres: os azues, os oiros, os escarlates, as purpuras, os carmins, os topasios, magias de colorido intenso ou suave, dão-nos a impressão de uma grande téla onde o pintor, atacado de sublime loucura, nos descerrasse um retalho do scenario d'Além.

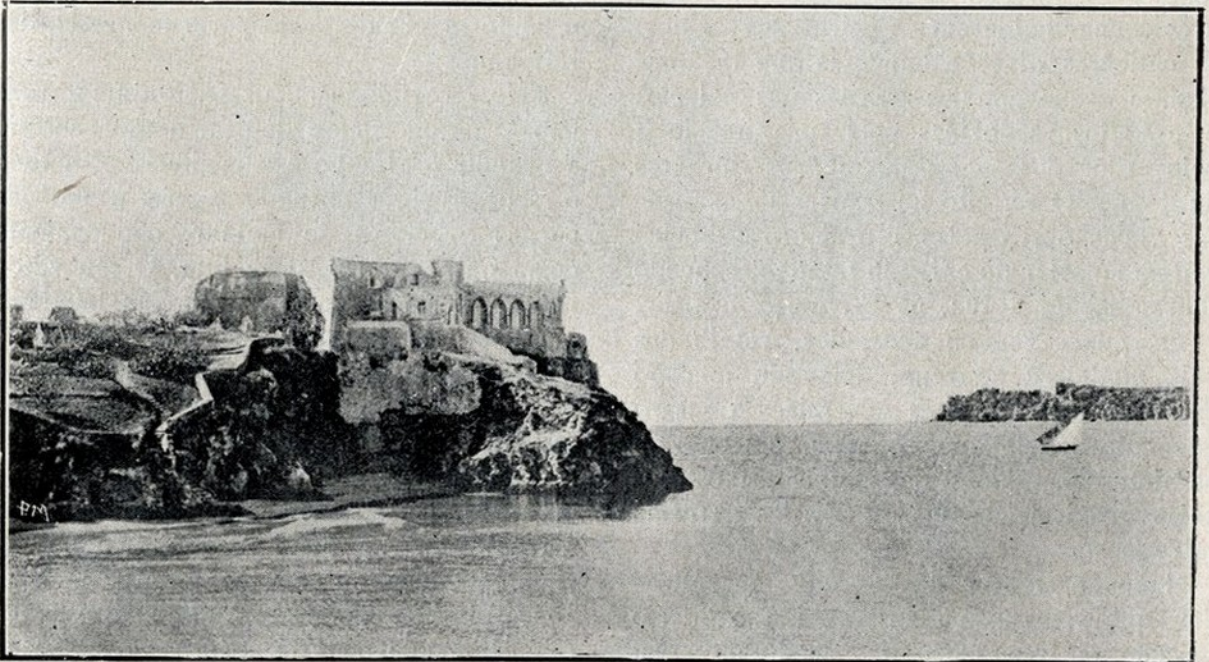
Este amalgama de côres começa no tom do azul ferrete e vai morrer no amarello desmaiado do limão, passando por todos os tons que vêmos n'um prisma de crystal banhado de luz, ou melhor ainda, por todos os tons que uma concha de madreperola reflecte quando batida do sol.

Depois, vão esmorecendo as côres, avultam sombras, morre a luz, morre a vida; as montanhas avistam-se ainda emergindo da penumbra, os cumes altivos flammejam debilmente sob as ultimas reverberações do sol. Um derradeiro clarão, e a noite envolve-as tambem no seu manto escuro. Começam a desenhar-se as estrellas como pontuações de oiro na abobada sombria do céu, a brisa mais fresca vem sacudir o

parecendo nos jardins mysteriosos de algum pachá feliz e sensual.

Um poente assim é uma agonia, dá vontade de morrer, de diluirmo-nos em côr, em luz, na brisa que passa, no ligeiro sussurro das coisas, de partir para o Além, entoando um hymno de liberdade e de fuga d'esta terra de soffrimentos e dôres, onde o ideal tomba ceifado pela grosseria da vida. Um tal espectáculo suggere ancias de um adeus supremo, não da morte tragica e funerea em que Tristam e Isolda procuram o nada, mas d'uma morte libertadora, em que o Além se nos revele realisador das promessas de infinito goso espiritual que um tal scenario nos faz antever.

A posse d'este formoso Algarve foi em todos os tempos apetevida pelos povos navegadores, que d'elle se enamoraram ao conhecer-lhe as excellencias do clima, a exuberancia da vegetação, a riqueza do solo privilegiado, a multiplicidade dos seus portos e a abundancia dos seus perfumados fructos e das suas pescarias.



FERRAGUDO — CASTELLO DE ARADE

morno torpôr do corpo indolente e esmorecido. Alguns passeantes avistam-se na rosacea das ruas, e os seus vultos movendo-se cadenciados e silenciosos no escuro da noite, suggerem a impressão de orientaes es-

Cuneus, Turdetanos, Celtas (?), Phenicios, Tyrios, Gregos, Romanos, Godos e Arabes, aqui vieram successivamente apossar-se d'esta estreita faixa de terreno, e trazer os progressos da sua civilisação. Mas, se de

todos estes povos os algarvios tomaram um pouco dos caracteres, foi principalmente o ultimo que n'elles vinculou a sua feição moral e physica.

Compreende-se bem o amor do arabe a este torrão maravilhoso. Ardente de temperamento, pelo torrido clima que o vio nascer, desgostava-o a paisagem arida, o infinito areal que o forçava á melancolia e ao tédio. Sensual e imaginativo, tinha de suffocar os sentidos e a imaginação no repasto frugal e minguido que a natureza lhe offertára.

Um dia, confiado nas promessas do Alcorão e incapaz de conter-se por mais tempo na barbacan imposta forçadamente á sua ambição, transpol-a de um salto e invadiu o occidente, onde sonhava a paisagem verde e generosa, o céu azul, os poentes vermelhos e a alvura das mulheres, que o faziam delirar de desejos; e talando, retouçando todo o norte d'África, veio brandir o curvo alfange ás portas das Hespanhas.

Nada o podia deter; do outro lado do estreito via os laranjaes em flor, cujo perfume o entontecia, as roseiras e os eloendros a engrinaldarem as beiras dos jardins, as mulheres alvas e buliçosas que lhe sorriam e acenavam dos balcões dos palacios e castellos, seduzidas pela sua audacia e pelo ardor dos seus olhos negros vibrantes de desejo. O estreito foi transposto, as massas godas destroçadas, e o mouro estabeleceu-se no solar do christão fugitivo, bebendo soffregamente a luz, os perfumes, o amor.

Os godos fugiam acossados, retalhados pela cimitarra agarena, deixando juncado dos seus mais valentes guerreiros o ensanguentado trilho que seguiam, e trocavam os dourados salões dos palacios faustosos pelas grutas friorentas e núas das Asturias selvagens.

E ao entardecer d'esses dias amargurados, que viam a sua miseria e o adulterio forçado ou voluntario das suas mulheres, scismavam melancolicos nas grandezas do passado, nos magnificos castellos a cujas torres de menagem, tão altivas e rendilhadas, a essa mesma hora do poente subia o muezzin a bradar «Allah, Allah, Allah», erguendo impiedosamente os olhos acarvoados de cão-infiel para esse céu christão, azul e puro como a doutrina de Jesus.

N'essa raiva concentrada e anciosa por expandir-se como alterosa vaga contida por robusto dique, o godo procurou silenciosamente refazer-se, devorando o odio e a amargura que lhe transbordavam do coração. Habitou-se á caverna dura e gélida, endureceu os musculos no frio, no violento exercicio da equitação, na justa, na escaramuça com o mouro que mais de perto o aggreidia. Vencendo em pequenos encontros, iniciou sortidas audaciosas, foi descendo a montanha, tomando aldeias, villas e cidades, e em breve offereceu ao seu inimigo um inimigo digno de combatel-o.

O arabe não cria o que os seus olhos diariamente viam; vencido, julgava-se ainda vencedor, e em vez de brandir o alfange, escutava no harem os languidos harpejos da guitarra e do banjo tocados por mãos delicadas de favoritas; nem concebia que o rude godo das Asturias viesse um dia expulsal-o d'este eden, d'esta terra a que tanto queria e que ha cinco seculos habitava, de sob este céu de setim, d'este mar de lapis-lazzuli, das suas mesquitas de marmore e granito, d'essa orgulhosa Silves, a mais forte cidade do emporio mouresco das Hespanhas.

Mas a realidade impoz-se, e n'um grande impeto de egoismo e defeza, o agareno saiu a brandir o alfange e a cimitarra. Comtudo o seu braço, habituado agora a enlaçar corpos graciosos de mulher, não sustenta como outr'ora o peso da luta. O seu valor não é já senão uma sombra das façanhas obradas nas margens do Chryssus, e o mouro abandona o campo da batalha, pondo o ultimo alento na defeza do portal do seu serralho, onde tomba acutilado pelas rudes espadas dos soldados da montanha, ou foge perseguido, mas tendo primeiro mergulhado com furia o curvo alfange nas rijas entranhas do christão.

Do alto dos montes, da amplidão dos mares, contempla uma derradeira vez as brancas cidades que brilham sob os raios ensanguentados do poente, e vê, chorando, o seu Eldorado, o seu poderio, os seus sonhos, desaparecerem como esse sol que agonisa:

Sobre os seus altivos castellos desfraldam-se agora as bandeiras de Portugal e de Hespanha, e nas mesquitas onde durante

cinco seculos inteiros se ouviram os canticos de Allah, echoam os hymnos a Jesus.

Mas, se o mouro partiu, a sua obra ficou, o seu sangue ficou, a sua recordação ficou. Sete seculos são passados, e ainda admiramos os seus castellos, as suas fontes de elevados coruchéos, as suas gelosias mysteriosas, os rostos bronzeados da sua raça, e o ardor e romantismo do seu character a perpetuarem-se n'este Al-Ghharb, onde constantemente as lendas guerreiras ou amorosas e os cantares dolentes celebram as victorias, os amores, a derrota, o exilio do mouro.

Quem souber percorrer Silves n'uma noite estrellada, de luar suavissimo, e fizer reviver o passado, recordando a civilisação que ahi se desenvolveu desde o seculo VIII até ao seculo XIII, os homens notaveis que a Chelbmoura produziu, e cujos nomes chegaram até nós, como Abdelmalecus Ben Abdalla e Ahmad Abulkassemus, delicados poetas; Ebn Athala e Mohamad Gabel,

sabios e letrados, e outros não menos illustres; quem fôr ao *Pulo*, ou Pêgo de Aben-Afan, onde este rei de Silves se afogou ao fugir do Alcaçar, quando perseguido pelos guerreiros christãos; quem subir ás muralhas do immenso castello e estender o olhar pela immensidade da paisagem montanhosa que os mouros encheram de vida, de risos, de amor, de flores, de perfumes, e que agora jaz morta e nua, terá um pouco a comprehensão do poderio d'elles n'este Algarve, e do pesar que sentiriam abandonando para sempre este torrão ardente e verdejante, banhado de fulvo sol e de dulcissimo luar, esta *Chenchir* a que um dos seus poetas

chamava, com tanta verdade, um ninho de flores.

A Silves de hoje é apenas uma leve recordação da antiga capital dos reis mouros, a mais opulenta cidade de toda a Hespanha islamita, sendo dez vezes mais rica e forte do que a Lisboa de então. Dentro dos muros tinha quatro ordens de fortificações, a primeira das quaes era como uma vasta cidade estendida pelo *Rovale*; a maior estava no monte e tinha o nome de *Almedina*, outra protegia o rio Arade, outra o rio Odelouca; outra, a *Couraça*, tinha quatro tor-



FARO — EGREJA DO CARMO

res, uma das quaes se denominava *Alvie-rana*. Abaixo da primeira porta era o castello, a que chamavam *Alcay*, e havia ainda a grande torre de *Rovale*. Das quatro fortificações só restam hoje as ruinas do castello e da cidadella, e essas, ainda tão grandes e imponentes, que não as conhecemos maiores no paiz.

A todo o momento, em Silves, se desenterram recordações de mouros, de que as mais vulgares são moedas, e por vezes em tão grande numero que têm feito a fortuna dos seus achadores. Um vaso de barro cheio d'ellas foi encontrado ha annos, e diziam de um lado, em arabe:

*Deus é nosso Senhor,
Mahomet seu apóstolo,
Mahadi nosso Soberano*

e no reverso:

*Não ha mais que um Deus,
Senhor de todas as coisas,
Em quem só está todo o poder.*

Diz-se que todos os castellos mouriscos do Algarve se communicavam por arterias subterraneas, que tem leguas de extensão, e pelas quaes fugiam quando vencidos. Assim, o castello de Silves ligar-se-ia com o do Alferce, este com o de Monchique, e successivamente.

São dignas de vêr-se as *matamoras*, grandes celleiros subterraneos onde guardavam incorruptiveis os mantimentos. Entre as varias cisternas que serviram para deposito d'aguas pluviaes, a unica que em Silves hoje se pode visitar, é enorme, e formada por quatro ordens de columnas, tendo cinco naves, que sustentam uma admiravel abobada petrificada de tal modo, assim como o sólo, que são impenetraveis por qualquer instrumento.

O rio Arade, tão mingoado d'aguas presentemente, permittiu outr'ora que junto á cidade chegassem as naus e galés dos cruzados vindos do Escalda, e as de D. Sancho I, seus conquistadores.

A Sé, grande edificio gothico construido de um grés especial de tons avermelhados, cujas bellezas artisticas os barbaros remendos e rabocos muitas vezes encobrem, é digna de estudo. Ha alli antiquissimos sarcophagos de bispos, capellas vinculadas e brazonadas, lapides sepulchraes com velhos emblemas heraldicos, que nos põem em evidencia as familias Simões, Rego, Gramaxo, Silva (Vagos), Viegas, Cabral, Moniz, Sarrea, Taborda, Arrochella e outras; e avultando entre todas as lapides, nota-se a de El-Rei D. João II, que alli jazeu quatro annos, apoz a sua morte em Alvor.

Villa Nova de Portimão é uma linda villa, situada perto da foz do rio Arade. Graciosa e mollemente reclinada na encosta do monte, vem descendo até ao rio, onde por vezes navios de consideravel lote acostam ao caes. Portimão orgulha-se com o seu *Palacio*, grande e pesado edificio particular; com o

seu antigo collegio de jesuitas, hoje tribunal; e com as ruinas do velho convento dos franciscanos, construido em grande parte á custa de Simão Corrêa, Conde de Lydes, em Italia, capitão de Azamor e aio da infanta D. Beatriz, filha de El-Rei D. Manoel. O brazão d'este fidalgo ainda se ergue sobre a porta da igreja do convento, e é uma bella peça artistica de talhe manuelino ennegrecida pelos annos.

A entrada do rio era defendida por dois pequenos castellos, de um dos quaes, de Arade, hoje propriedade e vivenda do sr. dr. Coelho de Carvalho, a vista é soberba e deslumbrante. N'esse verdadeiro retalho da *Riviera* o mar espalha-se a perder de vista, offuscado aqui e além pelos rolos de fumo dos vapores que o sulcam; o rio é uma fita de aluminio brilhante, que vae perder-se tortuosa entre as montanhas; e na frente, Portimão reclinase coquette, toda a sorrir sob o brilho fulvo do sol, ou arde, ao esmorecer do dia, n'essas apotheeses de luz em que o Algarve não encontra rival.

A praia da Rocha é o grande réclame que todos os portimonenses fazem ao forasteiro. Para elles, é a Rocha superior a Biarritz, a Ostende, a todas as praias do mundo; e tal suggestão em nós incutem, que só depois de vermos as outras praias algarvias, confessamos a nós mesmo que a Rocha é uma optima praia, mas que todo o Algarve da beira mar é uma optima praia.

As familias principaes, que tiveram solar n'esta villa, foram: Corrêa, dos de Saboya, Simões, Zarco, Encerrabodes, Sovereira, Sarrea, Valarinho, genoveza, Lemos de Faria, etc.

Partindo de Villa Nova sob uma impressão de frescura, de riso, de bem estar, trilhamos o caminho de Lagos, todo elle um jardim de verdura, e onde as figueiras attingem o seu maximo de pompa e grandeza.

O aspecto da cidade é soberbo; das praças e do alto das muralhas, a grande bahia assombra e deslumbra. Não ha bahia maior no mundo; a agua chã, na transparencia do seu verde glauco, mascara deliciosamente a profundidade do abysmo; risonha e prateada quando á noite desponta no horizonte, como grande hostia, a lua cheia, tem na sua immensidade um aspecto infer-

nal, quando a tempestade lhe revolve o seio e accidenta a superficie em ondas alterosas e amplos lençoes de espuma.

Vista da bahia, a cidade reclinase pesadamente ao fundo, negrejam as extensas e largas muralhas, os baluartes, o castello e as fortalezas, alveja a casaria muito caiada á moda agarena, erguem-se as torres das egrejas, as ruinas dos velhos conventos e as do desmantelado palacio dos governadores; destaca-se o brilho dos figueiraes alinhados em filas pararellas, desenhando infinitos traços de verde na riqueza do solo fertil e vermelho.

o ambar e a violeta diluidas predominam no horisonte. e sob o manto do crepusculo só se devisam a alvura da casaria e a negra dos murados.

Em noites de tormenta é sinistra a cidade, os baluartes parecem phantasmas, o mar sussura, despedaçando as vagas de encontro aos rochedos.

Quem n'essas noites se aventura a sair pelas ruas, encontra Lagos solitaria; as portas fecharam-se, as luzes trémulas e mortiças parecem tocheiros funebres. O aspecto do mar é horrivel; os vagalhões phosphorescentes de um brilho infernal, curvam-se,



E O MOURO ABANDONA O CAMPO DA BATALHA . . .

E quando o sol morre nos outomniços poentes tão deslumbrantes de colorido, então a cidade, contemplada n'essa ardente moldura polychroma, enche-nos a imaginação de lendas orientaes, de contos medievos, de assaltos e combates, em que os guerreiros da cruz conquistavam e incendiavam as cidades dos crentes do Islam.

Esmorece a chamma com a visinhança da noite, desenham-se as côres mais definidas,

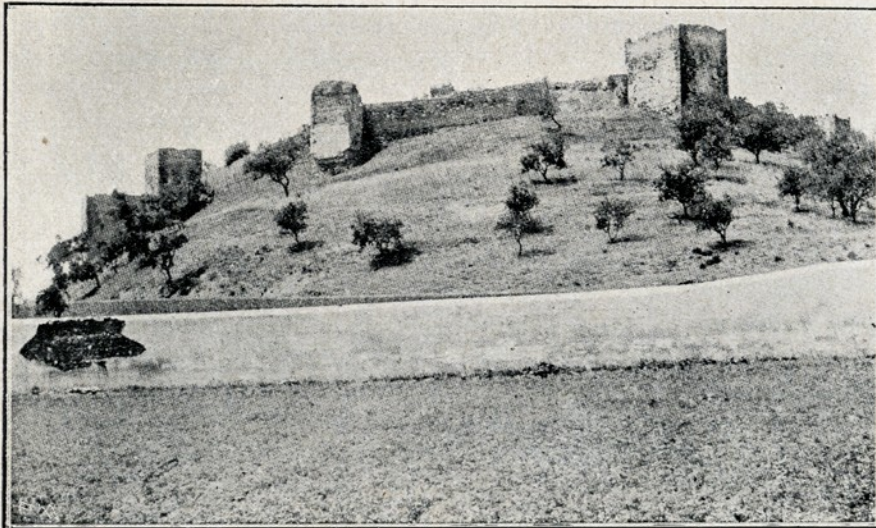
gemem, desdobram-se em extensos lençoes de espuma; outros que em meio da sua doida correria encontram as Pedras da Barra, não podendo esmagal-as, esmagam-se de encontro a ellas, atiram-se ás nuvens, tomhem em flocos de espuma, e, reconstituindo-se, vêm em cachões esboroar-se aos pés das ruinas do antigo palacio dos capitães-móres generaes.

Ao longe não se vê um pharol: apenas o

espaço infinito illuminado tragicamente pelo phosphorecer das vagas gigantescas; e no espirito prepassa um fremito de pavor perante a grandiosidade do quadro.

E' a mais antiga das terras do Algarve, pois que a sua fundação attribue-se ao rei Brigo, que governou as Hespanhas muitos seculos antes do nascimento de Christo. Do seu porto saíram as primeiras caravellas que foram a descobrir terras de Africa além do Cabo Nam, a sulcar os tenebrosos mares nunca d'antes navegados.

O templo principal de Lagos era Santa Maria Maior da Graças, situado n'um alto da cidade, junto á Porta da Villa, que abria



SILVES — RUINAS DO CASTELO MOURISCO

sobre o Rocio da Trindade, vasto campo a que n'uma noite os lacobrigenses arrancaram as arvores, para que El-Rei D. Sebastião alli se divertisse com a sua cavallaria. Ao chegar este rei ao Cabo de S. Vicente, para ir ao desastre d'Alcacer, saíram-lhe n'uma infinidade de barcos os lacobrigenses vestidos á mourisca, e em grande grita, como fazem os mouros quando guerreiam, cercaram o navio e aprisionaram o rei, brincadeira que elle achou do melhor gosto.

Tanto os moradores de Lagos amaram este soberano bellicoso e romanesco como elles, que apoz a sua morte entaiparam a porta chamada da Gafaria, por ser aquella por onde D. Sebastião sempre passava.

No referido templo de Santa Maria Maior tinham capellas com jazigos, ou simples lapides sepulchraes, os Costas, alcaides-móres da cidade, os Corrêas, de Joanne Mendes, os Rebellos, alfaqueques-móres de Portugal, os Freitas, os Jacques, commendadores de Bouças, aragonezes, os Liotes, inglezes, os Valarinhos, genovezes, os Villalobos etc.; mas a mais elevada personalidade que alli teve sepultura foi o celebre infante D. Henrique, fallecido em Sagres, e em Santa Maria Maior depositado durante um anno, até á sua trasladação para a Batalha.

Esse templo que fôra destruido pelo terremoto e começado a reedificar, foi depois

arrasado de vez pelas mãos dos homens, arrancados das sepulturas os ossos de tantos varões illustres e de tantas donas dignas de veneração, e lançados ao carneiro do esquecimento, á mistura com as ossadas dos nullos e dos criminosos (!)

S. Sebastião é templo digno de vêr-se, amplo e elevado como poucos os do Al-

garve. No adro da igreja existe uma antiga lapide do seculo XVI. com a seguinte curiosa inscripção:

ESTE LOGAR PEQUENO COUBE EM SORTE,
DEPOIS DE DAR AO MUNDO DESPEDIDA,
A PERO JACQUES CORRÊA E SU CONSORTE.
O CORPO ESTÁ AQUI, QUE O PÔZ A MORTE,
A ALMA ESTÁ ONDE A PÔZ A VIDA.

E' cheio de alta philosophia o pensamento que transpira dos dois ultimos versos, e os homens deviam attentar n'elles, mesmo os que destruíram o templo de Santa Maria Maior das Graças, para com os marmores fazerem a especie de mosaico que cobre o chão da praça onde aos

domingos a philarmonica toca valsas e polkas (!)

Quem vai a Lagos tem de ir á Luz, vêr a estância balnear que os lacobrigenses querem tambem que seja a melhor do Algarve. Se a Rocha se tornou o *rendez-vous* estival dos algarvios, pelas commodidades que offerece, pelo luxo que alli reina, e sobretudo pelo réclame que os habitantes de Portimão lhe fazem, a Luz, pobre de arte, pobre de luxo, e menos dotada de réclame, leva-lhe a palma em pittoresco, em bellezas naturaes.

Nos dias de bonança é um retalho da Côte d'Azur; a agua faisca sob os jorros do sol caído a prumo sobre o seu espelho ligeiramente movediço, e ao fim da tarde apresenta tonalidades de azul tão puro e transparente, como o das oleographias bem untadas de verniz.

Esta praia não é, como a da Rocha, cercada de rochedos que impedem aos olhos o aspecto dos campos, e só lhes permitem o do mar. Da praia da Luz, além do mar que vai da Piedade ao Cabo, avista-se o Ramallete e o Valverde, todo esse valle que é um jardim de verdura, as collinas que o ladeiam, todas cobertas de casaes, a povoação e o extenso littoral. E isso porque a praia está no mesmo plano do valle.

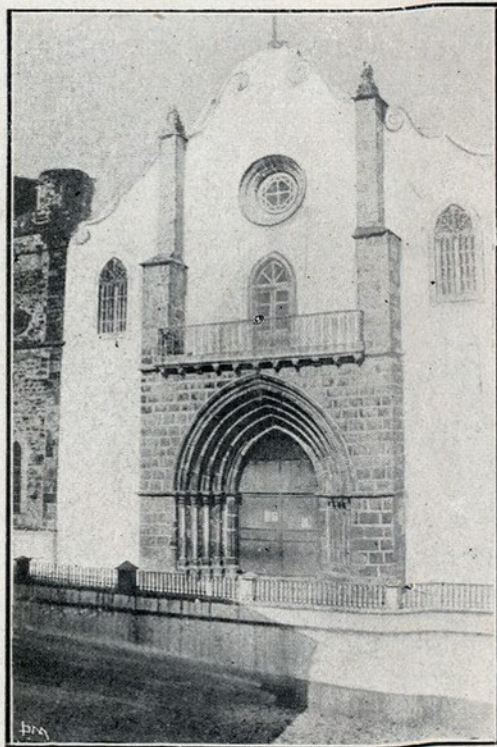
Infelizmente, esta região ardente e toda africana vai perdendo a côr local com a casaria pintalgada de côres burlescas, oscilando entre o vermelhão e o azul (!) Aos algarvios de barlavento o leite de cal desperta horror, e pertendem suggerir ao viajante que elle se encontra n'uma nevoenta paisagem da Mancha cheia de *cottages* e *villas*. Chamam elles a isto, como a muitas outras cousas, o *progresso*.

Ah, mas ninguem vai ao Algarve vêr os burguezes e a sua obra; a natureza, o povo, e os monumentos do passado bastam, e n'essas tres riquezas ha pasto bastante para o extasi do artista e do intellectual.

Monchique é chamada a Cintra do Algarve. A sua serrania cheia de pittoresco,

cortada de menanciaes d'agua crystallina, de florestas de castanheiros, de pomares de lorangeiras, de hortas ricas de fructos, offerece nas suas sombras mysteriosas a frescura que nos recusa o littoral sob o diluvio do sol ardente.

Do alto da Foia, todo o Algarve está a nossos pés, o mar infinito, os valles e collinas verdejantes, e a serrania immensa semeada de casaes, regada de filetes d'agua



SILVES — SÉ

argentea, povoada de azenhas que quebram o silencio no ranger aspero da sua labuta. Sente-se a vertigem dos grandes espaços e compreende-se a sensação dos aeroplanos.

E agora, leitor, se para encetares a tua viagem ainda me perguntas que taes são os hoteis algarvios, dir-te-ei que melhor farás não saindo da porta da Havaneza, porque és indigno de viajar.

Arte portuguesa



CARLOS REIS — RETRATO DE M.^{me} S. L.



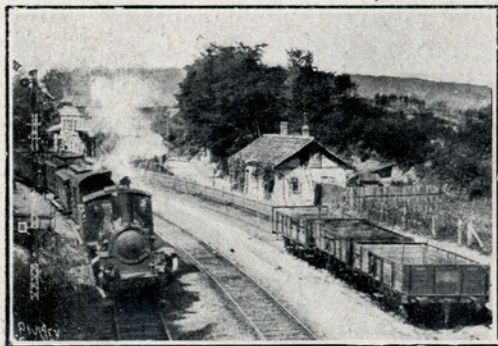
O jornal do mar

I

Quando se abandonam os campos abrigados com a capa saragoceira da montanha e cobertos do largo chapéu estrelado do firmamento — manhã fresca, manhã humida, em agosto, entra-se nas terras planas de areal, abrangem-se ao longe todas as barreiras do horisonte—é o mar que se levanta e as areias que ainda repoisam; e logo se vêm, em redôr, incharcadas do nevoeiro, as pastas do musgo glauco e aveludado que magestosamente cobrem as grandes, negras e teimosas penedias de toda uma praia deserta e enorme... Na sua frente todo o camponez sensível se descobre e cala, maravilhado!... Ondas sem fim, embalando ou abraçando-se, vêm subindo, com vagar... Multiplica-se logo o sussurro dessas ondas com o impeto bravio de outras ondas distantes, que cedo vêm. E então, dentro de toda a sua sinceridade e impulso, o camponez deixa cair todo o pesado guarda-sol de cana, ergue o busto, com cerimonia, e fazendo tres vezes o seu chapéu ao vento, exclama, comovidamente:

— Senhor mar, senhoras aguas... para que vivam!...

Mas antes, na gaiola curta de uma *terceira* do baixo-Minho, o pasmado, trigueiro e pacato pedaço de homem que é o lavradôr da região, disfruta com curiosidade, atravez cada postigo quadrado, os imensos milhos que a



sua alfaia não sachou, o pé da horta, estranho, que aguas estranhas reverdeceram, e os exercitos provocadores da montanha coroada de pinheiral — emquanto ao lado, enganando-lhe o bicho do ouvido, o moço, que só vê

dos campos o colorido alegre e as linhas fúteis, ensaia ao harmonium, numa ternura divertida, o saltadinho engraçado do *verdegaio*.

Nas prateleiras quasi rentes ao tecto, ou contra as barrigas ou no chão, en-



tre as saias, aconchegam-se as sacas de chita, anafadas e pintadas, onde o bragal cheiroso de fresco se acama, para uns quinze dias de ocio, no mar. As mulheres ventradas, adornadas de claro e esmaltadas, nas duas faces, do trigoeiro e encarnado, envernizados das maçãs de dependura, prantam-se obedientemente ao lado dos maridos, os quaes vigiam — mal seguros — a entrada, de acaso, de algum padre d'aldeia, avantajado, ou de qualquer sujeito que *fale bem*, falando muito. Então o comboio corre fogo na facilidade das ribanceiras, entre campos. Como levantadas com pavor, as arvores parecem voar, crespas e rodando vertiginosamente. E enquanto, aos homens, o guarda-sol de canna se lhes immobilisa sob as duas mãos coladas e pesadas, com o fumo dum cigarro ao vento, divertidissimos; as mulheres, todas lustrosas e muito erguidas nos seus logares, voltam-se ás arvores que correm, ás latadas frescas que se despenteiam, e veem girar na corôa dos montes, velozes e em estrella, os moinhos de vento que seme-

lham, atravez um alto veu de neblina, as grandes arvores de fogo, giratorias, do arraial noturno do *S. Torquato*.

Entre o rancho dessas *terceiras*, sentado e quasi arrepiado, por vezes uns motivos ribeirinhos, de harmonium, distraem e fazem amar as arvores, por toda essa monotonia do comboio andando e andando. Repetem se lá fóra, por minutos sem conta e animando o *cliché* quadrado da janela, os mata-gaes trepando pelas colinas, as casas de senhorio na meia encosta, as mêdas anaias e as eiras de lage clara, os rios e as avenidas de choupos, os milheiraes barbados de amarelo, espraçando-se entre as altas cerejeiras tufadas de verde e os carvalhaes felizes de sombra, os pontilhões e as verduras de cada leira cavada e orvalhada. Uma grande e extensa scenografia alegre, quasi perceptivel de perfumes, mas igual, decora por todas as direções. Subito, porem, divisa-se, lá muito distante, uma barra extasiada de mar! Os dedos nodosos apontam-na, contentes, atirando o cigarro!... — *Ceus!*... E nes-



ses logares do longe, alastrando de manso entre a verdura de outros campos, e talvez de outros souts, a longinqua superficie placida e extensa semelha uma longa *echarpe* azul que tivessem estendido, para seccar, sobre

a barba dura dos tojos, na distancia, e para o qual o povo agora ri e canta!

*Ai!... ólaré, ólari, ólaré...
ai, ólari, ólaré, ólará!...*

Rindo, mais alegres, e como o povo que se aperta e acumula aos postiões quadrados de lenço agitado ao vento, os harmoniuns quasi jingam e saracuteam uma *verde-cana* folgasã! Velhas da róca e da monda, tiradas ao abismo dos seus *padre-nossos* abstractos, alegram-se e ainda meneiam duas ondas no riscadinho da saia branco e roxo.

— *Ai!... o mar, o mar, Senhora do Sameiro!...*

Tentação de agua, aquela, que por amôr do seu movimento e novidade muitas sacas de miação se voltavam de boca para baixo, soltar nas abas ca-seiras que as enxeram!

E assim retomam o geito da dança, num palmeado vivo e certo:

*Ai!... ólaré, meu amôr, ólaré!...
ai, ólaré, meu amôr, anda cá!...*

* * *

Horas depois, ainda em viagem, já os campos, as construções e as encostas deferiam, muito outras e pobres.

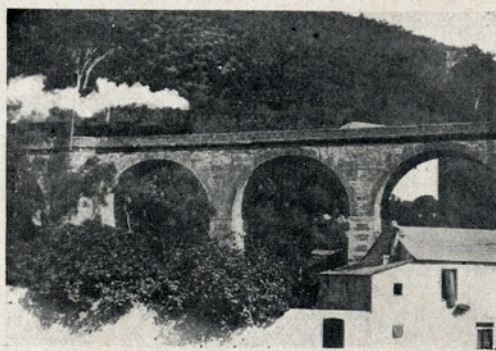
Tinha ficado lá distante a anafada cêga de *Vila Nova*, de cuja voz e aspeto eu proprio tenho imensas saudades.

— *Cinco reisinhos á cêguinha, que o não pôde gánhar... Lembre-se da cêguinha... Que o não pôde gánhar!...*

E a terra e o arvoredado, parecendo

tomados por uma doença de esgotamento e sêdes, já não tinha a graça adejante, a fartura decorativa e cheia de murmurio que além do *Ave*, das varzeas á montanha, por toda a parte se mostravam corpolentas e sorrindo.

Nas estações, mesmo, saindo á portinhola, que era feito da *mulher das pêras*, ou do *pote da agua* ou dos *cigarros fortes*, para pedreiros d'aldeia? A's lages do passeio da *gare* surgia apenas aquele chefe gordo do *bonnet* de pála, com os filhos agarrados ás pernas e tão conhecido no Minho pelo seu bigode castanho assombreado-lhe, como um rebuço, a



saliencia carnuda do beiço. Em cima, na frente das janelas da agua furtada, corria uma videira de quatro metros de largo, toda mordida e queimada do mildiu. Medravam cravos vermelhos, nos potes gordos, sobre as telhas assoalhadas. As galinhas picavam cá em baixo, entre os passageiros para embarcar. E o mais eram aquelas trez campainhadas, todas lentas, como de igreja; a bandeirola vermelha, emperdigada, militarmente, no punho de galão; a entrega do *Primeiro de Janeiro*, e um recado para dar «lá adeante», quando o comboio passasse, ás «senhoras» de Gondifélos.

Pinheiraes curtos de tronco e dum

verde pobre, nessas pequenas aldeias de Entre-Douro e Minho, ficavam nas terras chãs como que á mão de semear, logo adeante de umas leiras de milho. A farta milharia do campo de ábeira *Lima* e *Ave* tornar-se-ia exagerada, sob a poeira do sol ardente, posta junto daqueles milhos de folhas estreitas e duma sação retardada, que pareciam ter encruado na terra pobre que lhes não dava sustento. O proprio boi filosofo sofria mingua, entre esses pastos gafados. A luz, todavia, era a mesma! O canto do sol, immortal, que, muito cedo, despertava lá em cima os galos da ribeira do *Cavado*, abria-se ali tambem, em largo vôo de côres e tão prodigo como a semente que se espalha da mão á terra, para que a terra fecunde e se alegre!

Para a grande alma feminina e ingenua dessa paisagem lyricamente alegre e risonha, era o sol, em verdade, como que a origem do sonho e o espelho feiticeiro de todas as atrações, amorios e fantasias. Ele, como o ponto de rosa em que se fixa e se deslumbra a sede enorme, originaria e quasi reii-giosa de descobrir e possuir, exalta e prende, com paixão, o vale sem fim do meu logar natal, nessa maravilha de graça e gosto e sonho como, sob a beleza da sua quasi côr de estrela maior, os ramos e os rios com ele vivem e ao seu olhar como que se engrinaldam e cantam.

Sem a flôr raiada do sol, a um tempo indifferente e amavel, como poderia a terra, em cada um elemento vegetal e arvoreo, adornar-se de tal modo que parecesse cuidada e enrequecida e vestida por mãos estranhas das suas proprias mãos fantasiosas e leves?!

Com ele todas as côres se desco-

brem; são mais profundas e aveludadas as sombras, e o proprio ar parece elevado da terra e posto em vôo, em circulo de dança aerea, em ronda desprendida e voluptuosa e facil.

Com ele — eu o vi — tudo a si proprio parecia desejar-se, namorar-se.

Voando sempre, mais agudo pela garganta de entre os muros (sobre os quaes se debruçavam cachos rosados e indolentes de malva-rosa e rosas encarnadas de silva), o grito da machina, acelerando o comboio e batendo-lhe doidamente as ferragens, ia annunciando o desdobramento das estações e quasi o *terminus* da viagem. Com as mãos nas prateleiras dos sacos e dos baús de lata doirada, um ou outro camponez deitava os olhos ao que era seu, enquanto outros, debruçados á janela, se deliciavam, com o cabelo ao vento, dessa aragem que as latadas pareciam promover, levantando e ondeando a sua espessa folhagem verde, de agosto. A cortar, longamente, pelos estreitos e soturnos rasgões de montanha, logo a deante a perspectiva se descerrava, como automaticamente, num baldio largo e dum relvedo curto, com largas pastas amarelas alastrando. E então, na espinha das encostas os moinhos de vento, em lindos e claros grupos, doidejavam mais e mais alegres, a declinarem e a rodar. Bois pachorentos, com a mo-leira caida nos olhos, entre os milhos, faziam as suas voltas de promessa, ao redor da nóra. Novos pomares, cheios de sombra e de frutos, pendendo, provocadores, reviam-se no seu

gosto de conservar e amadurecer. Passavam, rentes, os caminhos de novas aldeias. E um novo silvo e alvoroço novo, enfebrecendo essa ingenua ventura de *chegar*, como que creavam no movimento fugitivo e amplo do comboio um largo vôo de aguia, tão largo e livre que a fantasia dos homens se alçava e, no embalo da mar-

Bitesgas de bairro poveiro, mal distintas pelo chapelão derrubado dos telhados que declinavam, e pela mesquinhez do corte de arruado, onde o sol mal pode entrar; claraboias de tópo em forma de mēda, que os globos de vidro, abrazilirados, inflamavam de côres; os fustes sombrios dos templos, erguidos em duas torres de velha



cha, como que se desprendia, num grande vento!

— *Eh!... Alem! Vê!...*

— *A Senhora da Lapa!*

— *S. José! Lá adeante!...*

E a Povoia de Varzim — terra plana, aberta ás portas do mar — toda a movimentar-se em frente, pela sugestão do comboio que avançava para ela, surgia-nos branca e a rodar e a voar, como um bando de borboletas que vae alçar-se, lento e claro, para as nuvens!...

secura e sujidade catolicas; e, ao longe, o Mar, azul e largo como uma seda desdobrada — tal era a fita de *cine* que passava alegre e ondeante, empoada do sol, barrada de calarias novas, e avermelhada, aqui e alem, nos felhados de estreia, muito frescos!

Logo a uma dobra de muro se descobria, alta ao fundo da linha, a estação de via-ferrea. Lá, enchendo o espaço ensombrado de sob a *marquise*, e entre as altas columnas verdes,

uma multidão de promiscuo voltava-se e como que vinha caminhando para nós. A cada momento a *gare* parecia alargar-se, e crescer, e aproximar-se mais e sempre; e de repente, sobre os estalos seccos e duros das ferragens, a machina avançou, correndo todo o seu peso e a sua sombra; uma fuga subita de vapor, silvava, curvilinia; declamava a corneta estridente da estação, e a locomotiva, estacando, fez contra si todo o peso enorme da carga, num ultimo esforço violento.

— *Povoa!* . . .

A'tivaram-se entre o movimento desconcertado, na *gare*, cem mãos de maritimos — de banheiros e pescadores — crescendo e parecendo multiplicarem-se contra as janelas, e pelos degraus das carruagens.

— *João Caneta!*

— *Banheiros. Os Tambucos!* . . .

— *Manoel da Hora!*

— *Vem a banhos?*

— *Os Moucos, meu brasileiro!*



E com as cestas de verga, os baús e as sacas anafadas de chita de ramagens brancas e vermelhas, homens de suissas e mulheres de cachenez e cordões de oiro, todos largavam em massa a plantaforma da estação, saindo e caminhando, entre os gritos das descargas e dos poveiros.

De tal modo viaja, do campo ao mar, o cavador, meu irmão.

II

Pela madrugada, ainda quando um véu de neblina fechava e guardava



para si toda a grande orla verde do mar, ficava-me esquecido ao peitoril da minha janela de hotel a ver, dali para cima, a ladeira de casario mourisco que subia, pictoresca e provincianamente, desde a *Praça do Almada* até ao largo aldeão das *Dóres* . . .

Sobre a velharia das telhas passaros vadios, aquela hora, assobiavam e voavam, em boa-vida de madrugada. Um mestre-alfaiate dava á machina, pressurosamente, na esquina fronteira, para os seus cinco filhos miudos. Chamava o sino á *missa do dia*, numa torre qualquer . . . E a vida, em mangas de camisa e com um cigarro a entreter ou, melhor, a dilatar os ocios, não se podia dizer — não, senhor — que me corresse lá muito mal.

Ao cair das cinco, chocalhando e dobrando a esquina, vinha diariamente um rebanho poeirento de cabras, chegado de S. Pedro de Rates. A voz

triste e serrana e longa de uma rapariga, apregoava, lentamente. . . Então Lisboa recordava-me, madrugadora e doce, cheia de melancolicos pregões populares; e sentia, sob a posse de toda a minha fraqueza de indolente e contemplativo, essa melancolia desagradavel do breve regresso, sempre tão despotica para com os meus desejos de vagabundo e ocioso.

A' luz tenue, levemente azulada, do amanhecer de preguiça, os olhos divagavam bem por sobre aquelas telheiras provincianas, todas pintadas na verdura scenografica dos musgos e por vezes na sequidão aspera dos liquens secos e antigos. Como o éco longinquo e sucessivo de uma batalha gigante — erguendo-se e ressuando em fortes, bruscas e profundas descargas — a voz do mar vinha até ali, já prevista e impotente, a alargar mais e mais o horisonte abstrato da minha moleza pecedora. . . Voltava, então, a pensar no regresso. . . Era como deixar desprender-se-me dos braços uma esplendida mulher, se acaso eu a tivesse. . . E, para me distrair, dispunha-me logo a observar a cabreira da esquina e o seu rebanho branco e castanho, a essa altura já todo alastrado pela rua pequena, como numa sésta improvisada e assaz justificada.

*
* *
*

Nas fisionomias mitologicas das cabras encontrei, por enumeras vezes, expressões de serenidade e de indiferença e de abstração, que nunca assim vi completas nos tipos humanos. As suas peras compridas e agudas, (como se um *mestre* de penteadôr as tivesse tra-

tado), suspendiam-se orgulhosamente, á guize, numa attitude carateristica e insinuante. Valia a pena disfrutar essa impertinencia de caraterisação, emquanto os galos cantavam alto e havia ainda neblinas ondulantes e azues e frescas, na manhã a desnudar-se. . . Mas como que todo o tipo mefistofelico se transformava, quando, com uma graça atraente, eu encontrava, e me demorava vendo e atendendo, os olhos humidos, verdes, quasi maternaes, com que as cabras disfrutavam as coisas mortas e velhas da rua morta, silenciosa. . .

A infinita doçura dos seus olhos chama-nos interessantemente! . . . Como que neles se encontra, de tão serenos e meigos, a graça de uma flôr que a alguém esquecera na indiferença da sua estrada longa e monotona. . . E não passam menos levemente pelos objetos que um reflexo de ave num espelho de aguas quietas. . . Sómente a um brado rude da cabreira franzina e côr de vitela — muito clára e loira e suja — ou ao éco subito do chocalho, agitado e badalado pela impertinencia barbara das moscas, essas cabeças se intimidavam e nos olhos fundos passava, imprevisamente, como que um obscuro relampago de temor infantil.

Os olhos dos animaes são amaveis.

Ainda alguém hade dizer-me os pensamentos fortes, novos e pacientes, que em tão barbara força de natureza, em tão primitiva força combustiva e timida, a um só tempo recordam a ação formidavel e exterior das guerras e o sorriso afavel e pitoresco das creanças, ingenuamente quietas entre as areias, separando os muluscos. . .

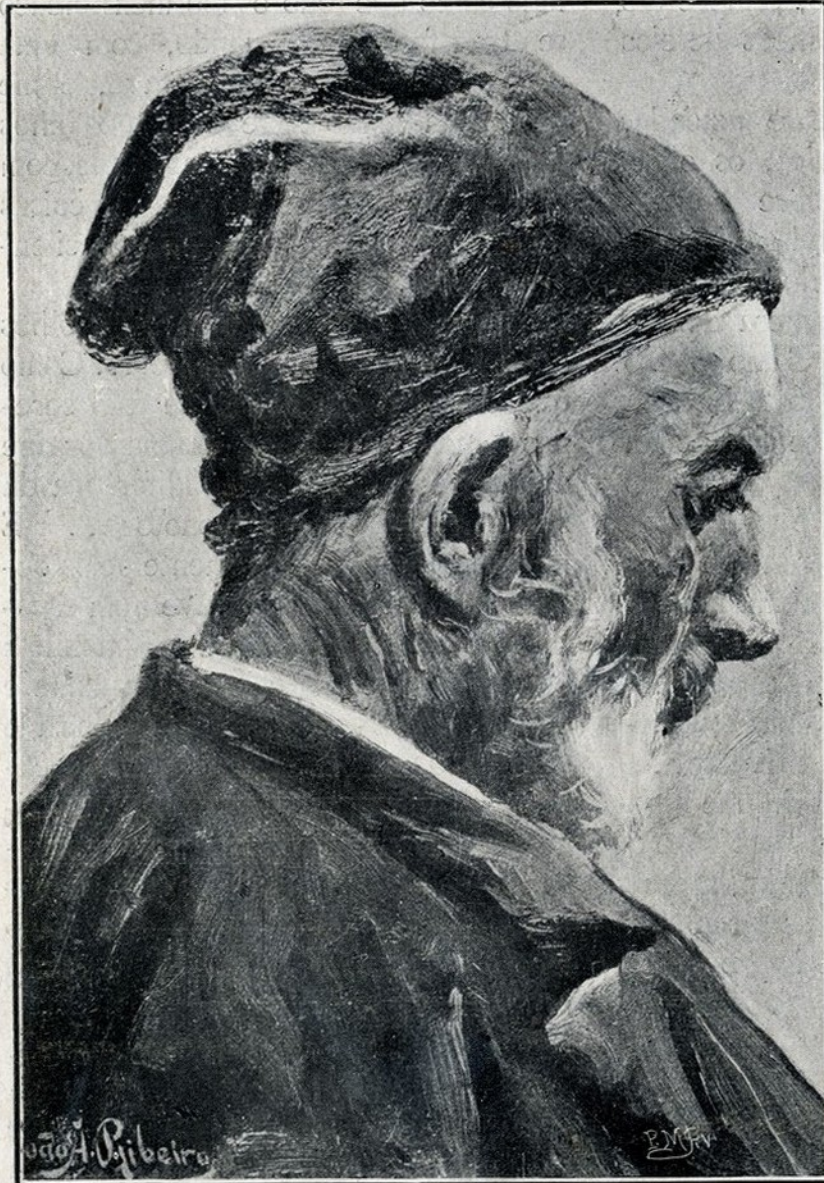
Na côr aguada dos olhos claros e

femininos, misteriosamente, a um tempo se definem e nos encantam os sentimentos que produzem a melancolia, vindos do peso de pensamentos reconditos e puros; e a dureza que promove a aversão, coalhada numa fixi-

dade, de melancolia e de amolecimento, idealmente místicos; e ao contrario, em vulgares horas, lhe acelerava as forças, ampliava a imagem, quasi congestivo de atitudes, — a esse impulso alguém hade irmanar — na floresta dos ventos, dos sentimentos, dos gestos e das expressões — entre a força barbara dos animaes e certa rudeza nobre dos elementos, uma comum maneira de ser, igual de valores, gemea de possibilidade...

Algumas vezes certa cabra castanho-escuro, em cujos olhos e caraterisação mitica se observava uma firmeza e estranheza singulares, erguia com forma ousada a escura cabeça solida e modelada de fauno, empregando duramente, para mim, os grandes olhos escuros de espanto!...

Não conheço — nem ninguém conhecerá, ao certo — beleza de olhos mais perfeitos, modelo animal mais



dez temível e decidida, terrivelmente quieta...

Porque neles tudo lereis, como eu o lia...

E a essa bravura misteriosa que ao mar dava dias tão plenos de tranquili-

completo, ousadia de expressão mais original. Como fixos por uma força tenaz e intencionada, paravam numa observação longa, curiosa, quasi metodisada... As aves, ás vezes, distraiam-n'a... E como pensando, e como satis-

feita, começava depois a concentrar-se todo o seu sentido imperfeito e fatigado; duramente os olhos se lhe cerravam, como com sono; e absorvendo-se de novo, de novo retomava a sua posição de quietitude, de bondade e como de paz...

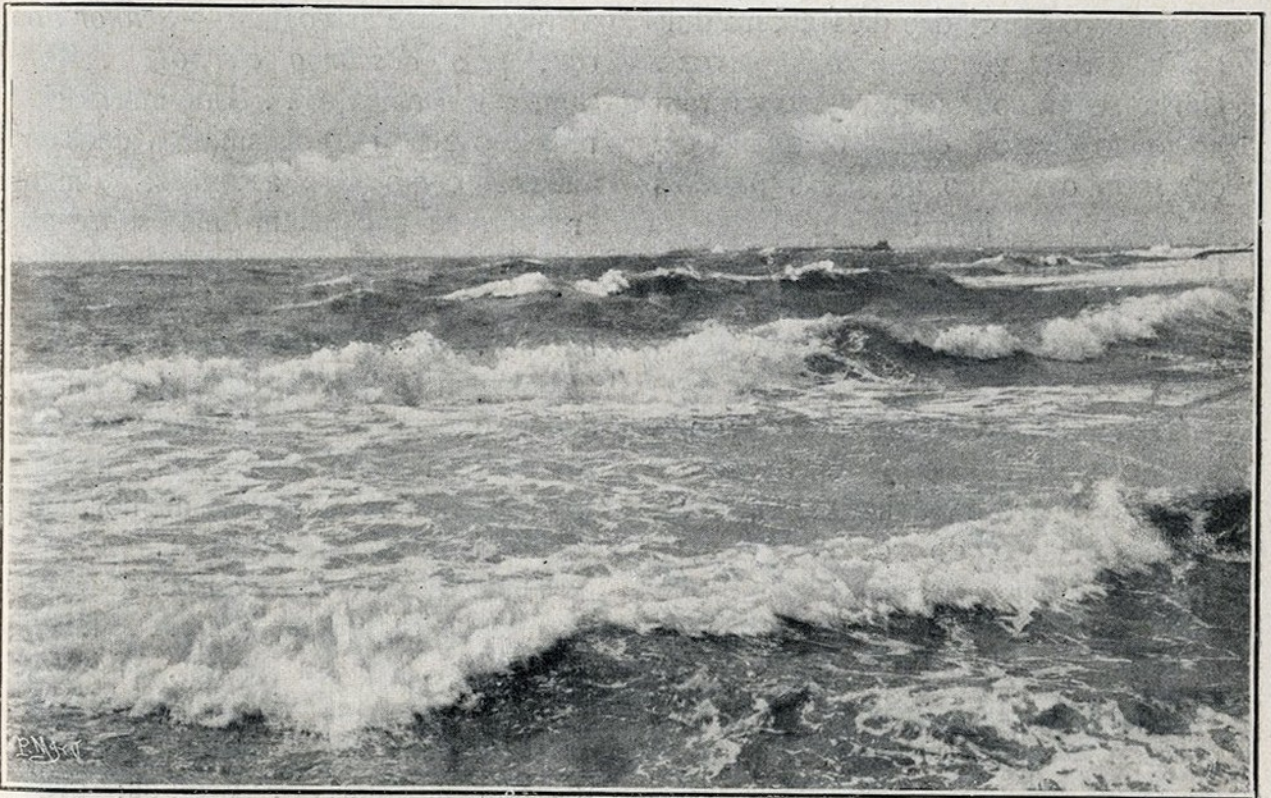
*
* * *

Nos beiraes os passaros continuavam voando de cá para lá, divertidos. Um fulgôr rosado, do sol ainda distante,

tionados de colera, cantavam o seu hino de amôr á Força, precipitando-se e atroando por toda a vila, immensamente rudes!...

III

Na grande alea da Avenida da praia, logo de manhã, passavam para um e outro lado os tipos curiosos das mulheres do povo — embiocando os chales as do campo, e as do mar a saia grossa e còr de pinhão, de saragoça.



refletia-se já no imenso *abat-jour* de porcelana que era o espaço lavado e azul e alegre. Outros sinos cantavam, lá a distancia.... Os musgos dos telhados pareciam lavados, de tanta frescura. Já me sentia viver no rumor da manhã levantada e viva. E para lá, para longe, continuamente roncões potentes do mar na fragua, como suges-

Como a fumarada de um incendio, a nevoa crescia ainda sobre o mar, visivelmente ás ondas. Caminhando, com o bater duro e constante dos tamancos ouvia-se o urro triste e longo das «cornetas» marinhas, supradas pelos rapazes russos e fortes, filhos de pescadores. Entre a serenidade e a frescura da hora, namorando quem melhor

as sentia, crusavam também pelas ruas os grupos de poveiras, de saia negra entufadando-se-lhes na cinta e as pernas vigorosamente desnudadas até acima do joelho, a carregarem maços de redes negras, ensarilhados de *râscas* e todos vertendo água salgada do mar, do serviço da pesca de sardinha, acabado momentos antes.

Lá deante, ao sul, regressando, divisavam-se tenuemente, entre as nevoas, os pannos suspensos das lanchas «devotas». Como que voltavam ao ritmo de uma orquestra oculta, serenamente vogantes e embriadas da frescura dulcíssima dos ventos e das nevoas. Umás seguindo as outras, cruzavam no longe difuso e cinzento; e para cá, em todo o espaço de águas que dois braços amplos imaginariam abranger, tudo também silenciosamente se empoava até aos nossos olhos, numa solidão que endolecia e nos tornava abstratos...

Tumultuosos volumes de onda, quebrando e cuspindo espumas, faziam de continuo o côro estranho que chegava, monotonamente, do rez da praia, a chorar...

E então, para traz de nós e nos retalhos da vila, ainda adormecidos, um sino pequeno e lamuriento «picava» á missa... Quem fosse ouvil-a, pelas bemditas almas!... Padres grossos do Minho, a banhos para a batota e para as mulheres, corriam desde manhã cedo á capela do *Passeio Alegre*, apressurados pela «corôa» do officio; e na capela, cuja sineta uma velha tangia por detraz da portada, logo se enfrunhava uma concorrência incrível, apertada, suja, immensa. Era um mar estranho de cabeças acinzentadas, de olhos suspensos, de mãos erguidas, pe-

trificado e mystico, como se fosse num grande quadro votivo.

*
* * *

Vinde vel-os — vinde ver os poveiros do casaco com remendos soltos, grandes contas de osso pendendo do pescoço, o peito nu, as mãos quietas no barrete, que erguem para as luzes os olhos cançados de medirem as linhas d'agua, para o oriente das águas! Olhae, olhae!... Erguem-se as mãos sobre as contas: — *Senhor do ceu, pelo descanço eterno!*... Resam, anciosamente... Um murmurio religioso e ancioso encaminha todas as almas — como todas as ondas, no mar errante, se encapelam umas sobre as outras.

— *Pelos do mar!*... *Bemditas almas! S. José de Riba-mar!*...

Soluçam; e como as águas cançadas, depois que uma onda quebrou, as vozes de resa como que arfam, que estremecem — anciando vida melhor, um sonho ainda mais infantil!...

Vinde vel-os — vinde ver que se engham e cançam e sonham!... Mãos centenarias, já agora pesadas, já inuteis, levaram redes, todavia, crearam filhos e arrancaram ás cordas duras e fortes das lanchas!... Vede-as: gretadas e empedrenidas, parece que se quebraram, as mãos vermelhas; que se tornaram estranhas aos proprios corpos que as possuem... Sob o arco da egreja, entanto, o sol descobre, e os velhos clamam, comovidamente:

— *Que estaes no ceu, santificado seja o vosso nome...*

Ouvem-se choros soturnos... As aves cantam no beiral da capela.

— . . . *venha a nós o vosso reino* . . .

E a campainha agita-se, o povo curva-se, ondula como uma nova onda que toma embalo para depois subir e rugir. — *Santos, santos, santos!* . . . ; e as cabeças que de novo se erguem, quasi todas eguaes, parecem cobertas, barradas, da cinza triste de uma la-reira morta . . .

— *Que estaes no ceu, santificado* . . .

Vindê vel-os — vinde ver as faces engelhadas, embiocadas de preto, das viuvvas; os olhos que se envidraçaram do choro, mortificados. Vinde ver as velhas do povo, gente que lutou e estreou, moças que foram de outro tempo — agora desfiguradas, de cabelo aspero recortado na fronte, boca rude e ensopada de cuspo, os pés descalços, a camisa do peito arremendada.

— *S. José de Riba-mar!* . . . *Senhor do ceu* . . . *Os barcos, S. José, os barcos!* . . .

E, na infinita miseria e infinita tristeza, olhae a raça nomada a empalidecer, a minguar, a recolher-se em si mesma, como o ultimo fogo de um sol, sobre a barreira do mar! . . .

*
* *
*

Como um murmurio noturno dagua, na maré baza, de todas essas almas uma oração melancolica se ergue, longa e inquietamente, a todo o momento cortada por um soluço ou uma exclamação, indefineis de tortura.

Nos rosarios do peito, sujos entre os cabellos crespos e asperos, toda uma *signa* fala; todo um destino, tão

tormentoso como infantil, se contraria e afervora e combate! . . .

— *Pelos do mar!* . . .

E velhos angulosos, de pescoço fino, as mãos contra o peito, olhar e alma dispersos por uma infinita região de sonho, fixam abstratamente o espaço, as luzes tremulas do altar, a propria religiosidade das figuras curvadas de em volta — como se fosse num fundo escuro e quieto dos ex-votos piedosos! . . .

Mais enternecidas, outras figuras do lado, embiocadas na saia negra de viuvvas, sobem os olhos todos numa angustia e enclinam melancolicamente a cabeça, com as mãos e o rosario postos na face, para uma supplica maior, entre choros e extasis . . .

— *Mortos no mar, que é delles?* . . .

Ha uma chama de espanto, de pavor e de morte e recolhimento, em cada um dos lumes tremulos do altar . . . Toques subitos, frios e tristes, de campainha, curvam e derrubam, até ao chão, velhas e venerandas cabeças de tristeza e saudade e miseria . . . Um fragor de vagas como que se levanta, rude e incerto como a um vento, dentro dessa capela espetral onde todos os rogos se atropelam e como tentam subir, mortificados! . . .

— *Senhora da Lapa!* . . .

— *Que estaes no ceu, santificado* . . .

— *S. José de Riba-mar!* . . .

— *Senhora da Boa Viagem* . . .

— . . . *que estaes no ceu, santificado!* . . .

“Mortos da agua . . . cadaveres frios na agua . . . braços perdidos pelo infinito da agua aflita . . .

Estão no mar, santificados . . .

Mas o povo volta de novo á rua!

Luzem ao sol aberto, de mil côres, os remendos vivos dos casacos, das saias e das calças enfoladas e rotas. A camisa de estopa abre em duas badanas no peito, onde os cabelos vegetam, crespos e como, cobertos de poeira, os tojos secos do monte.

Tipos grossos e cortados de verrugas, numa caracterisação excessiva de comicos, ferram os dentes no cachimbo, olham os ares e logo inclinam a

(Continua.)

cabeça parda para o barrete aberto nas duas mãos pesadas.

Viva onda ruidosa e facil, volta como se fosse num dia de festa. Esquecidos de todas as suas lastimas, heis que se apartam para todas as direcções, caminhando: os homens a fumarem e abstratamente fitando o longe; as mulheres seguindo a casa, embiocadas e com uma das mãos em *capela* sobre os olhos, numa revista interesseira ás aguas do oceano, agora limpas da nevoa e encaminhando algumas velas, sob a luz do sol!...

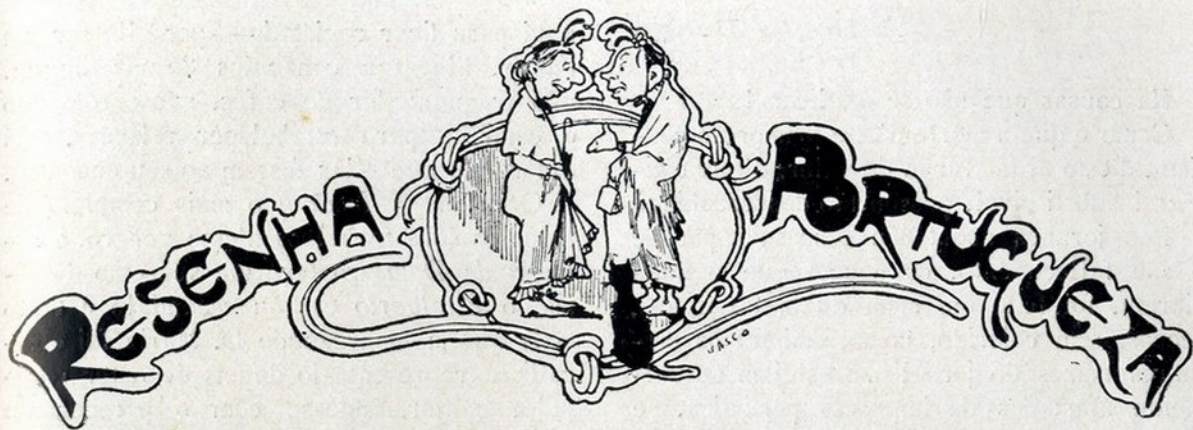
O' lobos dagua, quanto é belo!

ALFREDO GUIMARÃES.

**FARINHA
LACTEA NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.

Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910



Manuel d'Arriaga

Por 121 votos elegeu a Assembléa Nacional Constituinte, para exercer o logar de primeiro magistrado da nação, o sr. dr. Manuel d'Arriaga.

Dos republicanos antigos é elle o unico que resta em evidencia.

Enthusiasta pelo bem, democrata sincero, coherente em todos os actos da sua vida,

vingança politica, e d'ahi por diante continuou exercendo o seu mister de advogado com toda a proficiencia e real talento.

Eleito deputado, a sua voz calorosa e sympathica, a sua enorme eloquencia, só patrocinou as causas justas e populares. não com intuitos especuatiuos — porque sempre os desconheceu — mas porque a sua bondade o impelliu para as classes desfavorecidas.

Tem o verdadeiro culto pela familia, e o horror absoluto pela mentira.

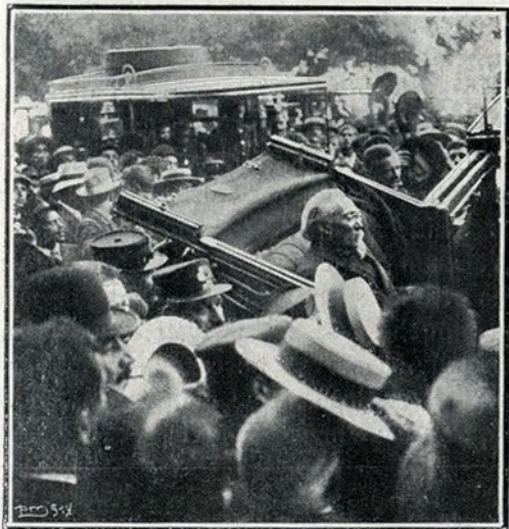
O logar que actualmente occupa não podia ser dado a um cidadão mais distincto.

Consequente, logico, intelligentissimo, conciliador, como deu mostras por occasião dos tumultos dos estudantes na Universidade de Coimbra, onde, como reitor interino, conseguiu com palavras de paz acalmar os animos. Manuel d'Arriaga só pelo muito amor ao seu paiz é que se decidiu a aceitar o elevado cargo que tudo indicava lhe devia ser confiado.

O seu desejo, porém, sería que o deixassem tranquillo, visto que a sua maior satisfação realisara-se já: a implantação da republica em Portugal.

Más todos os homens de bem, todos os honestos, todos os amantes do seu paiz devem vangloriar-se de ver que o poder cahiu n'umas mãos impollutas e que o hão-de restituir com toda a sua dignidade e livre de qualquer mancha.

E é o maior elogio que se póde fazer a este homem!



A' SAHIDA DO PARLAMENTÓ

não se lhe encontra a minima macula, e o seu character constitue ouro de verdadeira lei.

Professor d'inglez no lyceu, foi exonerado em 1881, diz-se que em obediencia a uma

Alberto Braga

Ha cousas que não se explicam!

Como é que a morte d'este primoroso con-
tista, d'este dramaturgo de valor, d'este *cau-
seur* insubstituível, passou tão despercebida?

Nos jornaes aconteceu o mesmo, porque
o seu fallecimento, os poucos que o noti-
ciaram, foi feito em meia duzia de linhas,
seccas, sem colorido, como, embora os me-
lhores nomes do jornalismo estejam actual-
mente afastados da imprensa periodica, se
alli não houvesse ainda meia duzia d'homens
que tinham restricta obrigação de não es-
quecer Alberto Braga.

Nunca lhe perdoaram, eu bem o sei, o
elle ser um coherente, um homem de sala,
o saber vestir, o ter as unhas sempre lim-
pas, a gravata bem posta, o collarinho e
os punhos d'uma alvura impecavel.

Não quiz a seu lado estabelecer *coteries*,
entendeu que tinha direito a tomar parte no
banquete da vida, sem recorrer a contume-
lias, sem dobrar a medulla.

No *Hotel Alliance* contou-me um dia:

— Do Rio de Janeiro mandaram-me per-
guntar se queria escrever para o *Jornal do
Commercio* umas chronicas semanaes. E que
estabelecesse o preço. Fixei cem mil réis
por mez. A resposta dizia: «Mas v. pro-
vavelmente ignora que o Ramalho e o Eça
não pedem semelhante quantia?». Ao que
retorqui: «Como ignorava que o Ramalho e
o Eça nunca tinham pedido esse dinheiro,
se quizerem a minha collaboração onde disse
cem mil réis mensaes leiam: *cento e vinte.*»

Uma *boutade* de bom gosto e que afinal
deu resultado, sobre tudo para o periodico,
onde ainda hoje são lembradas as chronicas
de *Diogo Matheus*.

Escrevendo lindamente em francez, o *So-
leil*, o *Gaulois*, o *Temps* estamparam alli di-
versos artigos sobre politica e litteratura,
que denotam o seu excellento criterio.

Como jornalista encontro-o em Lisboa no
Jornal do Commercio, *Novidades* e *Occi-
dente*; como escriptor conheço os *Contos da
minha lavra*, *Contos da aldeia*, *Novos con-
tos*, *Contos escolhidos* e os *Confidentes*.

No theatro, onde pretendeu triumphar,
não foi feliz devido a uma camarilha que,
assaltando o *gallinheiro*, protestava, não
contra o seu trabalho, mas — e escrevo-o

aqui para ficar registado — por elle ser um
dandy, alheio a cenaculos de má lingua,
não frequentador de cafés, não arroteando
o caminho para estabelecer relações, mas
esperando que ellas fossem ao seu encontro.

O drama a *Irmã* é o mais completo de
todos os seus trabalhos n'esse genero, a *Es-
trada de Damasco* teve um successo d'esti-
ma, o *Estatuario* causou escandalo e tanto
mais que a empresa de D. Maria foi obri-
gada a representa-lo depois de o ter recu-
sado, conformando-se com o parecer da
Academia das Sciencias.

A maneira como os artistas interpretaram
essa peça é tudo quanto ha de mais censu-
ravel, produzindo-se conflictos na platéa, e
foi um erro do auctor, porque depois de ter
obtido o beneplacito d'aquella corporação,
ficava n'um magnifico terreno declarando
que elle é que não consentia que o seu
drama fosse ahi interpretado.

Devo mencionar na sua obra litteraria o
Busto, um *lever de rideau* encantador, que
Lucinda Simões e Christiano de Sousa re-
presentaram na Rua dos Condes, e as tra-
ducções da *Francillon* e do *Homem do Dia*.

Por fim Alberto Braga tornou-se misan-
thropo, e a melancholia deu-lhe para que-
rer ao mar como se quer ás vezes a uma
mulher...

E n'uma d'estas tardes, quando o sol des-
apparecia, sentado n'uma cadeira junto a
uma janella que deitava para uma das
praias do norte, quando o crepusculo prin-
cipiava a invadir tudo em volta, o seu olhar
esmoreceu, as feições distenderam-se. as
mãos penderam-lhe, e a cabeça descansou
no rebordo da cadeira, sempre fitando as
ondas alterosas que vinham n'um doce mur-
murar quebrar-se na margem com toda a
serenidade, como se buscassem respeitar o
somno d'aquelle... que nunca mais as ve-
ria, que nunca mais as ouviria...

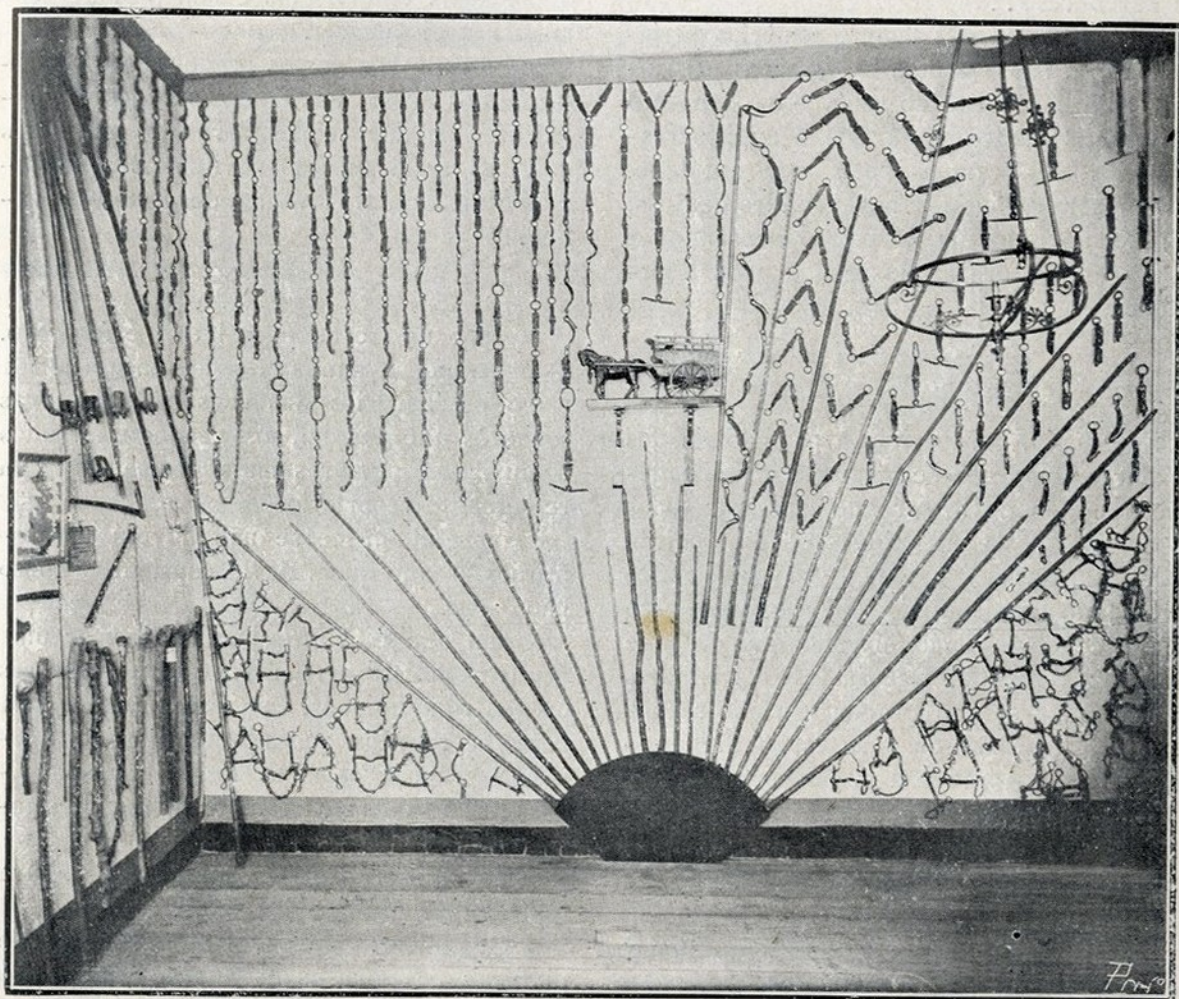
Protecção aos animaes

A Sociedade Protectora dos Animaes,
fundada em 1876 por um verdadeiro bene-
merito, o conselheiro José Silvestre Ribeiro,
expoz nas suas salas uma collecção d'ins-
trumentos de tortura com que os carrocei-
ros, boeiros e cocheiros atormentam aquel-
les que os ajudam a ganhar a vida.

Bem sei que alguns espiritos alçam os hombros ou riem desdenhosamente vendo que ha homens que se occupam com os maus tratos que se infligem aos animaes, quando por ahi ha tanta miseria e as creanças se entregam a uma vadiagem immoralissima.

Mas é aperfeiçoando-se os costumes em tudo e por tudo que se chega á perfectibilidade relativa.

Provavelmente os que acima mencionei, acham ridicula esta determinação administrativa... Eu não a considero assim. O passaro que abandona a liberdade dos campos para viver nas cidades modernas, encontra alli a subsistencia sem duvida, mas, a mór parte das vezes, falta-lhe os materiaes indispensaveis para formar a sua pequena casa aerea. Não acha esses tenros raminhos que servem para construir o ninho, e o



INSTRUMENTOS DE TORTURA

Para os que o não entendem assim deixem dizer-lhes que em Bruxellas deu-se ha pouco um espectáculo original. Nas arvores dos parques e dos *boulevards* viam-se homens pendurando ninhos nos ramos mais altos, obedecendo a um modelo confortavel, destinados aos pardaes, rouxinoes e outras aves que dão vida e alegria na atmospheria da velha cidade brabantina.

musgo natural que produzem certas arvores, e onde os filhos encontrarão um quente abrigo.

Não é justo que a auctoridade municipal se substitua á natureza, dando a esses hospedes alados o que elles d'outra fórma não teriam?

O municipio votou com esse fim 17.000 francos, sendo 4.000 para a compra de ni-

nhos e o resto para o pessoal empregado no serviço.

E' uma quantia que obrigaria muitos, se o caso se desse em Portugal, a levarem as mãos á cabeça, horrorizados, perguntando se n'este paiz se endoudecera de todo.

E se 17.000 francos representa algo, não lhes parece que as avesinhas dão, em troca, muito mais de 17.000 francos d'animacão e d'alegria?

Logo... os municipes é que ficam sendo os devedores...

Seriam as cidades sempre sombrias e tristes se aos seus jardins os passaros não levassem o imprevisto do seu vôo e o concerto dos seus trinados. E já que é preciso respeita-los nos campos, pela sua utilidade, devem ser protegidos nos grandes centros, porque nos dão um pouco do superfluo: a illusão da natureza, do espaço e da liberdade...

Um freio á oratoria

Na Russia, para evitar a prolixidade dos oradores, emprega-se um meio muito engenhoso e que devia ser adoptado por todos os parlamentos e assembléas onde os palradores abundam.

Quando um deputado sobe á tribuna, ante elle accende-se uma lampada que despede uma luz vermelha. Decorridos dez minutos a luz apaga-se e o orador tem que se calar... O mesmo dá que esteja ainda no exordio!... Aprende á sua custa a libertar o pensamento de bugigangas d'oratoria, a ser preciso, e a não desperdiçar um tempo que é precioso, visto pertencer á nação... e não a elle!

Este processo original, no intuito d'oppôr um dique ás ondas de verborrhea dos politicos, encanta todos os que teem horror á eloquencia que, dizia Alphonse Karr, é a culpada das tolices do parlamentarismo... E queria que se queimasse publicamente a tribuna, e não cessava de protestar contra

«esta tola invenção que exige um longo habito da palavra ante milhares de pessoas e obsta a que os homens que entendem d'uma especialidade a discutam, para entregar todas as questões áquelles que ignoram tudo... mas são oradores.»

Assim vemos os periodos succederem-se

aos periodos... e após os seus discursos, resumindo-os, não se aproveita nada.

A vida é rapida. Atravessamo-la n'um movimento desenfreado. Tudo, hoje, se faz precipitadamente... Porque é que a eloquencia parlamentar ha-de proseguir lenta, diffusa e prolixa?... Que se fale muito tempo dizendo-se cousas uteis, vá!... Mas é caso raro... O vulgar é cada qual inclinar-se não para quem sabe mais, mas para o que fala inutilmente, com mais força e por mais tempo. Pois é tempo já de desanimar a eloquencia.

Applicada aos nossos oradores parlamentares, aos nossos advogados, aos nossos conferentes, a luz moderadora dos discursos enormes seria uma maravilha. E se fossemos ajuizados, tratavamos de pô-la em pratica.

Satyros baratos

Recebo uma carta — a letra é feminina, — chamando a minha attenção para a fórma como os Tenorios das ruas se dirigem ás senhoras que passam, sós, vendo-se forçadas a ouvir as palavras mais grosseiras d'um repugnante reportorio.

E perguntam-me se não haverá um remedio, já que quem devia reprimir o abuso não o faz.

Creio que é muito simples: formar uma pequena policia particular, composta de tres ou quatro individuos, com bom ouvido e uma bengala rija, os quaes actuariam, no momento proprio, como se fossem paes, maridos, irmãos ou simplesmente transeuntes indignados.

Não seriam precisos muitos dias para tudo entrar nos devidos eixos.

Outro meio: applicar muitas elevadas e publicar nos jornaes os nomes dos sujeitos que infringem as regras da delicadeza, da boa educação, do respeito e da galanteria que se deve a uma senhora, e que essa praga social mostra desconhecer.

«Grèves»

Apenas uma conclue, surge logo outra, em Lisboa, nos arredores, nas provincias.

Falando do assumpto não o considerarei sob o pequeno ponto de vista se soffrem ou não soffrem os que andam a pé, se um

operario commetteu ou não commetteu uma falta, se o patrão tinha ou não tinha direito para o despedir, correlativo ao direito que o operario tinha e tem sempre para abandonar aquelle a quem serve. Todos esses interesses são sem duvida muito respeitaveis, mas acham-se á superficie da terra e precisa-se elevar o seu estudo a maior altura.

As associações de classe aggreimadas pelo socialismo travaram com o capital luctas que outr'ora não eram possiveis, e o resultado são as *grèves*. Os operarios combatem, e o capital, que não é uma unidade, porque ha muitos capitães da mesma indole que fazem competencia, é ao mesmo tempo atacado por dois pontos primaciaes: os que embaratecem o genero no mercado e os trabalhadores, pedindo a augmento de salario e diminuição d'horas de trabalho, encarecem a producção.

E d'aquí sahe a maior gravidade dos actuaes conflicts.

Crearam-se as industrias quando a mão d'obra era muito barata, e obtiveram-se excellentes lucros.

Mas a avides do ganho acenou aos capitães para estabelecerem outras do mesmo genero, e a competencia levou a baixar o preço no mercado até ao limite maximo que ao pequeno capital era permitido. E este vê-se obrigado a succumbir por falta de meios para resistir, e se a liberdade do trabalho, proclamada pela revolução, matou

a officina, que foi absorvida pela fabrica, esta lucta do socialismo tragará mais cedo ou mais tarde a fabrica isolada e fraca, empolgada por um poderoso syndicato, o *trust* dos grandes capitães, a companhia anony-ma...

As companhias opulentas e as sociedades operarias estabeleceram uma guerra que hade occupar parte d'este seculo.

Guerra implacavel e tenaz, e tanto mais quanto se perderam os principios que regulavam antigamente as relações entre patrões e operarios, entre amos e creados, e quanto



OS «GRÉVISTAS» NA MOITA

mais se esquece que somos todos irmãos.

Esses conflicts resolvem-se sempre pelo que mais pôde, como nas batalhas pelas armas.

E o que vence, dá a lei ao outro, assim como Brenno a impoz aos romanos. Ai do vencido! Como é natural, quasi sempre a solução não é justa. Pobres dos operarios se é o capital que os domina! Pobres dos industriaes quando o operario pôde mais do que elles e impõe a sua vontade!

E' o que as *grèves* são acima de tudo, o que convem estudar e remediar, principalmente se uma nação quer viver e os homens

não se convertem em lobos para os seus semelhantes.

Entretanto no Caramujo praticou-se um odioso attentado: lançaram fogo a varias fabricas de cortiça, sendo os prejuizos orçados em quantia superior a 500 contos.

Se se chegar á prova dolorosa que o incendio se deve á malevolencia, precisa-se proceder com energia.

Esperemos antes que não se desse uma acção criminosa, adquirindo-se a certeza que o mau destino foi o unico culpado. . .

As angelicas

No mez em que entramos ellas perfumam o ambiente, enfeitando com a sua presença os salões, porque são flôres delicadissimas, e muito queridas das mulheres.

A historia antiga confere ás angelicas um character oriental, dando-lhes a Persia como berço, dizendo-nos logo a fabula que a tibia atmosphaera d'aquella civilisação fastosa agitou o seu sonho e nymphas tão puras como a côr branca com que apparecem revestidas, foram os arautos da sua fama.

A historia da litteratura tambem as cita, bastando recordar as *Odes* d'Horacio.

Plinio e Strabão pormenorisaram os seus caracteres botanicos.

Os livros santos mencionam-as quando, ao referirem-se á Magdalena e á sua conversão, diz S. Marcos:

— *Venit mulier habens alabastrum unguenti vardí.*

Os poetas symbolisam-n'as como a innocencia da alma d'uma mulher, e Victor Hugo escreveu a seu respeito magnificos versos.

As raparigas devem preferi-las para se adornarem, porque, agradecidas á distincção, realçam-lhes os rostos, contribuindo para augmentar a moldura esplendida da belleza da mocidade.

São ás vezes as confidentes intimas das mulheres, inteiram-se d'occultas sympathias e percebem o *tic-tac* de certas pulsações; são o premio da constancia, symbolos de eterno carinho. Quando as folhas murcham e as petalas amarellecem, guardam-se cuidadosamente n'uma gaveta e n'ellas reside a vida das recordações, entre os maços de cartas d'amor, fitas e laços de *cotillon*, que

constituem um mundo, um convincente archivo d'illusões, de memorias, de felicidades que para sempre voaram, como para sempre tambem desapareceu a côr branca das angelicas, phtysicas enrugadas pela acção do tempo.

Querendo absorver a attenção geral, não desejando ter competidoras nem soffrer rivalidades, deixam nascer as rosas, os cravos, os amores-perfeitos brilhando com os seus placidos tons, e quando nos jardins não ha flôres e as folhas das arvores se preparam para a sua despedida, servindo de tapete para os melancholicos passeios do outono, as angelicas surgem sós, triumphantes, impondo a sua soberania e ostentando com arrogancia a sua alva *toilette* e o seu aroma penetrante.

Escolheram o branco, porque d'essa côr era a tunica dos sacerdotes da antiga Lei, branca a das Vestaes, brancos os flocos de neve, as pelles do arminho, o véo que envolve as noivas, a flôr de laranjeira. . .

De branco se vestem as meninas para receberem a primeira communhão, branca é a mortalha da joven que, na primavera da vida, paga o tributo á morte.

E as angelicas como que se formaram com a esteira que em sua volta deixou Venus ao sahir d'agua, coroando-se d'ondas e rodeando-se d'espuma. . .

O jogo

Carolina Otero esteve em Lisboa ha annos—e então ainda não era ella celebre pela sua belleza—e ao falar-lhe uma noite no Theatro Avenida, a conversação declinou para o jogo, e como sabia que era entusiasta da roleta perguntei-lhe:

—Quando vae a uma d'essas casas, tem ganho ou perdido?

Respondeu-me:

—No jogo, meu caro senhor, perde-se sempre. . .

Experto crede. . . Devemos acreditar nas pessoas que teem experiencia. . . Calcúlo que muitos jogadores inveterados dizem o mesmo que ella, quando fóra do raio d'atracção da mesa do jogo.

Acerquem-nos do tapete verde. . . e mudam logo d'opinião. E' porque julgam poder ganhar? . . . Qual! teem a certeza de ganhar. . .

Vous qui venez ici, mettez bas l'espérance

dizia Musset falando da casa de Bade... Não ha alma onde esteja mais fortemente aparafusada a esperança que na alma do jogador. Todas as noites a julga aniquilada... para renascer mais viril na manhã seguinte....

Essas campanhas levantadas em nome da moral e da virtude o que conseguiram?... O jogo extinguiu-se?...

Não.

Continuou clandestinamente.

Aquelles que entendem que se lhe deve dar toda a liberdade argumentam:

— Não impedirão que se jogue. E fazem mal em se interessar pelo jogador, porque elle não é interessante. Joga para ganhar, creiam, e mesmo não tem essa necessidade para se tentar... Não se suprime uma paixão, dissimula-se, para reventar com maior violencia.

E accrescentam com razão:

— Que significa a hypocrisia que consiste em prohibir o jogo em certas praças, em fingir que não existe em Lisboa, permitindo-o em feiras nos arredores de Lisboa, como Barreiro e Setubal, e nas thermas, o que chega a ser escandaloso?...

Eis o que opinam os partidarios do monopolio e da exploração dos jogos. E allegam que a melhor fórma de o moralisar seria obter d'elle lucros para obras sociaes, d'assistencia, d'hygiene...

Em verdade tem um certo bom senso. Mas o que temo é que se responda que o jogo é immoral e que o Estado, pelo menos, deve simular que é virtuoso.

A falsificação dos generos

Vae reunir-se em Stockolmo um congresso que interessa a todo o mundo, porque tem por fim estudar a falsificação dos productos alimenticios.

No que se reuniu ha dois annos demonstrou-se que quasi todos os comestiveis constituem falsificações mais ou menos perigosas, e estas fraudes effectuam-se nas cidades, porque alli o consumo é maior.

Como as despesas dos negociantes nos generos alimenticios são grandes e como a competencia é cada vez maior, os commer-



O INCENDIO NO CARAMUJO.

ciantes recorrem a esse meio, e é para agradecer que nas compras não entrem substancias prejudiciaes.

Todos sabem as combinações a que se presta o vinho; a primeira e a mais innocente é addicionar-lhe agua, mas como assim perde a côr, para o avermelhar os vendedores servem-se de pau campeche.

Ao leite chamam-lhe *alimento completo*, e ás vezes é mais que completo, porque, além da agua, juntam-lhe miolos de vacca ou de vitella.

E quanto a chouriços e paios? A carne

Pedro Alvares Cabral

de cão, além de ser saborosa, misturada com a do porco tem a faculta de se conservar fresca durante muito tempo.

Acontece o mesmo com o assucar, a pimenta, a manteiga, o chocolate, e quanto a conservas... tem a palavra os Estados-Unidos.

Encontra-se na rua um amigo e diz-se-lhe:

— Você está gordo.

— E' porque como agora muito e bem.

O infeliz não sabe que nem o leite é leite, nem o café é café. Não ha mais que rir dos que ao pão chamam pão e ao vinho vinho, embora nem um nem outro tenham cousa que se pareça.

E se algum dia se sentirem envenenados, ou a comida não lhes assentar bem, se julgam que, recorrendo ao medico, este os pôde salvar, enganam-se redondamente porque se expõem a que o remedio receitado seja tambem uma falsificação.

Se assim escrevo, é porque no ultimo congresso se estudaram as adultrações dos productos pharmaceuticos.

Felizes os tempos em que os que se dedicavam á exploração do proximo tinham um pouco, um nada mais, de consciencia, e só se atreviam a vender gato por lebre.

A Sociedade de Geographia de Lisboa prestou ao celebre navegante portuguez uma homenagem, indo inaugurar em Santarem, na igreja de Nossa Senhora da Graça, a capella onde repousam os restos de Cabral.

Foi D. Manuel, o *Venturoso*, que fez equipar em 1500 uma frota, confiando o commando a Pedro Alvares, indo com este Bartholomeu Dias e Nicolau Coelho, e para evitar a costa d'Africa, os ventos e correntes contrarias, emprehendeu pela primeira vez o navegar em pleno mar, até que chegou a uma latitude cerca do cabo da Boa-Esperança; mas as correntes levaram-o para 17° da latitude sul, a uma terra que suppoz ser uma ilha e a que chamou *Vera Cruz*; era o Brasil, de que tomou posse em nome do seu soberano. Depois de ter mandado um navio a Portugal, participando a

descoberta (que a Hespanha não contestou, embora os hespanhoes já tivessem visitado parte do litoral). Cabral fez-se á vela para leste, deparando-se-lhe terriveis tempestades, que afundaram quatro navios, conseguindo por fim dobrar o Cabo da Boa-Esperança, e alcançar a India. Em Calecut,



EGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA

descoberta (que a Hespanha não contestou, embora os hespanhoes já tivessem visitado parte do litoral). Cabral fez-se á vela para leste, deparando-se-lhe terriveis tempestades, que afundaram quatro navios, conseguindo por fim dobrar o Cabo da Boa-Esperança, e alcançar a India. Em Calecut,

de principio, foi bem recebido, mas a pouca diplomacia deu logar a um movimento popular, sendo assassinados cincoenta portugueses.

Depois de se vingar dos mouros de Calicut, Cabral continuou a exploração da costa de Malabar, encheu os seus navios de ricos carregamentos, e voltou para a Europa em 1501, tocando em Sofala. Como a Vasco da Gama, concedeu-se-lhe o *dom* em recompensa dos seus serviços. E desde então até 1526, anno em que falleceu, a historia estendeu um opaco véo sobre a sua vida.

A capella gothica onde estão os seus restos tem uma lapide em marmore preto, com letras douradas, lendo-se alli:

A restauração d'esta capella de S. João Baptista, onde repousam os restos mortaes de Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brasil, foi feita, em parte, com o producto d'uma subscrição popular d'iniciativa do dr. Alberto de Carvalho, aberta no Brasil pelo Jornal do Commercio do Rio de Janeiro e completada a expensas da Sociedade de Geographia de Lisboa, que acceitou o encargo de a mandar restaurar, ficando concluida e sendo inaugurada em 7 de setembro de 1911.

O ruido das cidades

Sentado ha dias a uma mesa do *Royal*, sem querer, ouvi a conversação d'um estrangeiro com um compatriota, e certifiquei-me que ha interesse em escutar as observações que elles fazem acerca dos paizes que atravessam. Não pretendo que sejam sempre justas, mas a mór parte das vezes deviam ser attendidas.

O facto do individuo se encontrar n'um outro meio, dá em resultado que o seu espirito critico aguça-se naturalmente. Vícios da nossa organização social, inconveniencias dos nossos costumes a que o habito nos torna insensíveis impressionam-o tanto mais vivamente quanto não está costumado a ve-los. E da sua apreciação pode-se tirar proveito util.

—E' claro,—era a continuação d'um dialogo a que de principio não ligara attenção—que não espera que lhe transmita todas as sensações que tenho recebido... Lisboa é uma cidade bonita. . não ha duvida... Mas não ha bella sem senão... A perfeição não existe... Ha muito barulho... Visitei varias capitães da Europa e bastantes cidades do Novo-Mundo. Em nenhuma vi ruas tão tumultuosas como aqui... Nova-York padeceu do mesmo mal, mas pozemos-lhe um bridão. Fundámos uma liga que tem por fim acabar com todos os ruidos excessivos, regulamentando o uso das businas, sereias, campainhas dos electricos, dos automoveis, e prohibiu-se o uso do chicote... Ah! os chicotes! .. Não se ouve outra cousa em certas ruas de Lisboa... Os carroceiros e os cocheiros abusam... Nunca vi bater nos cavallos com tanta malvadez. E os pobres!... Ainda hontem, sentei-me á mesa d'um café, ao pé da estação do caminho de ferro, e vinte creaturas mais ou menos esfarrapadas vieram pedir-me esmola. Na America não se consentiria que um honrado cidadão que toma o seu *cocktail* fosse assim incommodado... O que eu admiro é que os senhores possam viver n'este perpetuo *charivari*... Com certeza teem duas cousas que a nós nos faltam: nervos bem retemperados e uma paciencia a toda a prova...

PORTUGAL DA SILVA.





“Merlim e Veviana”

Foi o grande acontecimento do theatro ao ar livre — indevidamente chamado, como disse aqui, *theatro da Natureza* — no Passeio da Estrella, a estreia da sr.^a D. Cacilda de Castro, que apresentou uma peça em 1 acto, denominada *Merlim e Veviana*, e que vincou bem a sua vocação para este genero tão difficil e que acena tão seductoramente.

Disse vocação. Como é que se deve definir esta palavra?

Segundo eu, é uma sobreexcitação que concentra o pensamento humano n'um só ponto. A sua tyrannia póde ser fecunda, a não ser que se converta em *idéa fixa*, conduzindo por esse factó á loucura.

Mas um physiologista allemão affirma que é a exaltação das faculdades simias e da sêde d'imitação que reside em todo o ser, augmentando-lhe ainda a satisfação da sua vaidade por se transformar em diversas personagens, cujo nivel social ou moral o eleva acima da sua pessoa...

A este cynismo desprovido de cortezia galante era facil responder, mas afastar-me-hia muito do fim que me propuz, e só desejo referir-me ao *Merlim e Veviana*.

A auctora, que de ha muito se evidenciara em varias producções poeticas, é uma senhora intelligentissima, tendo o seu bello espirito magnificamente orientado na leitura

dos melhores auctores, e soube aos seus versos, ditos por artistas intelligentes, transmittir toda a transparencia da sua alma, versos sonoros como um clarim em campo de batalha, e que brilhavam mais que os focos electricos que dominavam o theatro,



D. CACILDA DE CASTRO

e os ramos das arvores como que escutavam embevecidos, movendo, por vezes, discretamente as suas folhas em signal de approvação.

Porque não se trata d'um acto em verso como tantos que por ahi apparecem durante

o anno, mas d'um trabalho consciencioso, sentido, onde se encontram fragmentos de coração, e quem sabe se a dôr, acobertada em rimas, quasi todas ricas, um verdadeiro thesouro; mas sobre o qual não se deve contar com dinheiro...

E se querem certificar-se do que acima digo, leiam:

Em cada arvore um deus que nos estende os braços;
abertas mãos, em ramos sobre os nossos passos...

A idéa é linda, e em nada inferior a esta:

E' sempre novo o coração
quando sente e caminha e segue o pensamento!

E' *Merlim e Veviana* um hymno ao amor, que vence tudo e que afinal é o unico senhor que domina, embora o seculo de positivismo em que nos debatemos, e assim como Marcellino Mesquita escreveu na *Leonor Telles*

Elle ha tanta mulher...

assim a sr.^a D. Cacilda interroga:

Porque é que um só olhar, um só unicamente,
nos endoia e perturba e traz em sobresalto?...

Nenhum dos dois dramaturgos responde, e creio mesmo que o leitor ficaria perplexo sem se poder decidir, ou pelo menos, nunca as opiniões seriam mais contradictorias.

Formosos estes versos:

Que um grande amor divino, absoluto, profundo
é uma lagrima de Deus
que faz rir o mundo!

Não me é licito delongar em citações e tanto mais que a peça é posta este mez á venda n'uma elegante edição da casa *Cernadas & C.^a*, mas embora com abuso, transcreverei ainda a entrada de *Merlim*, que é um perfeito encanto:

O' vozes da floresta, eis que vos surpreendo!...
Vozes das cousas
que bem sabeis falar...
como eu vos comprehendo!
Verdes folhas inquietas,
lubricas amantes,
só vós sabeis beijar...
Entrelaçados ramos,
lascivos, sensuaes,
que bem que vos amaes!

Fremitos d'amor,
por todo o bosque em flôr,
enlanguescidos ais...
d'arvores voluptuosas,
que bem sabeis sentir!
Enamorados echos,
sombras mysteriosas,
o que deixaes ouvir...
o que sabeis dizer...
Tudo aqui vive e sente
e ama eternamente!

Da sr.^a D. Cacilda de Castro, com o seu vigoroso talento, que ama a vida com uma especie de mysticismo, tem muito a esperar a arte, que ella tanto respeita.

E assim como odeia a mentira e a lisonja, permitta-me que lhe diga que não se atormente com o demonio da perfeição, que bastas vezes tem estiolado creaturas de valor, mas que buscando a perfectibilidade, desalentam afinal.

E ha muito a esperar d'esta joven escriptora de rosto insinuante e olhos cheios d'harmonia.

§. Carlos

Tudo leva a crer que abrirá as suas portas em dezembro, e são os empregarios do Theatro Real de Madrid que se abalançam a essa tentativa.

Contam elles com bons elementos, e a direcção artistica foi confiada a um distincto cantor, o barytono Mauricio Bensaude.

Com relação á adjudicação levantaram-se ultimamente algumas difficuldades; e não se sabe ainda se se conseguirá debella-las por completo.

Nacional

E' um problema de difficil solução o aventar qualquer cousa sobre esta casa.

Com uma companhia desmantelada, com um publico bastante arredo, ninguem sabe responder á pergunta:

—O que será a futura epocha no theatro de Garrett?

Republica

Abre as suas portas a 1 de novembro, passando uma revista ao seu repertorio, tendo em carteira varios originaes, devendo representar-se uma peça ingleza, traducção

d'Eduardo de Noronha, o *Marchand de bonheur*, interpretada por Angela Pinto e Bração, e as novidades mais attrahentes do estrangeiro.

Annuncia uma estreia, a da sr.^a D. Angela Espinosa.

Gymnasio

O conceituado theatro, dirigido por Valle, volta á sua antiga phase — e é o unico

Trindade

A futura epocha começará cerca do final d'outubro, com o regresso da companhia, que tem á sua frente uma verdadeira estrellá d'operetta — Palmyra Bastos.

E não é ousado dizer-lo, tanto mais que no Rio de Janeiro e S. Paulo a illustre actriz-cantora tem sido alvo das mais estrepitosas ovações, d'essas que se registam, tão poucas vezes se apresentam.



O FINAL DO 1.º ACTO DE «PEÇO A PALAVRA»

que explora esse genero — a comedia comica, burlesca, a farça, tendo constituido com esse fim um elenco muito homogeneo, garantia segura das excellentes noites que alli se devem passar.

Ouvir-se-ha na estreia a *Mulher do Commissario*, o *Rato Azul* e *Mensageiro da paz*, uma comedia dos srs. Arthur Cohen e Guilherme Barbosa, *charge* ao feminismo, outra de Julio de Menezes, a engraçadissima comedia de Veber, A «*cocotte*», uma peça originalissima cheia de *trouvailles* para a festa de Telmo, etc.

Palmyra deixa a operetta para voltar á comedia em 1912-1913.

Avenida

Abriu com a *Flór do Tojo*, operetta do sr. Campos Rodrigues, tendo como director de scena José Ricardo, que com Luiz Galhardo se constituiram em sociedade, buscando todas as maneiras de fazer uma epocha brilhante.

A competencia de José Ricardo é bem conhecida e elle é dos que não descansam e sabe do *métier*.

Apollo

Dirigido por Eduardo Schwalbach e com o *Chico das Pégas*, original d'este conhecido escriptor, com musica de Filippe Duarte, inaugurou a temporada, seguindo-se uma peça de Jacintho Benavente, o notavel dramaturgo hespanhol, buscando enfileirar no seu repertorio os nomes de varios escriptores portuguezes.

Variedades

Estabelecido na praça dos Restauradores, tem actualmente em scena uma revista, *Peço a palavra*, original dos srs. João Bastos e Alvaro Cabral.

Escripta no intuito d'agradar ás platéas populares, é claro que por vezes explora a nota pesada, e como a revista, n'um periodo não muito remoto, receberá o golpe de misericordia, não vale a pena censurar o genero, senão em si, ao menos pelo pre-

juizo que causa, estragando tanto rapaz de talento que se estreiará litterariamente no theatro.

Mas *Peço a palavra* tem muita graça, está bem vestida e é desempenhada razoavelmente.

Coliseo dos Recreios

Continúa em grande successo a companhia italiana, sobresahindo entre as operettas cantadas, o *Vendedor de Passaros*, que tem uma musica deliciosa, sendo de notar a afinação dos côros.

Animatographos

Chiado Terrasse e Salão da Trindade batem o *record* em *films* da maior actualidade, e o publico com a sua presença anima as emprezas a procurarem a maneira d'apresentar programmas variados e que conseguem attrahir concorrência.

PORTUGAL DA SILVA.



Comprimidos Bayer de Aspirina

O MELHOR REMEDIO CONTRA:

Influenza, constipações,
nevralgias, dores de cabeça, e de dentes, etc.



Curiosidades do tempo

Pela paz

Na revista internacional «Les documents du progrès» trata o sr. L. Bollack da solução do problema pacifista. Começa o autôr por constatar o caracter pacifista dos nossos tempos, e a evolução da opinião a esse respeito. Esta, de pacifica que era ha uns annos, transformou-se successivamente em «pacifista» e «pacifera»; depois de têr sentimentalmente detestado a guerra, a humanidade venerou a noção da paz, para hoje a cultivar tanto nos homens mais humildes como nas mais elevadas esferas dirigentes: não é já para a consciência, mas para o bom-senso que se apela. Os «paciferos» negam a utilidade de invocar principios abstractos; já não falam de justiça; afirmam que o problema está bem mais «terra a terra» do que se julga. Estudando as relações economicas entre as nações, provam que a guerra não pode existir pela excelente razão de que o vencedor perderia com ela tanto ou mais do que o vencido.

Apertados no nosso planeta, em lueta com as condições naturaes, perante bem positivos males impostos pelo meio, devemos eliminar todos os obstaculos ficticios. Entre esses, qual maior que a servidão militar e as despesas do armamento? Todos os homens comeriam a fartar se o estado guerreiro tivesse acabado ha quarenta annos. A opinião publica, mais penetrante e sensata, começa a perceber que a guerra é mais que um crime, — que é uma idiotice.

Para apressar o advento de uma era melhor, é preciso suprimir o proprio pensamento da guerra. Em primeiro logar pela educação, pela propaganda e esclarecimento do problema; em segun-

do pela diminuição successiva dos armamentos; pela federação politica dos Estados; finalmente, pelos tratados de arbitragem.

Por emquanto, o que se torna mais necessário é pensar na organização da «sancção», da «força» que imponha a paz aos Estados irrequietos que não se conformem com as decisões arbitraes. Falta o «policia» que pela força faça cumprir a decisão do juiz. O sr. Bollack propõe uma combinação ou uma lei de «boycottage» universal, para defeza do principio da arbitragem em si. Sabêmos que a vida de uma nação depende absolutamente das outras nações, e que as relações economicas internacionaes são hoje de tal forma extensas e intimas, que uma delas não poderia suportar o isolamento. Se pois em cada país se estabelecesse uma lei de «boycottage» proibindo as communicações com qualquer nação que recusasse recorrer á arbitragem sob proposta de uma outra, é certo que a nação isolada não poderia resistir a esse isolamento economico e moral, e que portanto se não atreveria a colocar-se nessa situação intoleravel. Os habitantes do país recalcitrante seriam os primeiros a manifestar-se por uma mais justa concepção dos seus interesses. Sob essa ameaça de revolução, o mais autoritario dos chefes de Estado se veria forçado a cedêr á invencivel pressão da opinião publica.

Trata-se pois de uma verdadeira liga dos neutros, certamente efficacissima, pois conhecem-se os efeitos das «boycottages» commerciaes restrictas, feitas por particulares, de que temos exemplos na dos Chineses contra os Japonêses e os Americanos, na dos Turcos contra os Austriacos, etc.

Que vos parece a idéa?



Serões das senhóras



A mulher japonesa

TODO o viajante que vae até ao Japão, nota certamente com enthusiasmo a forma como a mulher é activa e laboriosa n'aquelle pais.

N'outro tempo, as classes superiores e medianas levavam uma existencia limitada só ao íntimo das suas casas, e só a classe operaria trabalhava fóra; agora porém, toda a mulher desde a Imperatriz á mais pobre aldeã tem avançado no caminho do progresso e da prosperidade da sua patria.

A Imperatriz do Japão é a principal emprehendedora de todas as obras de filantropia. Sendo uma das mulheres mais inteligentes do Japão, o seu coração é magnanimo, e exerce a caridade sem limites. As duas obras que mais prendem a sua sympathia e interesse são a Sociedade da Cruz Vermelha, e a educação das raparigas pobres. Habilmente secundada por todas as damas da Casa Imperial e da aristocracia, ella tem promovido filantropicas sociedades em todas as principaes cidades, tendo só a Sociedade da Cruz Vermelha perto de cincoenta mil membros espalhados por diferentes partes do paiz.

E' em grande parte devido á Imperatriz que se tem fundado varios collegios para raparigas, e ao presente, todas as creanças, seja qual fór a sua posição social, são obrigadas a frequentar a escola, dos seis annos em diante. Dado este desenvolvimento pedagogico, este facto contribuirá certamente para os altos designios daquella nação. Depois de terem frequentado a escola, a maioria das raparigas japonezas procuram uma pro-

fissão ou officio, concorrendo a varias universidades, outras entrando em sociedades, para que d'algum meio possam adquirir a sua independencia.

Por esta forma são doutóras, jornalistas, professoras e explicadóras, directóras de varias empresas commerciaes, telegrafistas, e até revisóras de caminhos de ferro. De facto, têm seguido gradualmente a maioria das profissões que até aqui eram só da capacidade do homem, exercendo-as com o mais completo exito.

A vida domestica da mulher japoneza tem-se modificado grandemente, entrando nos habitos mais modernos da civilisação, pondo-se ao contacto da cultura da mulher europêa, e dando um resultado benefico para ambas. Varias alterações se têm produzido nas suas casas; a luz electrica e o gaz tem augmentado de anno a anno, e as machinas de costura já vão sendo vulgares. As vidraças já são empregadas nas janellas em vez do papel, e tanto as casas como as mobílias já se vão modificando em conformidade com os costumes do Occidente.

As japonezas mais ricas têm geralmente duas residencias uma ao lado da outra; uma puramente japoneza onde vivem seguindo os costumes nativos, e a outra em estylo europeu. Nesta ultima as creanças usam sentarem-se em cadeiras, comem carne com a faca e o garfo, e fallam o inglês.

As simples comidas japonezas estão sendo suplementadas com pão, carne, batatas, leite fresco e condensado, manteiga, alem de varios productos estrangeiros que estão sendo largamente consumidos.

Até aqui, era a mulher que preparava toda a especie de alimento, mas agora que a maior parte d'elles podem ser adquiridos

devidamente preparados. têm substituído esse trabalho por outras occupaões.

As mulheres da classe operaria teem a seu cargo uma grande parte da industria do paiz, tanto como o homem. Grande numero d'ellas trabalham nas fabricas empregando-se tambem uma grande parte nos trabalhos agricolas.

São ellas que semeiam e ceifam nos campos da plantaão do arroz, assim como cuidam das plantaões do chá, e da industria da seda, a qual é uma das mais importantes no Japão, cujo encargo é completamente destinado a ellas, observando os casulos e os bichos de seda, assim como tecendo a propria seda nas mais delicadas estruturas, que tanto causam a nossa admiraão.

A camponeza difficilmente se distingue do marido; usa o mesmo fato de algodão azul, calças, e o cabello atado em nó como o d'elle, emquanto que as suas cabeças são protegidas da força do sol, por grosseiros chapéus de palha, assim como tambem, as protegem das grandes nortadas, envolvendo-as em largos capuzes azues.

A mulher Japoneza é em todas as classes uma excellente esposa e mãe, uma esplendida dona de casa, sempre jovial e delicada. Nas classes superiores, a mulher embora frequente a sociedade mais do que antigamente, não deixa por isso de empregar parte do seu tempo nos deveres domesticos e conservar ainda os antigos costumes de esmerada cortezia e de delicadeza. Uma das suas occupaões diarias é fazer visitas, as quaes são cumpridas por meio das mais intrincadas etiquetas.

As raparigas nobres, são habitudas de creanças a saber arranjar e dispôr as flôres,

a servir o chá, acompanhando com gestos, segundo as regras do seu uso.

A pouco e pouco porém, teem-se deshabituaado dos seus costumes nativos, entrando nos costumes europeus, rejeitando até os seus lindos vestuarios para os substituir por toilettes de Paris e Londres.

Em varias cidades têm-se formado grandes clubs para senhôras, e varios jornaes trazendo assumptos interessantes para o feminismo, têm diariamente uma grande circulaão.

Ha porem um ponto na vida da mulher japonesa, deveras triste e insufficiente com relação á sua posição legal, e que a têm arrastado muitas vezes á miseria. Toda a sua vida é sujeita a uma constante escravidão. Quando nova obedece ao seu pae; quando casada, ao seu marido; a viuva é obrigada a obedecer ao seu primogenito.

Nunca lhe é dado ser attendida nas suas opiniões, e é sempre posta de lado, em qualquer circumstancia.

Nunca lhe é permittido queixar-se do seu marido, nem critica-lo por qualquer acto, sob pena de lhe ser requerido por isto o divorcio com a maxima facilidade.

Por esta mesma rasão muitas mulheres japonezas estão agora rejeitando o casamento dedicando-se com enthusiasmo a qualquer profissão que lhes possa assegurar uma independencia.

Todavia homens de certa superioridade, estão tratando da situaão, e é de toda a probabilidade que em curto espaço de tempo, as leis serão grandemente alteradas. Esse factio assegurará então, a mais completa e elevada posição que póde ambicionar a mulher japoneza.



devidamente preparados, têm substituído esse trabalho por outras occupaões.

As mulheres da classe operaria teem a seu cargo uma grande parte da industria do paiz, tanto como o homem. Grande numero d'ellas trabalham nas fabricas empregando-se tambem uma grande parte nos trabalhos agricolas.

São ellas que semeiam e ceifam nos campos da plantaão do arroz, assim como cuidam das plantaões do chá, e da industria da seda, a qual é uma das mais importantes no Japão, cujo encargo é completamente destinado a ellas, observando os casulos e os bichos de seda, assim como tecendo a propria seda nas mais delicadas estruturas, que tanto causam a nossa admiraão.

A camponeza difficilmente se distingue do marido; usa o mesmo fato de algodão azul, calças, e o cabello atado em nó como o d'elle, emquanto que as suas cabeças são protegidas da força do sol, por grosseiros chapéus de palha, assim como tambem, as protegem das grandes nortadas, envolvendo-as em largos capuzes azues.

A mulher Japoneza é em todas as classes uma excellente esposa e mãe, uma esplendida dona de casa, sempre jovial e delicada. Nas classes superiores, a mulher embora frequente a sociedade mais do que antigamente, não deixa por isso de empregar parte do seu tempo nos deveres domesticos e conservar ainda os antigos costumes de esmerada cortezia e de delicadeza. Uma das suas occupaões diarias é fazer visitas, as quaes são cumpridas por meio das mais intrincadas etiquetas.

As raparigas nobres, são habituaadas de creanças a saber arranjar e dispôr as flôres,

a servir o chá, acompanhando com gestos, segundo as regras do seu uso.

A pouco e pouco porém, teem-se deshabituaado dos seus costumes nativos, entrando nos costumes europeus, rejeitando até os seus lindos vestuarios para os substituir por toilettes de Paris e Londres.

Em varias cidades têm-se formado grandes clubs para senhôras, e varios jornaes trazendo assumptos interessantes para o feminismo, têm diariamente uma grande circulaão.

Ha porem um ponto na vida da mulher japoneza, deveras triste e insufficiente com relaão á sua posião legal, e que a têm arrastado muitas vezes á miseria. Toda a sua vida é sujeita a uma constante escravidão. Quando nova obedece ao seu pae; quando casada, ao seu marido; a viuva é obrigada a obedecer ao seu primogenito.

Nunca lhe é dado ser attendida nas suas opiniões, e é sempre posta de lado, em qualquer circumstancia.

Nunca lhe é permittido queixar-se do seu marido, nem critica-lo por qualquer acto, sob pena de lhe ser requerido por isto o divorcio com a maxima facilidade.

Por esta mesma rasão muitas mulheres japonezas estão agora rejeitando o casamento dedicando-se com enthusiasmo a qualquer profissão que lhes possa assegurar uma independencia.

Todavia homens de certa superioridade, estão tratando da situaão, e é de toda a probabilidade que em curto espaço de tempo, as leis serão grandemente alteradas. Esse facto assegurará então, a mais completa e elevada posião que póde ambicionar a mulher japoneza.

